

# CO\_EXISTIR

Proposta para um complexo de habitação *co-living* em Odivelas

Patrícia Isabel Batarda Caldeira Rosa  
(Licenciada em Estudos Arquitetónicos)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:  
Professor Doutor Pedro Rodrigues  
Professora Doutora Maria Dulce Loução

Júri:  
Professor Doutor Pedro António Alexandre Janeiro (Presidente)  
Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz (Vogal)  
Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues (Orientador)

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, Setembro, 2020







TÍTULO  
CO-EXISTIR

SUBTÍTULO  
Proposta para um complexo de habitação *co-living* em Odivelas

LICENCIADA  
Patrícia Isabel Batarda Caldeira Rosa

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA  
Professor Doutor Pedro Rodrigues  
Professora Doutora Maria Dulce Loução

PROJETO FINAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM  
ARQUITETURA

*Este relatório é composto por 14 113 palavras.*

Lisboa, Setembro, 2020



## AGRADECIMENTOS

Flávia, pela eterna parceria e por todo o suporte nas horas em que mais precisei.

À minha família, amigos, especialmente à Patrícia, Marcela e Carolina, pela preocupação e apoio incondicional.

Aos meus orientadores Professor Pedro Rodrigues e Professora Maria Dulce Loução, pela disponibilidade e partilha de conhecimento, que tornaram possível a realização deste projeto.

A todos os restantes que participaram direta e indiretamente no meu percurso académico.

## RESUMO

## PALAVRAS CHAVE

Co-living  
Coexistência  
Comunidade  
Formas de habitar  
Flexibilidade  
Habitações de baixa renda

O constante crescimento do número de imigrantes evidencia e alerta uma condição de insuficiência na capacidade de alojamento em Portugal. Estudos recentes apontam não só o aumento de novos portugueses, pelo saldo migratório, como das solicitações de acolhimento que, em 2019 contabilizam, pelo menos, 15 mil camas, sendo 10 mil situadas em Lisboa. Por ser a região com maior notoriedade nas pesquisas, este trabalho procurou compreender a realidade especificamente em Lisboa.

Através das investigações sobre o público alvo dos pedidos, nota-se que grande parte é composta por estudantes e jovens adultos. Outro aspecto observado foi a tendência na escolha das periferias de Lisboa como destino para moradia. A principal razão para esse movimento advém do alto custo de vida atual na Grande Lisboa. Essa, que além de acomodar o aumento do turismo e a abertura do mercado de arrendamento, comporta diversas faculdades e empresas.

Conhecida por muitos como “cidade dormitório”, Odivelas, além de integrar o deslocamento, possui grande potencial construtivo. Entre os múltiplos fatores investigados, nota-se, por exemplo, que em Odivelas existem contrastes - como a carência de equipamentos urbanos na margem sul da CRIL - e que a grande abundância de água da região é utilizada pela população local nas múltiplas hortas urbanas. Os principais motivos que pautam a escolha do terreno de intervenção são: a proximidade com a estação de metro do Senhor Roubado, as preexistências do lugar e a sua relação com a natureza.

Paralelamente a isso, em Lisboa, a propagação dos movimentos condizentes aos sistemas de partilha e comunidade tem sido significativa. Esses, têm cativado os indivíduos e já fazem parte do cotidiano português, como o Lx Factory, espaço de *Co-working*, e ultimamente, a Smart Studios, *Co-living*. Pesquisas como a “ONE SHARED HOUSE 2030”, projeto de Anton & Irene e SPACE10, demonstram o crescente interesse dos portugueses pela absorção da habitação comunitária.

Sendo assim, o trabalho associa a necessidade de alojamento à procura da habitação comunitária e resulta na implementação de um complexo de habitação *Co-living* em Odivelas. Os modos de intervenção e as diretrizes projetuais perpassam conceitos como flexibilidade, versatilidade e co-existência.

## ABSTRACT

## KEY WORDS

Co-living

Coexistence

Community

Ways of dwelling

Flexibility

Low-income housing

The constant growth in the number of immigrants highlights and warns of a condition of insufficient accommodation capacity in Portugal. Recent studies point not only to the increase in new Portuguese, due to the migratory balance, but also to requests for reception, which in 2019 account for at least 15 thousand beds, of which 10,000 are located in Lisbon. As this is the region with the most notoriety in research, this work tried to understand the reality specifically in Lisbon.

Through investigations into the target audience of requests, it is noted that a large part is composed by students and young adults. Another aspect observed was the trend in choosing the peripheries of Lisbon as a destination for housing. The main reason for this movement comes from the current high costs of living in the center of Lisbon. This, which in addition to accommodating the increase in tourism and the opening of the rental market, includes several universities and companies.

Known by many as a "dormitory city", the selected region, in addition to integrating the displacement, has great constructive potential. Among the multiple factors investigated, it is noted, for example, that in Odivelas there are contrasts - such as the lack of urban equipment on the south bank of CRIL - and that the great abundance of water in the region is used by the local population in the multiple urban gardens. The main reasons for choosing the intervention site are: the proximity to the Sr. Roubado metro station, the pre-existence of the place and its relationship with nature.

In parallel to this, in Lisbon, the spread of movements in line with sharing and community systems has been significant. These have captivated individuals and are already part of Portuguese daily life, such as Lx Factory, a Co-working space, and lately, Smart Studios, Co-living. Research such as "ONE SHARED HOUSE 2030", a project by Anton & Irene and SPACE10, demonstrates the growing interest of the Portuguese in the absorption of community housing.

Thus, the work associates the need for accommodation with the demand for community housing and results in the implementation of a Co-living housing complex in Odivelas. Intervention modes and design guidelines permeate concepts such as flexibility, versatility and co-existence.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
1.1. O tema e a problemática	15
1.2. Objetivos gerais	17
1.3. Objetivos específicos	17
1.4. Questões de trabalho e hipóteses	18
1.5. Justificativa	21
1.6. Metodologia	23
1.7. Estrutura e organização	23
VIDA COMPARTILHADA	27
2.1. Diferentes tipos de coabitação	28
2.1.1. Co-housing	29
2.1.2. Casa de repouso	30
2.1.3. Residência de estudantes	31
2.1.4. Aparthotel	32
2.1.5. Co-living como um serviço	33
2.2. Habitação compartilhada ao longo dos anos	34
2.3. Co-living	38
2.3.1. Como melhoria na qualidade de vida	40
2.3.2. Co-living ≠ Co-housing	41
2.3.3. Co-living em Portugal	42
2.3.4. Co-living e a pandemia	43
ÁREA DE INTERVENÇÃO	45
3.1. Vazios urbanos	46
3.2. Ruínas e memória	46
3.3. Contextualização urbana e histórica de Odivelas	47
3.4. Local de intervenção	48
3.5. Materiais, cores e texturas	51
3.6. Serviços e infraestruturas	52
3.7. Edificado envolvente	54

3.8. Espaços verdes	54
3.8.1. "Green corridors"	55
PROJETOS DE REFERÊNCIA	61
4.1. Pesquisa interativa - One Shared House 2030	62
4.2. Share House LT Josai - Japão	64
4.3. Coop housing - Berlim	68
4.4. The gap house - Coreia do Sul	72
4.5. Urban Village Project	76
4.6. Conclusões	80
COMPONENTE PROJETUAL	83
5.1. Análise <i>swot</i>	84
5.2. Perfil do morador	85
5.3. Estudo da volumetria	86
5.4. Sistema construtivo	87
5.5. Tipologias	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
BIBLIOGRAFIA	97
ANEXOS	103

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Fig. 1</b> Perspetiva interior - <i>Lange Eng</i>	29
Fonte: <a href="https://revistaplot.com.br/lange-eng/">https://revistaplot.com.br/lange-eng/</a>	
<b>Fig. 2</b> Perspetiva exterior - <i>Lange Eng</i>	29
Fonte: <a href="https://newspitalfields.wordpress.com/2015/11/20/lange-eng-collective-living-2/">https://newspitalfields.wordpress.com/2015/11/20/lange-eng-collective-living-2/</a>	
<b>Fig. 3</b> Perspetiva exterior - Veronica House Elderly Care Facility	30
<b>Fig. 4</b> Perspetiva exterior - Veronica House Elderly Care Facility	30
<b>Fig. 5</b> Perspetiva interior - Xior Student Housing U.hub Alvalade	31
<b>Fig. 6</b> Studio - Xior Student Housing U.hub Alvalade	31
<b>Fig. 7</b> Apartamento com três quartos - <i>Essencial Living</i>	32
Fonte: <a href="https://www.essentialliving.co.uk/">https://www.essentialliving.co.uk/</a>	
<b>Fig. 9</b> Loft - ZOKU Aparthotel	32
<b>Fig. 8</b> Apartamento com três quartos - <i>Essencial Living</i>	32
<b>Fig. 10</b> Bar - ZOKU Aparthotel	32
<b>Fig. 11</b> Apartamento 2 quartos - SameSame	33
<b>Fig. 12</b> Perspetiva interior - SameSame	33
<b>Fig. 13</b> Planta do caso de estudo "Unite d' Habitation"	35
<b>Fig. 14</b> Corte do caso de estudo "Unite d' Habitation"	35
<b>Fig. 15</b> Perspetiva exterior do caso de estudo "Unite d' Habitation"	36
<b>Fig. 16</b> Perspetiva exterior do caso de estudo "Unite d' Habitation"	36
<b>Fig. 17</b> Perspetiva exterior do caso de estudo "Unite d' Habitation"	36
<b>Fig. 18</b> Pormenor da fachada norte dos edifícios industriais	48
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 19</b> Perspetiva do interior dos edifícios industriais	48
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 20</b> Forno existente	48
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 21</b> Perspetiva do interior dos edifícios industriais	49
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 22</b> Perspetiva exterior do local de intervenção	49
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 23</b> Perspetiva geral do local de intervenção	49
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 24</b> Perspetiva exterior do local de intervenção	50
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 25</b> Perspetiva exterior do local de intervenção	50
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 26</b> Perspetiva exterior do local de intervenção	50
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 27</b> Perspetiva exterior do local de intervenção	50
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 28</b> Levantamento de materiais, texturas e cores encontradas no local de intervenção	51
Fonte: Estudo elaborado pela autora	
<b>Fig. 29</b> Levantamento das cores encontradas no local de intervenção - de acordo com o sistema de cores NCS	51
Fonte: Estudo elaborado pela autora	
<b>Fig. 30</b> Mapa de análise de serviços	52
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 31</b> Mapa de análise de infraestruturas	53
Fonte: Elaborado pela autora	



<b>Fig. 32</b> Mapa de análise do edificado	54
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 33</b> Mapa de análise dos espaços verdes	54
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 34</b> Diagrama de estudo de fraquezas	55
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 35</b> Diagrama de estudo de intenções	55
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 36</b> Planta do projeto urbano <i>Green Corridors</i>	56
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 37</b> <i>Place to be</i>	57
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 38</b> Terraços	57
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 39</b> Bacias de retenção como travessias no parque	57
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 40</b> Praça da igreja	57
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 41</b> Planta do programa <i>Green Corridors</i>	58
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 42</b> Diagrama de módulos comerciais	58
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 43</b> Implementação dos módulos comerciais	58
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 44</b> Implementação dos módulos comerciais	58
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 45</b> Implementação dos módulos comerciais	58
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 46</b> Diagrama de composição	64
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 47</b> Planta piso térreo áreas comuns	64
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 48</b> Planta piso térreo áreas privadas	64
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 49</b> Planta piso 1 áreas comuns	65
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 50</b> Planta piso 1 áreas privadas	65
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 51</b> Planta piso 1 áreas comuns	65
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 52</b> Planta piso 1 áreas privadas	65
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 53</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"	67
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 54</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"	67
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 55</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"	67
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 56</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"	67
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 57</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"	67
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	

<b>Fig. 58</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"	67
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 59</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"	67
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/">https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/</a>	
<b>Fig. 60</b> Diagrama de áreas	68
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten">https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten</a>	
<b>Fig. 61</b> Planta quarto para 1 pessoa	69
Fonte: <a href="https://issuu.com/lablogpublications/docs/2019_07_co-living_laura_vanazzi">https://issuu.com/lablogpublications/docs/2019_07_co-living_laura_vanazzi</a>	
<b>Fig. 62</b> Planta quarto para 2 pessoas	69
Fonte: <a href="https://issuu.com/lablogpublications/docs/2019_07_co-living_laura_vanazzi">https://issuu.com/lablogpublications/docs/2019_07_co-living_laura_vanazzi</a>	
<b>Fig. 63</b> Planta quarto para 2 pessoas	69
Fonte: <a href="https://issuu.com/lablogpublications/docs/2019_07_co-living_laura_vanazzi">https://issuu.com/lablogpublications/docs/2019_07_co-living_laura_vanazzi</a>	
<b>Fig. 64</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "Coop housing"	71
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten">https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten</a>	
<b>Fig. 65</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "Coop housing"	71
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten">https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten</a>	
<b>Fig. 66</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "Coop housing"	71
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten">https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten</a>	
<b>Fig. 67</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Coop housing"	71
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten">https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten</a>	
<b>Fig. 68</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Coop housing"	71
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten">https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten</a>	
<b>Fig. 69</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Coop housing"	71
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten">https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river- spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten</a>	
<b>Fig. 70</b> Diagrama de composição	72
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a>	
<b>Fig. 71</b> Planta piso 1 áreas privadas	73
Fonte: <a href="https://issuu.com/liyuchan/docs/2019_20511_1001684_chan_li_yu_share">https://issuu.com/liyuchan/docs/2019_20511_1001684_chan_li_yu_share</a>	
<b>Fig. 72</b> Planta piso 1 áreas privadas	73
Fonte: <a href="https://issuu.com/liyuchan/docs/2019_20511_1001684_chan_li_yu_share">https://issuu.com/liyuchan/docs/2019_20511_1001684_chan_li_yu_share</a>	
<b>Fig. 73</b> Planta piso 1 áreas privadas	73
Fonte: <a href="https://issuu.com/liyuchan/docs/2019_20511_1001684_chan_li_yu_share">https://issuu.com/liyuchan/docs/2019_20511_1001684_chan_li_yu_share</a>	
<b>Fig. 74</b> Planta piso 1 áreas privadas	73
Fonte: <a href="https://issuu.com/liyuchan/docs/2019_20511_1001684_chan_li_yu_share">https://issuu.com/liyuchan/docs/2019_20511_1001684_chan_li_yu_share</a>	
<b>Fig. 75</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"	75
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a>	
<b>Fig. 76</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"	75
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a>	
<b>Fig. 77</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"	75
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a>	
<b>Fig. 78</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"	75
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a>	
<b>Fig. 79</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"	75
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a>	
<b>Fig. 80</b> Perspetiva interior do projeto de referência "The gap house"	75

Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a>	
<b>Fig. 81</b> Diagrama de conceitos	76
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 82</b> Axonometria de apartamento para 1 pessoa	77
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 83</b> Axonometria de apartamento para 2 pessoas	77
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 84</b> Axonometria de apartamento para 2 pessoas	77
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 85</b> Axonometria de apartamento para 3 pessoas	77
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 86</b> Axonometria de apartamento para 4 pessoas	77
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 87</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "Urban Village Project"	79
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 88</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "Urban Village Project"	79
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 89</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "Urban Village Project"	79
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 90</b> Perspetiva exterior do projeto de referência "Urban Village Project"	79
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 91</b> Perspetiva interior do projeto de referência "Urban Village Project"	79
Fonte: <a href="https://www.urbanvillageproject.com/">https://www.urbanvillageproject.com/</a>	
<b>Fig. 92</b> Diagrama	86
Fonte: Elaborado pela autora	
<b>Fig. 93</b> Quarto duplex [4 pessoas]	88
<b>Fig. 94</b> Quarto duplex [4 pessoas]	88
<b>Fig. 95</b> Quarto de casal mobilidade reduzida	89
<b>Fig. 97</b> Quarto de casal	89
<b>Fig. 99</b> Quarto de casal duplex	89
<b>Fig. 96</b> Quarto de casal mobilidade reduzida	89
<b>Fig. 98</b> Quarto de casal	89
<b>Fig. 100</b> Quarto de casal duplex	89
<b>Fig. 101</b> Dormitório [4 pessoas]	90
<b>Fig. 103</b> Dormitório duplex [4 pessoas]	90
<b>Fig. 102</b> Dormitório [4 pessoas]	90
<b>Fig. 104</b> Dormitório duplex [4 pessoas]	90
<b>Fig. 105</b> Quarto individual mobilidade reduzida	91
<b>Fig. 107</b> Quarto individual	91
<b>Fig. 109</b> Quarto individual duplex	91
<b>Fig. 106</b> Quarto individual mobilidade reduzida	91
<b>Fig. 108</b> Quarto individual	91
<b>Fig. 110</b> Quarto individual duplex	91
<b>Fig. 102</b> Perspetiva exterior fachada Norte	94
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 103</b> Perspetiva exterior fachada Oeste	94
Fonte: Fotografia tirada pela autora	
<b>Fig. 104</b> Perspetiva exterior do pátio interno	94
Fonte: Fotografia tirada pela autora	

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela. 1</b> Evolução da população residente de 1900 a 2011, dados obtidos em PDM-CMO	47
---	----

**“Sometimes you gotta create what you  
want to be a part of”**

Geri Weitzman

## INTRODUÇÃO

### 1.1 O TEMA E A PROBLEMÁTICA

O presente documento visa dar uma possível resposta à carência de alojamento em Lisboa, Portugal. Como estratégia de intervenção, devido à crescente procura dos indivíduos pelos sistemas de partilha, propõe-se um complexo de habitação *Co-living* em Odivelas.

Ao analisar o cenário atual de Portugal pela ótica da habitação, observa-se que a capacidade de alojamento é insuficiente ao ser comparada com a demanda, principalmente para imigrantes e estudantes. Outra informação importante é a relação entre mobilidade e custo de vida. Embora o destino primordial dos envolvidos seja a Grande Lisboa, a procura por zonas periféricas tem se destacado, dado que o custo de vida é mais baixo.

A busca e preferência por moradias, tendo em consideração a proximidade do trabalho e/ou da universidade, é um fenómeno amplamente discutido e constatado nos estudos sobre o planeamento urbano, assim como o potencial no reuso dos vazios urbanos para melhoria da cidade. Dessa forma, o projeto busca estimular soluções que interliguem demandas sociais e reforçar a importância da reabilitação dos terrenos subutilizados no planeamento do traçado urbano.

Como caso de estudo, optou-se por intervir em Odivelas. A decisão teve como parâmetros, por exemplo, o fato de já comportar situações semelhantes de assentamento e mobilidade e por possuir grande potencialidade construtiva. Outro fator determinante foi a capacidade em explorar as novas maneiras de habitar e de inovação que esse movimento estimula, como ressalta Maria Dulce Loução em "Habitar o Desabitado":

"Importa refletir sobre os novos critérios que determinam o Habitar, bem como o significado de "inovação" nos espaços contemporâneos, onde questões como mobilidade, sustentabilidade, áreas mínimas, se cruzam com os temas da deficiência, da terceira idade, dos novos modelos de famílias, das minorias e imigração, exigindo uma reflexão sobre as relações entre o habitar convencional e os novos estilos de vida."

Loução, 2016, p. 18

Em paralelo à questão da carência de alojamentos, movimentos condizentes aos sistema de partilha têm sido cada vez mais requisitados. É possível perceber que não só o número de procura é crescente como, também, o número de espaços de *Co-working* e *Co-living*, por exemplo. Do famoso Lx Factory aos atuais Smart Studios, a busca pela vida em comunidade, embora não seja um tema recente, tem sido explorada e (re)descoberta através de novas formas de habitar.

Em suma, o trabalho associa a necessidade de alojamento ao expressivo interesse dos portugueses por novas habitações comunitárias e propõe um complexo de habitação *Co-living* em Odivelas. Pretende-se não só a reflexão sobre a importância da adequação da arquitetura para a sociedade actual como exemplificar, através de um projeto, a relação e possíveis vínculos no entendimento do planeamento da cidade.

Na análise feita em Odivelas percebe-se que grande parte dos moradores da zona sul são pessoas que trabalham fora da cidade de Lisboa, tornando-a conhecida como "cidade dormitório". Entre os múltiplos dados apreendidos na análise do lugar é importante destacar que muitas habitações são consideradas ilegais e que a CRIL é uma grande barreira, que acentua os contrastes entre as margens da cidade e que a grande abundância de água na região, é aproveitada pela população local para as diversas plantações de hortas existentes.

Por consequência, a escolha do local de intervenção, e o recorte do trabalho, considerou questões como: a proximidade com a estação de metro e, consequentemente com Lisboa, comportar grandes dimensões (cerca de 7mil m<sup>2</sup>), encontrar-se abandonado, possuir contacto direto com a natureza e ser beneficiado pela proposta de requalificação urbana de Odivelas, trabalhada durante o primeiro semestre de Laboratório de Projeto VI.

Embora o terreno tenha suportado diversas transformações durante o tempo, tais dados históricos não são precisos. No entanto, sabe-se que teriam sido edifícios industriais do início do século XX. Atualmente abandonados, para além de entulho e lixo em demasia, há materiais prejudiciais para a saúde (como telha de amianto) e grande parte da estrutura encontra-se degradada e em risco de derrocada.

Dessa maneira, optou-se por demolir parte dos edifícios existentes muito danificados e evidenciar os que podem ser reabilitados. Associado à questão de memória do lugar, os novos edifícios buscam uma relação de harmonia mas com clara distinção do antigo e do atual. Assim, manteve-se nas fachadas a lógica das esquadrias pré-existentes, o uso de traços ortogonais e os tijolos nas fachadas. Para a decisão do sistema construtivo a ser utilizado, foi adotado o sistema metálico. Considerou-se as necessidades, principalmente, dos espaços internos, como a versatilidade e a flexibilidade. Por fim, a disposição do espaço público como ferramenta de partilha e integração entre os vizinhos e os residentes.

## 12 OBJETIVOS GERAIS

O trabalho tem como intuito investigar não só as diferentes formas de habitar a fim de responder a uma necessidade latente em Odivelas, mas também, a carência de alojamento em Portugal. A aplicação visa a requalificação de um complexo abandonado, para torná-lo uma mais valia para a cidade. Entre as diferentes formas de habitar a serem exploradas, serão ressaltadas o *Co-living* e o *Co-working*.

Para além do público alvo identificado nos estudos analisados, é essencial compreender a capacidade de realojar as pessoas que, ao atenderem à demolição das casas ilegais, ficarão desalojadas. Assim, com o propósito de incorporar a realidade de Odivelas e atender às preocupações acerca do custo reduzido, diversas tipologias serão experimentadas, como casas compartilhadas, studios e duplex's.

Para a concepção das diretrizes projetuais dos múltiplos espaços, consideraram-se diversas referências teóricas e projetuais, assim como as pré-existências do lugar. Pesquisas acerca do tema, têm mapeado não só o estudo de espacialidade e materialidade mas, também, de comportamento social, como mostra o "ONE SHARED HOUSE 2030". Assim, a intervenção procura promover a interação entre os residentes e os habitantes de Odivelas ao estimular a partilha de espaços, ideias e experiências.

## 13 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- \_ Explorar as tipologias de habitação que mais se adequam às necessidades identificadas pelos moradores
- \_ Entender os benefícios e as dificuldades do *co-living* e do *co-working*
- \_ Avaliar o impacto do complexo na envolvente inserido
- \_ Analisar a potencialidade de novas habitações em Odivelas
- \_ Compreender as limitações, demandas e potenciais de Odivelas
- \_ Compreender como se estabelecem relações entre o espaço arquitetónico e as necessidades do *co-living*
- \_ Exaltar a potencialidade de terrenos abandonados e estimular a requalificação como estratégia de intervenção
- \_ Promover a interação entre os habitantes e estimular a partilha de espaços, ideias e experiências
- \_ Possibilidade de morar nos centros da cidade a um preço acessível

- \_ Analisar a relação bairro e cidade
- \_ Opções para formas de vida contemporâneas
- \_ Otimização do espaço: poucos elevadores; espaços compartilhados e comuns
- \_ Desenvolver uma propriedade conjunta de alugueres acessíveis a longo prazo

## 14 QUESTÕES DE TRABALHO E HIPÓTESES

### Q.1 Como o *co-living* pode melhorar a qualidade de vida das pessoas?

O *co-living*, assim como o *co-housing* tem, como princípio, a vida em comunidade, com partilhas de vivências e experiências. Para além dos benefícios dos laços afetivos, é considerado em diversos casos como uma resposta economicamente e culturalmente satisfatória diante da conjuntura atual. De qualquer modo, aumenta a possibilidade de alternativas para a escolha de diferentes estilos de vida.

É importante ressaltar a seriedade e eficiência que esses movimentos têm dedicado para com estas acomodações. A espacialidade e a ambiência foram adaptadas de modo a reinterpretar as inúmeras análises realizadas periodicamente, traçando não só o perfil dos interessados mas, criando um controle de qualidade. Para isso, evidenciam e estimulam a importância da presença de profissionais qualificados, como arquitetos, no projeto e no processo de concepção da obra.

Assim, o *co-living* não só facilita a solidificação de microcosmos, mas também procura fornecer um local seguro e preparado para atender às necessidades dos moradores. Não é possível afirmar que o *co-living* seja sempre a melhor solução mas, diante dos diagnósticos existentes, nota-se que pode auxiliar em diversas situações.

### Q.2 Quais as vantagens de uma habitação partilhada?

Para além de promover um senso de comunidade aos residentes e uma maior interação social, com acesso a eventos sociais e atividades comunitárias, o *co-living* oferece uma solução mais acessível e flexível do que de um apartamento convencional.

Uma habitação compartilhada que oferece privacidade e companheirismo aos residentes de igual forma, dependendo dos desejos individuais. Com acesso a eventos, espaços comuns e uma comunidade integrada o morador pode aproveitar tanto ou tão pouco, quanto desejar. Este tipo de habitação permite também vantagens económicas de partilha de despesas e redução do impacto ambiental.



### Q.3 Como este estilo de vida se diferencia positivamente dos outros?

Para além de ser um estilo de vida mais económico, ao permitir que as pessoas tenham o seu espaço privado, e ainda assim façam parte de uma "comunidade" que estimula a vida social em casa, o *co-living* pode melhorar a saúde e o bem-estar dos seus habitantes.

### Q.4 Qual a influência da vivência compartilhada na criação de memórias pessoais e para com o edifício?

A memória é constituída por factos e informações armazenadas através de vivências e experiências. Pode ser desenvolvida e estimulada não só com hábitos saudáveis como, também, por impulsos sensoriais e conhecimento através de repetições. Assim, a capacidade de manipulação do espaço presente na arquitetura pode ser uma fonte e ferramenta vantajosa nesse processo.

Em paralelo, a estrutura habitacional, principalmente no recorte de Lisboa, está insuficiente e em colapso. Por um lado, o investimento no turismo e nos imóveis. Por outro, o aumento de partilhas de moradias inadaptadas que alocam irresponsavelmente indivíduos completamente distintos. Isso mostra que a vivência compartilhada, de um modo ou de outro, já está inserida na lógica social da cidade.

Consequentemente, as memórias criadas nessa situação podem ser positivas e negativas e dependem de inúmeros fatores, alguns passíveis de intervenção; outros são subjetivos e dependem, exclusivamente, da experiência de cada um. O que o edifício pode é auxiliar nas percepções dos espaços, estimular as relações entre os moradores através das diretrizes projetuais e facilitar impressões e sensações de acolhimento, pertencimento e segurança, por exemplo.

### Q.5 Quais os equipamentos e serviços que serão necessários como suporte?

Para esta questão, avaliou-se duas situações: a oferta presente no contexto inserido e as necessidades básicas comuns às habitações, como mercado, comércio e farmácia, por exemplo. Entretanto e independentemente da função, a margem sul da CRIL em Odivelas carece de equipamentos e serviços urbanos, principalmente ao ser comparada com a margem norte.

No processo de análise para a elaboração do "*Green Corridors*" observou-se que as atividades priorizadas na zona de intervenção tendem a servir os meios de locomoção, como oficinas e postos de abastecimento, à exceção de uma escola e um teatro. Dessa forma, o projecto *Green Corridors* tem, como principais objetivo, não só suavizar a barreira e o contraste entre as duas margens, como estimular o investimento em serviços e equipamentos para a região.

De modo, a responder diretamente à carência do recorte, a proposta para o complexo, incorpora habitação e serviços no programa, como o reaproveitamento do edifício existente, para uso de mercado e farmácia. Espera-se ainda que futuros investimentos na região, estimulem as demais necessidades, como hospitais, escolas e comércio.

Q.6 Como fazer com que esse complexo se torne um catalisador para o desenvolvimento do entorno?

Como ressaltado anteriormente, na zona sul de Odivelas (delimitado pela CRIL) há carência de equipamento e serviços básicos. A escolha para o local de intervenção, após elaboração de um projeto urbano para a região, teve como parâmetros, circunstâncias importantes para ser capaz de influenciar a região.

O complexo, como construção, procura incluir não só os moradores dos edifícios, como de todo o entorno. Com as zonas comuns térreas, o mercado faceado para a zona pública, respeitando o existente, por exemplo, pretende-se a suavização de barreiras e limites. A presença da estação de metro do Sr. Roubado é outro aspecto essencial por facilitar o deslocamento dos indivíduos. Por fim, esses múltiplos fatores associados estimulam, por exemplo, a ocupação de outras zonas atualmente degradadas e facilitam o investimento nos comércios locais.

Q.7 Como é que essas habitações poderão ser desenvolvidas e “replicadas” noutros edifícios de Odivelas?

Odivelas tem assistido a um importante aumento de investimentos nos últimos anos, sendo muitos desses, para habitação. Entretanto, este complexo não tem a finalidade de ser um modelo, passível de réplicas.

Assim, o intuito do trabalho é demonstrar a potência contida nos vazios urbanos para a reestruturação urbana e resolução de problemas atuais. Espera-se com isso, que a lógica de concepção e a metodologia deste trabalho, a partir de inúmeras análises e percepção do contexto inserido, influencie as próximas intervenções.

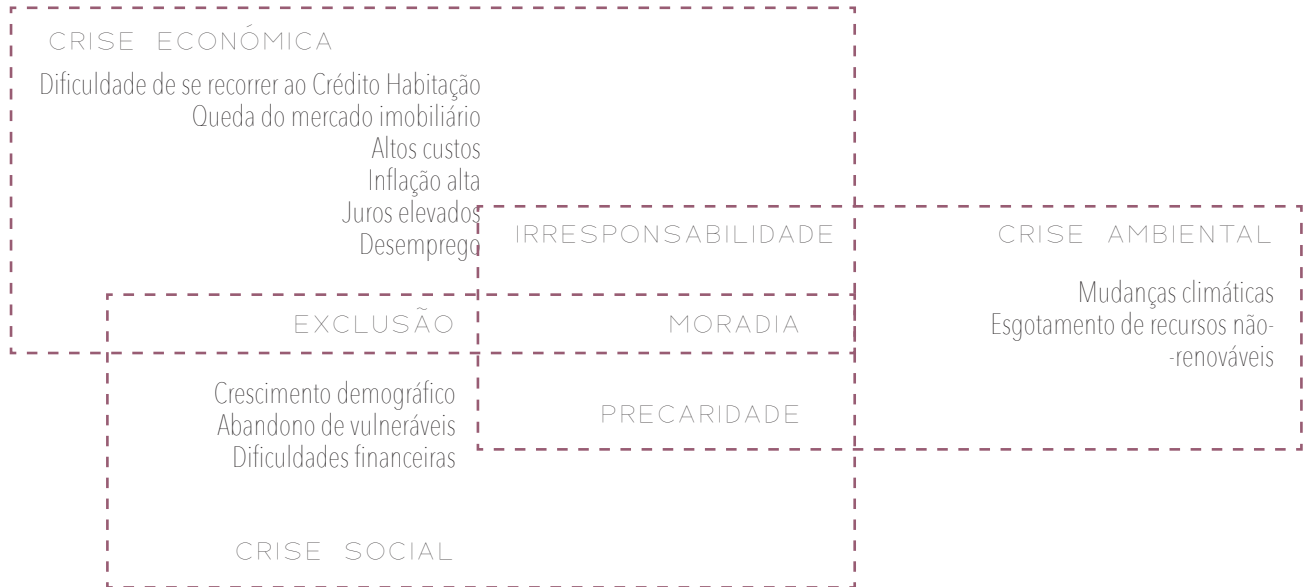
Q.8 Será esta uma forma de intervenção para outras zonas periféricas de Lisboa a fim de combater a subutilização das cidades?

A ocupação de zonas periféricas da cidade devido à exploração do centro, não é uma novidade nem um caso isolado. Entretanto, pouco se estimula na ocupação, a criação de múltiplos centros e, inclusive, da descentralização.

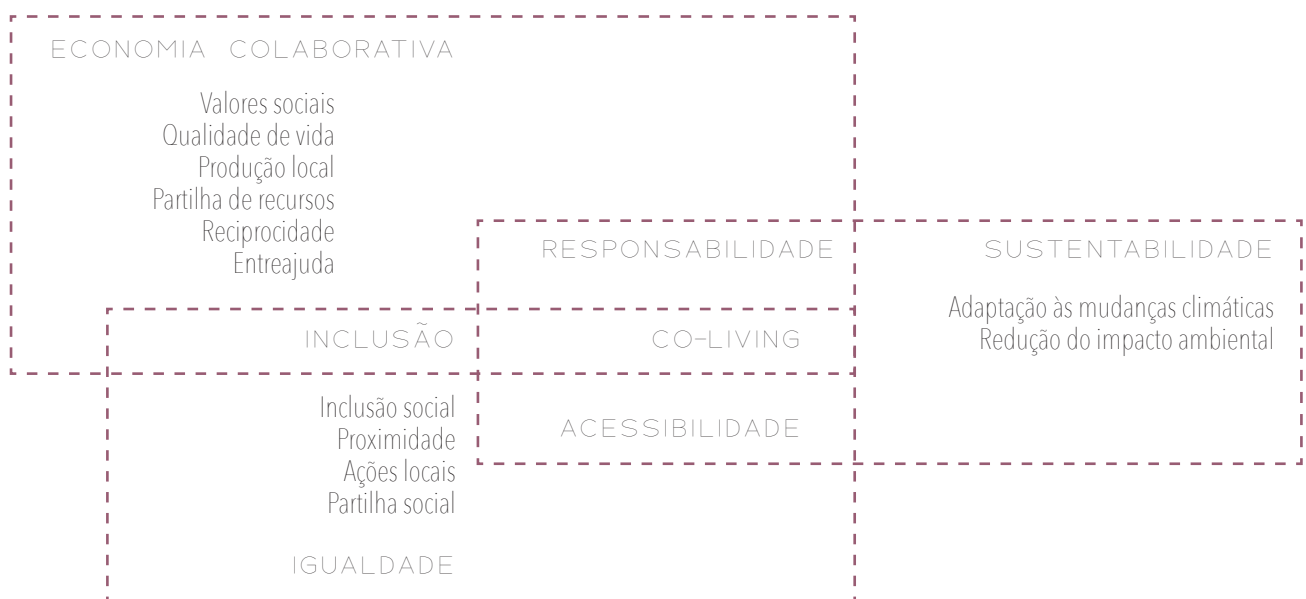
O trabalho procura resolver uma questão de necessidade de habitação mas destaca a importância e o potencial do contexto e do lugar como instrumento para investimentos e desenvolvimento.

## 15 JUSTIFICATIVA

### CRISES ATUAIS



### SOLUÇÕES BUSCADAS








Fonte: TUMMERS, Learning from co-housing initiatives, 2017, p. 77-81

## PORQUÊ CO-LIVING?

Apesar de, espacialmente, o *co-living* não ser nada de novo, existem potencialidades na sua execução que ainda podem ser exploradas, de modo a promover transformações necessárias para o contexto atual. Das principais vantagens destacam-se a colaboração, entreajuda e familiaridade entre moradores. Elas, pode trazer benefícios como a convivência multigeracional (reduzindo a solidão entre idosos, jovens e até mesmo crianças), a oportunidade de realizar pequenos trabalhos, remunerados ou não (ex. cuidado de dependentes ou animais) e, por fim, um maior senso de comunidade e priorização do bem comum sobre o individual. (TUMMERS, Learning from co-housing initiatives, 2017, p. 59-61)

Para os jovens adultos, público alvo do *co-living*, fazer parte de um grupo sintonizado e em harmonia, ajuda a estarem alinhados com seus objetivos e mais focados para progredir na vida e no trabalho. Juntamente com a independência financeira surge a independência familiar e, com isso, a vontade de se desvincularem das tradicionais moradas e buscarem ambientes onde consigam suprir melhor as suas necessidades.

Tem como objetivo principal, conectar os indivíduos que ali residem com pessoas e com o mundo, promovendo atividades que contribuam criativa e intelectualmente de uma maneira ativa, na comunidade em que estão inseridos. Ao ser um espaço colaborativo, os recursos são compartilhados, o que faz com que seja também uma morada mais sustentável.

VANTAGENS	DIMENSÃO
Relações de vizinhança, entreajuda quotidiana, partilha de espaços e de atividades, cuidado dos vulneráveis, interação social e intergeracional, [...]	 SOCIAL
Participação cidadã na produção de cidades e territórios, abertura da residência para o entorno e para o bairro, gestão demográfica, [...]	 POLÍTICA
Soluções ecológicas de proximidade, aproveitamento de espaços e equipamentos, densificação da habitação, ecoconstrução, [...]	 AMBIENTAL
Acesso a habitação de qualidade a baixo custo, divisão comunitária de custos, economia de escala, [...]	 ECONÓMICA
Adequação aos usos e necessidades dos habitantes, inovações arquitetónicas, renovação da residência multifamiliar, [...]	 ARQUITETÓNICA

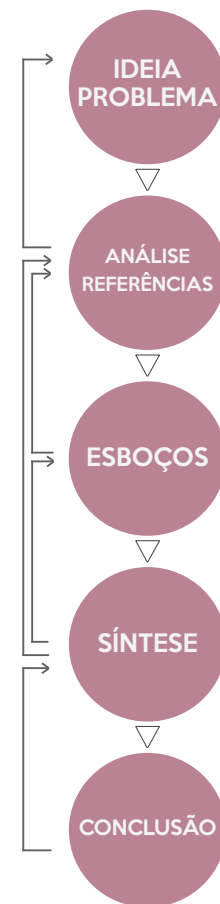
## 16. METODOLOGIA

O processo de investigação deste projeto inicia-se pela contextualização geográfica e cultural da cidade de Odivelas. Partindo da leitura do território, fez-se uma análise directa com registos fotográficos do espaço, das formas, dos materiais e dos usos, assim como da relação com o entorno. A compreensão da área de estudo foi complementada pela recolha de propostas de planos para o lugar, efetuadas pela Câmara Municipal de Lisboa, como o Plano de Urbanização, e de plantas geográficas.

Dessa forma, foi possível analisar e compreender a evolução deste território, mais concretamente, ao nível das suas infraestruturas e como zonas habitacionais e zonas verdes, por exemplo. Posteriormente, recolheram-se dados estatísticos quantitativos (INE) acerca da quantidade de alojamentos existentes, composição da população e estrutura etária.

Assim, a fase consecutiva tratou da recolha de análises bibliográficas diversificadas. Seguidamente, fez-se um estudo comparativo com múltiplos casos teóricos e práticos. Esses contribuíram na definição e sustentação dos conceitos e das temáticas abordadas, e na utilização de parâmetros desenvolvidos pela análise das problemáticas associadas às possíveis soluções das mesmas.

Consequentemente, optou-se por explorar os diferentes modos de habitar, das necessidades espaciais dos utilizadores e refletir sobre vivências individuais e coletivas. Dessa forma, deu-se início à criação de um complexo de habitação *co-living* que visa integrar um público multicultural e heterogéneo. Com espaços produtivos, multifuncionais e portadores de estruturas flexíveis, suprir as necessidades subjetivas ao tema de modo a garantir a sustentabilidade e o sentido de comunidade no conjunto habitacional.



## 17. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O trabalho está organizado em seis capítulos repartidos em diversos subcapítulos, sendo que cada retrata um tema em específico. A ordem da narrativa teve em consideração a metodologia adotada, que propõe o a leitura inicial através da escala macro, finalizando na escala micro. Dessa forma, a disposição iniciou-se por interpretar, compreender e apreender questões e pormenores acerca do tema e a vida compartilhada. A seguir explorar o lugar de intervenção, os casos de referência semelhantes e por fim, a conclusão da análise refletida sob a forma de uma componente projectual.

Síntese dos capítulos:

I \_ Diz respeito à introdução do tema. Inclui as problemáticas abordadas, os objetivos que se pretendem atingir, a estrutura e lógica do trabalho, bem como reflexões acerca de questões e hipóteses do trabalho.

II\_ Dedicar-se ao enquadramento teórico acerca da vida compartilhada, retratando e explicando alguns dos temas principais considerados sobre essa condição. Procura esclarecer o que é o *co-living*, as suas vantagens e contextualização dessa realidade em Portugal. São abordados conceitos relevantes e subjacentes às formas de habitar e o sentido de comunidade.

III\_ Divide-se em oito sub-capítulos que pretendem contextualizar e recolher informações sobre a cidade de Odivelas, mais especificamente, ao redor do local escolhido para a intervenção projetual (edifícios industriais devolutos perto da estação de metro do Senhor Roubado). Elaboraram-se assim, múltiplos mapas e diagramas, para auxiliar na identificação de parâmetros, como a carência de serviços e infraestruturas na zona Sul e perceber, no comportamento social, a importância da reflexão sobre alguns temas, como preservar a memória do lugar.

IV\_ Selecionaram-se referências teóricas e práticas consideradas relevantes acerca do tema e que influenciaram a abordagem do projeto. Adicionalmente, apontaram-se questões observadas consideradas imprescindíveis que pautaram as decisões e diretrizes projetuais.

V\_ Relata o desenvolvimento prático do projeto. Neste capítulo, são exploradas, por exemplo, as diretrizes projetuais utilizadas, o programa do projeto arquitetónico e as tipologias dos espaços aplicadas.

VI\_ Considerações finais, anexos e a bibliografia.



**"What attracts people most, it would  
appear, is other people"**

(WHYTE, W. H. 1980. The social life of small urban spaces.  
Washington, D.C., Conservation Foundation.p.19)



## VIDA COMPARTILHADA

A recente busca pela vida compartilhada tem reforçado movimentos de habitação comunitária, como o *co-living*. A economia compartilhada, um dos conceitos investidos por esses sistemas de partilha, realmente é um fator decisivo para muitos que procuram essa alternativa. Entretanto, razões como o sentido de comunidade e a importância de se pensar na sustentabilidade no estilo de vida, são conceitos igualmente indispensáveis na abordagem ao tema.

Embora esses movimentos compreendam a actual tendência em diversas cidades, a habitação coletiva não é inédita. Amplamente explorada na arquitetura, inclusive em respostas aos contextos sociais, como o modernismo, a vida compartilhada investe em diversos parâmetros e relações. Visto que este documento tem como produto um projeto de um complexo de habitação *co-living*, procurou-se compreender, enfatizar e refletir sobre este movimento.

## 2.1. DIFERENTES TIPOS DE COABITAÇÃO

A forma mais comum e prática de coabitação, é a partilha comum de casas ou o que preferimos definir como *co-living*, viver em coabitação. O mapeamento das práticas oferece uma perspectiva clara do fenómeno e de quantas pessoas estão envolvidas: são apartamentos, aglomerados definidos, compostos por diferentes unidades privadas e um espaço compartilhado. Este contém instalações como cozinha, sala de estar, sala de jantar, casa de banho, salas de estudo e outros serviços; enquanto as unidades privadas são diferentes umas das outras, para que possam hospedar-se diferentes tipos de residentes. Uma unidade corresponde a uma família que compõe um núcleo, que pode ser tanto de uma única pessoa como de uma família com filhos. O núcleo dentro do apartamento *co-living* não está relacionado ao sangue. As tipologias mais comuns de cohabitação estão relacionadas às práticas, que na maioria dos casos criam uma situação de vida desconfortável: auto-organização dos inquilinos para transformar um apartamento normal numa casa compartilhada, onde cada quarto se torna numa unidade privada e a sala, a casa de banho e a cozinha em áreas compartilhadas.

Dado o grande crescimento deste fenómeno, muitos projetos habitacionais de *co-living* começam a aparecer no mercado. Estes oferecem uma casa ou apartamento estudados e projetados, compostos por um ou mais núcleos, com uma boa proporção de espaço entre as unidades privadas e a área compartilhada e tipologias e dimensões diferentes das unidades privadas. São casas que garantem a privacidade dos moradores e, ao mesmo tempo, permitem morar com outras pessoas. Fornecem uma solução de habitação a longo prazo, como uma casa particular normal, que pode ser comprada com um contrato de aluguer ou propriedade. Não têm um alvo específico, mas, pelo contrário, fornecem uma solução residencial para a maior variedade de população: desde os mais jovens aos mais velhos, com uma grande variedade de residentes em termos de idade, trabalho e formação.

No entanto, desde a redescoberta da forma de vida compartilhada, o *co-housing* é sempre a mais popular e, quando as pessoas falam sobre coabitação, geralmente referem-se a esta tipologia, mesmo que nem sempre seja correto. Tendo hoje em conta a grande necessidade de habitações compartilhadas e apartamentos temporários, tem havido muitas tipologias de casas e acomodações compartilhadas, diferentes umas das outras, em termos de contratos, tipologias e alvos.

## 2.1.1 CO-HOUSING

O *co-housing* é a resposta social a um problema que, afeta, sobretudo, grupos vulneráveis como jovens ou idosos. Este sistema combina diferentes soluções arquitetônicas, com os princípios de vida comunitária, cooperativismo e propriedade coletiva. Influenciado pelo artigo "*Every children should have 100 parents*" escrito por Bodil Graae em 1967, nasce na Dinamarca, nos anos 70, a primeira comunidade co-housing para vinte sete famílias.

O *co-housing* tende a partir de um grupo reduzido de pessoas com os mesmos interesses, objetivos e filosofias de vida. É intencionalmente projetado pela comunidade, com amplos espaços comuns rodeados por casas particulares. Os espaços de colaboração, normalmente, incluem uma casa comum com uma grande cozinha e sala de jantar, lavanderia e áreas de lazer e jardins. Os vizinhos usam esses espaços para se reunirem, cozinhare, compartilharem ferramentas e trabalhar. A propriedade comum é gerida e mantida pelos membros da comunidade, estimulando ainda mais a integração dos residentes.

Dentro de vários exemplos de habitação *co-housing*, o *Lange Eng* em Albertslund, perto de Copenhaga, é uma das maiores comunidades de *co-housing* na Dinamarca, com 71 unidades habitacionais. Terminada em 2009, foi iniciada, criada e construída pelos residentes da mesma, que de várias maneiras, é uma versão atualizada dos co-housing tradicionais de 1970 existentes na Dinamarca. Com um espaço compartilhado de 600 m<sup>2</sup>, inclui: um cinema com 30 lugares, um minigolfe, sistemas de música, oficina de artes como máquinas de costura, um café com bar, área de recreação e arrecadações.



Fig. 1 Perspetiva interior - *Lange Eng*



Fig. 2 Perspetiva exterior - *Lange Eng*

## 212. CASA DE REPOUSO

Estes são esquemas de habitação previstos para idosos ou pessoas com necessidades especiais. O objetivo é ajudá-los a ter uma vida independente, com o apoio constante de um assistente no local. O usuário escolhe a casa, e poderá compartilhar o apartamento com uma ou um grupo de pessoas e que tipo de apoio recebe; dependendo de sua condição e do serviço que ele gostaria de receber. Existem pacotes diferentes e um imposto fixo a ser pago. Como há muitos exemplos dessa tipologia de vida, geralmente são divididos em categorias com base na condição física ou mental do paciente.

O Homeshare é um exemplo. Trata-se de uma associação que opera no Reino Unido, que une pessoas com benefícios mútuos. O dono do apartamento, neste caso, beneficiaria de uma ajuda de um colaborador, que presta vários serviços por 10 horas semanais, usufruindo assim de uma renda mais baixa. (HomeShare UK, 2018).

Existem muitos exemplos de vida suportada, como o NHS, o Choice Care Group ou o Alpha Living Service, que oferece possibilidades de compartilhamento em domicílio e instalações de atendimento domiciliar de diferentes tipologias (Choice Care Group, 2019).

Um projeto recente é o Veronica House Elderly Care Facility em Stuttgart: é uma estrutura diretamente conectada à clínica de saúde, que fornece instalações compartilhadas e quartos privativos para os pacientes. A área compartilhada está localizada ao redor do quarto, além disso, há uma localizada no térreo, com muitos serviços acessíveis pelos visitantes também. A parte compartilhada inclui espaços de refeições comuns, uma sala de estar e uma cozinha também comum.



**Fig. 3** Perspectiva exterior - Veronica House Elderly Care Facility



**Fig. 4** Perspectiva exterior - Veronica House Elderly Care Facility

## 2.1.3. RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES

É um projeto de edifício residencial concebido para estudantes e administrado pelas autoridades educacionais locais. Eles geralmente são conectados através de uma universidade específica como um serviço extra que eles oferecem aos estudantes. Através de um contrato simples que inclui um apartamento, wifi e as contas de uma casa normal, oferecem quartos individuais ou duplos alugáveis, com instalação sanitária incluída ou não e uma cozinha e sala de estar compartilhadas entre os moradores.

O edifício pode ser dividido em vários apartamentos, onde de três a sete pessoas dividem as instalações compartilhadas, mantendo a privacidade de seus quartos. Caso contrário, a sala e a cozinha são compartilhadas em grupos maiores, como o andar inteiro ou o prédio inteiro, com um quarto e instalação sanitária privativos incluídos. A residência de estudantes geralmente contém espaço extra para estudos, academia, biblioteca e espaço para eventos.

Existem muitos exemplos de casas para estudantes e a maioria das universidades maiores do mundo fornecem residências para estudantes, enquanto que em países como Portugal, por exemplo, quase todas as cidades têm também residências que não estão diretamente conectadas com uma determinada universidade. Student Ville, Collegiate, Xior Student Housing são alguns exemplos dessas residências estudantis, onde todas elas incluem: ginásio, espaços exteriores, lavandaria, serviço de limpeza, wifi, entre outras comodidades. Para além disso, possuem algumas tipologias de quartos como desde studios com cozinha a quartos privados ou partilhados e com ou sem casa de banho.



Fig. 5 Perspetiva interior - Xior Student Housing U.hub Alvalade



Fig. 6 Studio - Xior Student Housing U.hub Alvalade



## 2.14 APARTHOTEL

Como o próprio nome diz, é a união do conforto de um apartamento com o benefício do serviço de hotel. São apartamentos totalmente mobilados, para estadias de curta ou longa duração, que oferecem variados serviços aos hóspedes, como lavanderia, serviço de quarto ou limpeza diária. Para além de um espaço privado, o edifício normalmente contém espaços sociais compartilhados, como por exemplo lounges, salas de jogos, ginásio, para possibilitar uma interação entre os moradores.

Como exemplo, o *Essential Living*, localizado em quatro zonas de Londres, oferece quatro tipologias de apartamentos: studios, apartamento com um, dois ou três quartos. Adicionalmente, o edifício oferece áreas compartilhadas, como por exemplo rooftops, e a própria administração organiza eventos sociais de maneira a estimular o senso de comunidade entre os residentes.



Fig. 7 Apartamento com três quartos - *Essencial Living*

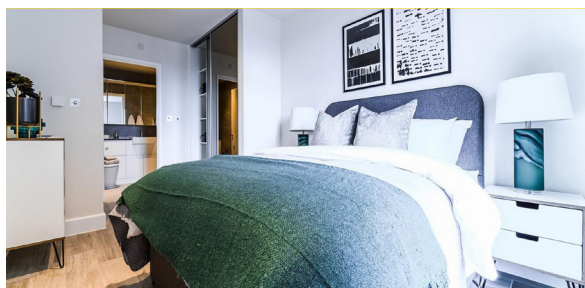


Fig. 8 Apartamento com três quartos - *Essencial Living*

O ZOKU em Amsterdão é outra referência de um aparthotel. Oferece dois tipos de alojamento: lofts totalmente equipados, com cozinha, casa de banho e sala de estar, ou quartos para uma ou duas pessoas com casa de banho privada. Além disso possui 500m<sup>2</sup> de espaços sociais: um bar, uma sala de estar, uma cozinha, espaços de trabalho, salas de reuniões, lavanderia, sala de jogos entre outros.

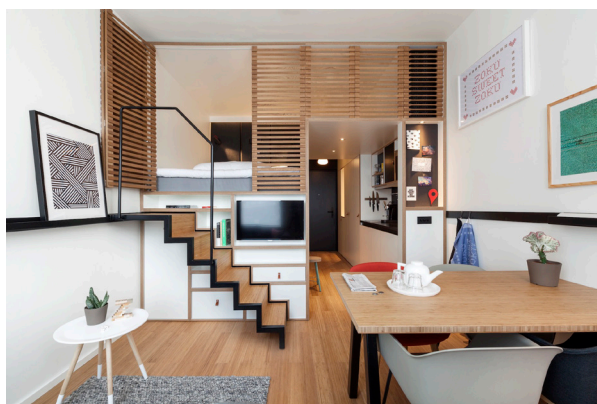


Fig. 9 Loft - ZOKU Aparthotel



Fig. 10 Bar - ZOKU Aparthotel

## 2.15. CO-LIVING COMO UM SERVIÇO

O grande sucesso dos espaços de trabalho coletivo leva as mesmas empresas ou novas a expandir a área de trabalho coletivo no espaço de convivência, oferecendo deste modo o mais alto nível de conforto, flexibilidade e imediatismo. Os edifícios co-vivos oferecem apartamentos privados de diferentes tipologias para estadias longas ou curtas, que podem ser em suítes ou apartamentos de estudo. Também incluem uma grande área comum: área de estar ou de jantar compartilhada a um cinema, academia ou supermercado. A instalação partilhada principal é o espaço de trabalho conjunto. O prédio inclui salas para atividades compartilhadas e comuns, como festas ou atividades em pequenos grupos. O residente pode aceder on-line esta acomodação e visitar, através do site, o espaço privado e compartilhado; a reserva usa um contrato simples e eficaz que inclui todos os serviços, além de Wi-Fi, eletricidade, limpeza, segurança e muito mais por um preço único por semana.

O público alvo são pessoas de 21 a 35 anos que acabaram de se mudar para a cidade ou estão procurando um lugar para ficar com outras pessoas pagando um preço mais acessível. O co-living também é a resposta para a geração *millennials*: a alteração da ideia do lar é uma consequência da sociedade contemporânea e das suas mudanças.

O primeiro projeto de co-living criativo em Lisboa, foi o SameSame. Abriu num dos seus bairros mais multiculturais: a Mouraria. Inspirado no co-housing dinamarquês dos anos 60, o samesame é um espaço onde se pode viver, trabalhar e "ter novas experiências relacionadas com momentos de convívio e enriquecimento cultural". O alojamento é dividido em zonas privadas e partilhadas, conta com serviço de hotelaria, inclui mobiliário, eletrodomésticos, fornecimento de água, energia e limpeza. Sempre com um fator muito presente: a sensação de pertencer a uma comunidade. (NIT, Patrícia Neves, 2019) As estadias têm um mínimo de um mês e o máximo de seis, com a opção de escolher entre quartos, studios e apartamentos privados, com contas incluídas a preços mais acessíveis que um apartamento normal no centro da cidade.



Fig. 11 Apartamento 2 quartos - SameSame



Fig. 12 Perspetiva interior - SameSame

## 2.2. HABITAÇÃO COMPARTILHADA AO LONGO DOS ANOS

A habitação coletiva, embora tenha vindo a ser, recentemente, alvo de muita discussão, não se trata de um tema novo. A reflexão acerca dessa questão foi explorada em diversos momentos históricos, como por exemplo, pelo modernismo. O aumento da densidade populacional, bem como o crescimento demasiado das cidades, durante o século XX, agravou e evidenciou inúmeros problemas urbanos.

A importância do raciocínio crítico, presente no processo projectual, no desenvolvimento das estratégias da cidade é indispensável. O projetar da habitação coletiva ao longo dos anos, perpassa casos e conceitos essenciais para o entendimento das mudanças de comportamento social, inclusivé, dos hábitos familiares.

O contexto e as análises são fundamentais para compreender as transições no traçado urbano e na percepção das habitações coletivas. Desde estudos como o quarteirão tradicional, que concebe o traçado viário e a habitação coletiva como codependentes, o quarteirão do plano de Cerda, o edifício-cidade, de Le-Corbusier, e a quadra aberta, por exemplo, diversas relações e conceitos foram observadas, recuperadas e reexperimentadas.

Walter Gropius, no CIAM [Congresso Internacional da Arquitetura Moderna] de 1930, analisa a habitação sobre múltiplos parâmetros, como densidade populacional e gabarito, baseado em implicações económicas e sociais. Para o urbanismo moderno, presente no quarteirão com edifícios laminares paralelos, a unidade da habitação compõe o elemento base da formação de cidade, sendo anteriormente, consequência da forma do edifício.

Já na década de 60, com novas possibilidades tecnológicas, a união dos princípios da cultura moderna assiste ao resurgimento de propostas radicais, como o Archigram e o Superestudio. As mega-estruturas dialogam com a nova escala dimensional, na qual se acreditava ser possível a recuperação da liberdade em meio ao caos urbano.

Entre referências importantes :

UNITE D' HABITATION – LE CORBUSIER /  
MARSELHA, 1952

Conhecido pelos processos de construção racionais e funcionais, Le Corbusier destaca-se como arquiteto e influenciador teórico. Concluído em 1952, a Unite d' Habitation representa o primeiro conjunto habitacional, de uma série consequente de projetos habitacionais, projetado por Le Corbusier. Tinha como essência a vida compartilhada e integra a lista de Patrimónios Mundiais da Humanidade, pela UNESCO [United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization].



Diante do cenário pós Segunda Guerra Mundial, a *Unite d' Habitation* exprime uma nova abordagem, ao pensar formas de conceber um complexo residencial multifamiliar que alojasse cerca de 1600 moradores. Contradizendo o esperado, ou seja, um projeto de predominantemente horizontal, elaborou-se um edifício moderno, residencial e de grande altura, sendo interpretado como uma "cidade jardim vertical".

O objetivo principal do edifício era refletir a comunidade encontrada em bairros com uso misto. Com isso, permitiria que os moradores possuíssem zonas privadas e setores partilhados, onde, como por exemplo, poderiam exercitar-se, fazer compras e reunir-se.

Considerado uma "cidade dentro da cidade", o projeto é otimizado espacialmente e funcionalmente, para atender moradores. A organização espacial das unidades residenciais, diferentemente do usual, estende-se a toda a largura do edifício. Além disso, de modo a reduzir a quantidade de corredores, para um a cada três pavimentos, adotou-se o pé direito duplo no espaço de estar. Essa decisão possibilitou, também, a inserção de mais unidades habitacionais, interligando-as pelo sistema de volumes. Com grande espaço comum, a cobertura é composta por um terraço jardim, com uma pista de corrida, um clube, um jardim de infância, um ginásio e uma piscina. Além disso, há também, lojas, instalações médicas e um pequeno hotel, distribuído no interior da edificação.

Na década 1920, Le Corbusier influenciou os estudos da arquitetura ao conceber os famosos cinco pontos da arquitetura moderna. Embora a *Unite d' Habitation* seja pioneira e incomum em diversos aspectos, mesmo diante dos parâmetros geralmente usados pelo arquiteto, é possível perceber a utilização dessa nova perspectiva. Assim, percebe-se o uso de *pilotis* que, ao sustentarem grandes volumes dos edifícios, permitem a circulação, com jardins e espaços de convívio abaixo do edifício. O terraço com jardim, como maior espaço comum em todo o edifício e o modo de se pensar a fachada, suaviza a percepção da altura da edificação, através dos pátios criados e enfatizando a horizontalidade do grande volume, com a janela em fila.

Dessa forma, a *Unite d' Habitation*, em Marselha, é considerado um dos projetos mais significativos e inspiradores por alcançar respostas arquitetônicas inovadoras para uma edificação residencial. Citado em inúmeras ocasiões como influência para o estilo brutalista, com o betão aparente, o projeto é, em todo o mundo, referência para a habitação coletiva. Com o sonho de construir espaços que integrem o ser humano à natureza e ao meio, críticas apontam que o uso das proporções modulares adotadas pelo arquiteto, tornam a obra singular e admirável.

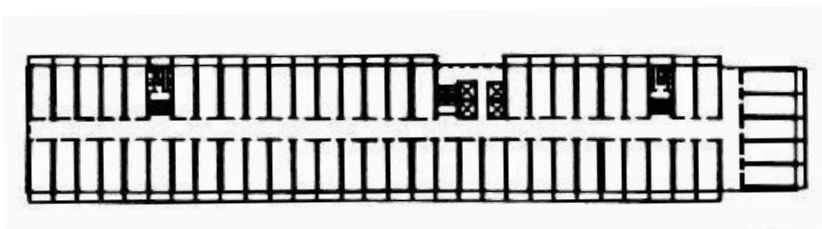


Fig. 13 Planta do caso de estudo "Unite d' Habitation"

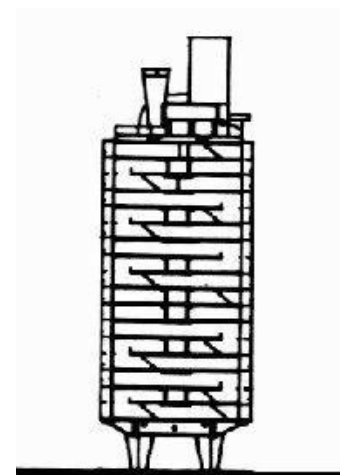


Fig. 14 Corte do caso de estudo "Unite d' Habitation"



**Fig. 15** Perspetiva exterior do caso de estudo "Unite d' Habitation"

**Fig. 16** Perspetiva exterior do caso de estudo "Unite d' Habitation"

**Fig. 17** Perspetiva exterior do caso de estudo "Unite d' Habitation"



A procura de propriedades vinculadas, as novas formas de habitar, baseadas no conceito “*sharing*”, têm sido acentuadas nos últimos anos, fortalecendo inclusive uma nova tendência em diversas cidades. Originalmente designado por *co-housing*, esse conceito surgiu em 1970 na Dinamarca. Seja por considerar os altos preços do aluguer, a carência do sentido de comunidade ou ainda, a busca por um estilo de vida - com menor impacto ambiental - os novos modelos habitacionais têm sido significativamente investigados e estudados. Uma das vantagens desses movimentos, é a valorização do papel do arquiteto no processo de concepção, bem como a criação de espaços que considerem as necessidades dos usuários.

Actualmente, as possibilidades dos sistemas de partilha são inúmeras e compõem, cada vez mais, o cotidiano da população, como o Uber e o Airbnb. Neste contexto, um dos principais setores afetados com essa modificação é o mercado imobiliário. Entre os diversos conceitos que pautam as novas formas de habitar, o sentido de comunidade é uma das questões primordiais dessa escolha. O movimento do co-living, por exemplo, busca, a partir da co-abitação, estimular a convivência e as experiências coletivas dos moradores.

## 2.3. CO-LIVING

O *Co-living* é um movimento de habitação coletiva fruto do recente reposicionamento sobre as novas formas de habitar nas grandes cidades. Actualmente, é uma tendência em diversas cidades e é a principal alternativa para inúmeras pessoas que buscam o estilo de vida comunitário. Por princípio, é uma habitação temporária, que tem como objetivo, o sentido de comunidade, com serviços e áreas comuns partilhadas. Num estudo da JLL [Jones Lang LaSalle – Sociedade de Mediação imobiliária S.A] feito em 2019 sobre o *co-living* em Portugal, foi possível identificar diferentes conceitos do mesmo, de acordo com a localização, características do edifício e necessidades direccionadas em toda a Europa, onde os que ressaltaram foram:

## ORIENTADO PARA A COMUNIDADE:

\_ Destinado a comunidades que têm como ênfase, o potencial de partilhar e de contribuir com impacto social positivo, na comunidade local

## ORIENTADO PARA O ESTILO DE VIDA URBANO:

\_ Destinado à integração de múltiplas comunidades em um espaço residencial, com soluções espaciais privadas e partilhadas  
\_ Concentra-se na diferenciação através da atenção aos detalhes e desenhos exclusivos, com personalidade  
\_ Sentimento de conforto de um hotel, por exemplo, complementado pelo sentimento do bem estar de uma casa

## ORIENTADO PARA A VIAGEM:

\_ Estimular o equilíbrio entre o trabalho e o lazer, através do conceito *workstations*  
\_ Unir o *co-living* e o *co-working*, como uma rede de espaços, em locais atraentes, garantindo experiências e padrões semelhantes

## ORIENTADO PARA O TRABALHO:

\_ Hotel e residências híbridas, e modelos de *co-working*  
\_ Tem como objetivo garantir a produtividade e serviço que atenda às principais necessidades dos usuários  
\_ Foco no ecossistema do empreendedorismo

## ORIENTADO PARA O CUSTO:

\_ Acessibilidade  
\_ Evolução do espaço que gere todas experiências incluídas, com benefícios e serviços para seus residentes

Diversos estudos analisam fatores que contribuem para o constante crescimento do *co-living*. Reflexões acerca do tema apontam que a crescente escolha por apartamentos compactos e a prioridade na localização são fatores cruciais para essa tendência.

Entretanto, pesquisas como a "*ONE SHARED HOUSE 2030*", desenvolvida pelo laboratório de pesquisa da IKEA, SPACE10 e os designers digitais Anton & Irene, rastreiam as preferências dos indivíduos a fim de traçar não só o perfil do utilizador, como perceber a melhor maneira de intervir no edifício. A pesquisa, realizada através de um questionário composto por parâmetros, torna possível compreender as demandas dos utilizadores tendo em consideração as particularidades sociais de cada país. Por fim, visto que esses sistemas tendem a estimular a integração entre indivíduos de diferentes países, a possível interpretação desses dados à escala global, permitida pela pesquisa, poderá auxiliar ou dar origem a novos empreendimentos.

O aumento de investimentos e, consequentemente, aumento do preço do aluguer, é uma situação que atinge diversas e grandes cidades, nomeadamente Lisboa. Causas de processos urbanos e sociais, como a gentrificação, intensificam a carência de habitação *lowcost*. Essa condição impulsiona inúmeras pessoas a procurarem zonas periféricas para morarem, ou submeterem-se a uma pior qualidade de vida, desde que estejam próximo do trabalho e das universidades.

O *co-living* não busca apenas ser uma solução habitacional quantitativa, mas também, o estimular à mudança de estilo de vida das pessoas. Prevê-se globalmente um rápido crescimento de famílias unipessoais, na próxima década, tanto em países de classes baixas, como também as de média e alta.

Existem inúmeras razões para essa tendência:

- \_ Menos jovens ficam em casa dos pais até casar;
- \_ Os casais tendem a casar mais velhos do que as gerações anteriores, comparativamente;
- \_ Hoje, o divórcio é mais comum;
- \_ Menor estigma em viver-se só;
- \_ Maior número de pessoas que se mudam para novos lugares para morar, estudar e trabalhar;

Já não só de jovens e estudantes, é composta essa escolha de habitação. O aumento de investimento em edifícios com espaços partilhados em Lisboa, seja o *co-working* ou o *co-living*, é tão significativa quanto a expansão de recursos de arrendamento, como o Airbnb e as múltiplas pessoas que partilham casas, até com desconhecidos. Assim, a habitação coletiva tem sido cada vez mais uma atração alternativa para a população.

Com isso, mesmo que indivíduos solteiros vivam sós, não quer dizer que seja por opção. O alto número das solicitações por demanda, associado à falta de grandes alternativas, pois o mercado imobiliário consiste basicamente em casas unifamiliares, incentiva muitas pessoas a alugarem os quartos que sobram, em casas que não foram projetadas para tal, ocasionando, assim, alguns constrangimentos no dia-a-dia, enquanto que as habitações compartilhadas são projetadas já para esse fim. Assim, os projetos deram prioridade a privacidade individual dos residentes e, simultaneamente ofereceram espaços para uma comunidade e um estilo de vida social.

## 2.3.1. COMO MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA

### COEXISTIR E SENTIDO DE COMUNIDADE

Viver com alguém não nos impede de nos sentirmos sós, o que faz com que seja uma das principais razões para pensar que a vida compartilhada, tem o potencial de se tornar mais atraente para todos. Seja por mudar para uma nova cidade, por perder ou mudar de emprego, aumento da família ou reformar-se, muitas mudanças significativas na vida das pessoas, podem deixá-las sozinhas ou isoladas.

Com o passar dos anos, tem-se perdido a sensação de comunidade em diversos cenários que costumavam ser quotidianos. Atualmente, é raro os cumprimentos entre vizinhos e as ruas estão cheias de rostos anônimos. No mundo, adotou-se a cultura do individualismo e, grupos que poderiam resistir a essa mudança (sindicatos, associações civis, organizações de bairros e associações religiosas) estão em decadência. Em consequência, cada vez mais, agrava-se o sentimento de solidão.

Um estudo da *British Red Cross* constatou que nove milhões de Britânicos com frequência sentem-se solitários. Embora em Portugal o sentimento de solidão não seja tão expressivo, no último estudo realizado pelo Observatório da Sociedade Portuguesa da Universidade Católica, 30% dos 973 inquiridos disse que se sentia só.

Diante disso, acredita-se que é possível que o *co-living* possa ser um fator importante na qualidade de vida e, consequentemente, auxiliar no combate à solidão. Estar com outras pessoas e ter um sentimento de pertença é fundamental para os seres humanos. Na realidade, tem sido muito discutido e divulgado, que quem tem uma vida social ativa é mais saudável, o que poderá influenciar no aumento na expectativa de vida. Ao permitir que as pessoas tenham o seu espaço privado, e ainda façam parte de uma "comunidade" que estimula a vida social em casa, o *co-living* pode melhorar a saúde e o bem-estar de muitos moradores.

Os espaços de convivência podem ser projetados, considerando as diversas gerações e as múltiplas peculiaridade das inúmeras culturas, consolidando comunidades mais significativas, diversificadas e solidárias. Mais do que habitar, espera-se que os moradores co-existam, partilhem espaços mas, principalmente, experiências e vivências.

### O LUGAR

A sua localização é um aspecto primordial e é pautada por inúmeros motivos, como a proximidade a uma creche ou ao local de trabalho, como por exemplo. Assim, a mudança é algo comum, seja pela demanda de espaço, seja pela localização.

O setor administrativo, que controla as funcionalidades do edifício, também procurou adaptar as decisões com base no comportamento social, facilitando e flexibilizando diversas solicitações. Uma delas, como mostra o Smart Studios, é a mobilidade entre os edifícios filiados, sendo possível ao usuário mudar a localização do arrendamento de modo mais simples.



## 2.3.2. CO-LIVING ≠ CO-HOUSING

Embora estes termos sejam frequentemente entendidos como o mesmo, há diferenças. *Co-housing* é o termo mais utilizado e que foi definido pela *Cohousing Association*, como “uma comunidade intencional de casas particulares agrupadas em torno de espaços compartilhados”. Ela, refere-se, especificamente a um grupo de pequenas casas dentro de um bairro, onde compartilham alguns terrenos e instalações comuns. Já o termo *co-living* é usado para edifícios únicos, com instalações compartilhadas que são direccionadas para o público urbano.

### O ESPAÇO E A SUA DISPOSIÇÃO

Uma das principais diferenças destes dois conceitos é que o *co-living* envolve muito mais do que espaços compartilhados. Enquanto as comunidades *co-housing* são geralmente habitações independentes, com instalações sanitárias e cozinhas privadas, o *co-living* partilha mais destas áreas, sem necessariamente serem as suas próprias. Dessa forma, permite que o grau de interação seja maior que o presente, no *co-housing*.

### FACILIDADES

Outro contraste importante é a quantidade e tipo de facilidades nestas propriedades. As áreas de *co-housing* geralmente têm pequenas casas particulares situadas em torno de um espaço de entretenimento compartilhado, como um jardim ou uma área recreativa. O *co-living*, no entanto, frequentemente integra muito mais recursos, como espaços de trabalho especiais [*co-working*], ginásios, áreas de jogos e hortas comunitárias.

### DURAÇÃO DE ESTADIA E FLEXIBILIDADE

Um dos principais apelos do *co-living* actualmente é a estadia mínima que pode ser tão curta quanto a uma única noite, o que fornece grande flexibilidade. No caso do *co-housing*, os moradores compram quase sempre as casas e moram lá por décadas.

### LOCALIZAÇÃO

Esta questão pode variar de acordo com as circunstâncias individuais mas, maioritariamente, o *co-living* é voltado para cidades ou lugares com alta procura de habitação. Já as comunidades de *co-housing* tendem a ser unidades individuais em ambientes mais suburbanos. Entretanto, essa condição é mais incerta.

### PERFIL DO USUÁRIO

Mesmo com múltiplas exceções, normalmente o *co-living* destina-se a uma população mais jovem, viajantes, nómadas digitais e profissionais com vontade de ver o mundo e conhecer novas pessoas. O *co-housing*, por outro lado, tende a ser uma comunidade mais calma e de natureza mais clássica.

## 2.3.3. CO-LIVING EM PORTUGAL

Portugal tem sido um destino globalmente procurado e investido. Seja para estudar, trabalhar, viver ou abrir um empreendimento, é mencionado e considerado um dos melhores lugares do mundo. Entre os 5 fatores, apontados pela *Ernest & Young*, que contribuem para tal atratividade estão a qualidade de vida e a estabilidade do clima social.

Estudos efetuados pela JOYN, composto por 300 nómadas digitais, reflete que, pelo menos, 50% dos viajantes pretendem ficar em Lisboa por mais de um ano, que 75% pagam menos de 600 euros por mês e que 49% procuram por apartamentos partilhados. Por fim, 79% dos entrevistados morariam num espaço de *co-living* em Lisboa, sendo 42% os indivíduos que já moravam em um espaço similar no exterior. (JOYN e JLL, Portugal Coliving, 2019, p.24)

Atualmente, o mercado de procura e necessidades, não corresponde à oferta existente em Lisboa. O cenário destaca a ascensão de procura por apartamentos compartilhados ou, como alternativa a habitação de baixo custo, apartamentos compactos. Associado à reflexão da importância do sentido de comunidade no tópico "como melhoria de vida", a realidade reforça o potencial dos movimentos de partilha.

Mesmo que o alvo desse sistema, inicialmente, fosse composto por jovens e estudantes, há evidências de que o perfil do morador recentemente é bem mais diversificado. Pessoas de diferentes idades, culturas e situações procuram esse estilo de vida por inúmeros motivos. Um dos grupos significativos desses movimentos são os nómadas digitais, tornando ainda mais vantajoso o investimento na região, visto que Lisboa é considerada a cidade com o maior número de nómadas digitais da Europa, com 5.000 pessoas. (JOYN e JLL, Portugal Coliving, 2019)

Dados da JLL [Jones Lang LaSalle] indicam, ainda, que Lisboa e Porto, em 2019, estavam entre as 40 cidades mais desejáveis ao *co-living*. A JLL estima ainda a potencial procura de 16.000 - 18.000 camas nessas cidades. A análise identificou como alvo os nómadas digitais, imigrantes atraídos por multinacionais recentemente estabelecidas em Portugal, empresários internacionais e investidores. Em suma, indivíduos que priorizam a experiência comunitária. Além disso, diante do contexto da região, como alternativa há condições de preços mais acessíveis.

Por fim, é importante destacar a pesquisa "*ONE SHARED HOUSE 2030*", feita pelo laboratório de pesquisa da IKEA, SPACE10 e os designers digitais Anton & Irene. Foi possível perceber que, a principal razão pela qual as pessoas acham atraente a vida compartilhada, é a chance de criar diferentes maneiras de socializar e conhecer novas pessoas.

Os resultados da pesquisa em Portugal, mostram as referências e preocupações dos portugueses, relativamente a uma habitação *co-living*. Como, por exemplo, veem como vantagem morar na cidade e pertencer a uma comunidade diversificada, com diferentes estilos de vida. No entanto, ter uma casa de banho compartilhada é vista como desvantagem, a falta de privacidade pode ser uma preocupação.



A capacidade de resiliência contemplada pela Arquitetura não é uma novidade. Desde a versatilidade e flexibilidade dos espaços, às múltiplas ressignificações possíveis, as transformações sociais, tecnológicas, culturais e económicas, por exemplo, têm constantemente modificado paradigmas ao longo do tempo. Diante de uma pandemia de fácil disseminação, como a COVID-19, que tem o distanciamento social como solução mais indicada até agora, torna-se fundamental refletir sobre possíveis alterações habitacionais e, conseqüentemente, acerca do conceito de vida em comunidade.

Dado aos inúmeros fatores históricos e comportamentais, novas abordagens ilustram a crescente procura pelas ações em conjunto. A recente e massiva busca pela "Arquitetura colaborativa, sustentável, participativa e inclusiva" representa a preocupação de grande parte dos debates atuais. Outra questão importante é a ascensão de movimentos que tendem a fortalecer o sentido de comunidade através da moradia, como o *co-living* e o *co-housing*. Diante da conjuntura atual, torna-se essencial não só ressaltar a rápida adaptação demonstrada pelos indivíduos que escolheram esse estilo de vida como questionar possíveis mudanças nas decisões projetuais.

As "novas formas de viver" foram inúmeras. Com o cotidiano modificado, o "novo normal" estabeleceu-se. Nessa transição, medidas foram tomadas com o objetivo de minimizar os riscos de contágio, mas que acarretou o aumento de casos de depressão e de crises de ansiedade, como exemplo. Pesquisas comportamentais durante este período apontam, entretanto, que os indivíduos impulsionados pelo estilo de vida em comunidade podem estar mais bem preparados para lidar com essa situação. Como explicação, destacam a visão de isolamento domiciliário, já vivenciada pela maioria de muitos antes da pandemia.

As articulações efetuadas pelas comunidades durante o período de pandemia possibilitou o fortalecimento de microcosmos. Diversas empresas adotaram medidas para certificar a segurança dos moradores, como o fornecimento de produtos básicos de segurança, a intensificação de rotinas de limpeza e a possibilidade de ocupar unidades vazias e separadas para a recuperação de casos de infecção. No entanto, a postura de auxílio e a empatia expressada pelos moradores, é indispensável para a eficiência dos ajustes.

**"The things that we really remember always have something to do with other people, so why not take that as a principle for the aim of our designs, so that we create more places and opportunities for people to be together and experience things they will remember."**

(HOLLWICH, 2018, IMAGINE, p 39)

## ÁREA DE INTERVENÇÃO

Portugal tem suportado, nos últimos anos, grandes alterações sociais e populacionais. Seja como alvo do turismo ou como da qualidade de vida. Lisboa tem sido escolhida como um dos principais destinos do mundo, para curtas e longas estadias. Outro facto essencial, é a carência de alojamentos acessíveis, principalmente na zona central, o que intensifica os actuais e intensos movimentos de partilhas de apartamentos e de busca por zonas periféricas de Lisboa.

Diante este cenário, optou-se por intervir em Odivelas. Entre os parâmetros referentes à definição do recorte estão o potencial da área, actualmente subutilizada, e o facto de integrar a tendência de mobilidade. Após analisar a cidade, observou-se qualidades importantes, como uma conexão viária adequada para diversos lugares e o eminente contacto com a natureza. Além disso, fraquezas passíveis de estratégias de intervenção, como os inúmeros vazios urbanos e o contraste de infraestrutura entre as margens provocadas pela CRIL.

Em resposta à análise, projetou-se o plano urbano *"Green Corridors"* e, em seguida, definiu-se o terreno para a ocupação de um complexo habitacional *co-living*. A escolha considerou fatores como a proximidade com a estação de metro Senhor Roubado, a preexistência do lugar, a potência de inter-relação com a envolvente e com a natureza.

### 3.1. VAZIOS URBANOS

O estudo recente acerca do conceito Vazio Urbano tem antecipado a percepção de grandes oportunidades de resignificação não só do espaço de intervenção, como também do tecido urbano inserido, afetando múltiplas escalas. Os inúmeros dados, extraídos de casos teóricos e práticos, apontam diversas possibilidades, ainda mais ao serem associados com conceitos, como a análise do lugar, e parâmetros como: preexistências e microclima, por exemplo.

Acentuadamente debatido nos últimos anos pelos setores do Urbanismo e da Arquitetura, esse fenômeno, fruto originalmente da Revolução Industrial, colabora com questionamentos necessários quanto à mudança de paradigmas das cidades contemporâneas. Atualmente, esses espaços abandonados e/ou subutilizados, conhecidos através de termos como *Terrain Vague* ou *não-lugares*, são interpretados não só como ferramenta de união do existente, como possíveis núcleos para futuras articulações dos sistemas presentes.

Embora a carência dos detalhes dos factos históricos do terreno a ser trabalhado dificulte a total apreensão de sua complexidade, a morfologia existente evidencia características relevantes para as práticas anteriormente utilizadas, destacando o uso e a função industrial. Entretanto, para que a requalificação seja inclusiva e justificável, é oportuno compreender as relações com o lugar, analisando por exemplo, questões sobre pertencimento, espacialidade, marco e memória.

### 3.2. RUÍNAS E MEMÓRIA

O processo de desindustrialização do tecido urbano mais antigo das cidades, seja pela deslocação para zonas periféricas com possibilidade de expansão, seja pelo avanço da tecnologia, produziu inúmeras construções obsoletas. Construções essas, como a do terreno de intervenção, que outrora estabeleciam a vitalidade e traços importantes do tecido do lugar.

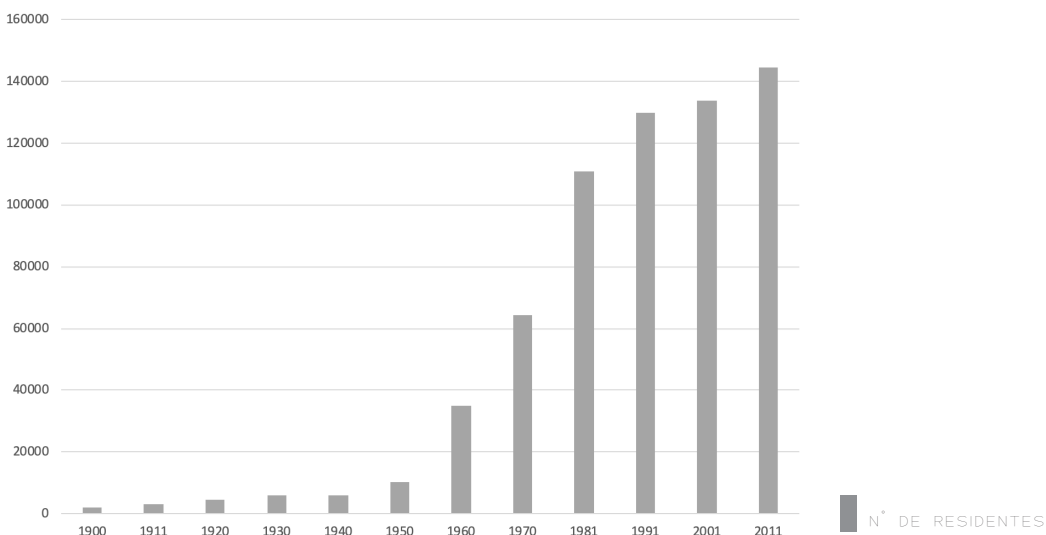
Em conversa com moradores da região de Odivelas, para a execução deste trabalho, a maioria frisou a importância do forno existente na rotina. Para muitos, funciona como marco referencial e simbólico, para outros, integra a paisagem e as camadas do tempo. Outros relembram ainda, histórias de um cotidiano e proximidade com o lugar.

Inspirado pelos fatos históricos e pelas memórias sedimentadas das camadas ao longo do tempo, o projeto buscou enaltecer a identidade existente. A intervenção não questiona a importância do novo e a necessidade de modificação do existente mas, preserva e respeita a visão de patrimônio, contida no contexto inserido.

## 3.3. CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA E HISTÓRICA DE ODIVELAS

O projeto de intervenção, situa-se na cidade de Odivelas. O concelho está rodeado pelos de Loures (a nordeste), Lisboa (a sudeste), Amadora e Sintra (a oeste). Até 1852 Odivelas pertencia ao município de Lisboa tendo vindo em 1886 a incorporar o concelho de Loures. Em 1990, Odivelas foi reconhecida como cidade e, somente oito anos depois (1998), foi criado o concelho de Odivelas, através do Decreto de Lei no 84/98, de 14 de Dezembro. Actualmente, o concelho de Odivelas ocupa uma área de 26,54 km<sup>2</sup> repartido em sete freguesias, de Oeste para Este: Caneças, Famões, Pontinha, Ramada, Odivelas, Olival de Basto e Póvoa de Santo Adrião.

Entre os anos de 1950 a 1970, a freguesia de Odivelas é afetada pelo fenómeno da suburbanidade. Com a acentuada migração interna em Portugal dada nos anos 50, a mudança das pessoas do campo para a cidade e a consequente lotação da cidade, fez com que as pessoas se instalassem nas periferias da mesma, onde os preços da habitação eram mais baixos e a proximidade a Lisboa era ideal.



**Tabela. 1** Evolução da população residente de 1900 a 2011, dados obtidos em PDM-CMO

Dessa forma, com a crescente procura dos solos das periferias de Lisboa para fins de construção habitacional e industrial em meados do século XX, Odivelas foi alvo de diversos investimentos. Dada a sua localização geográfica privilegiada, pela proximidade a Lisboa e pelo contacto com a natureza, possibilita e proporciona melhores condições de vida. Ao portar essas condições, com habitação a preços acessíveis, a cidade sofreu inúmeras alterações tanto em relação à economia, quanto nas características sócio urbanísticas.

Com o crescimento dos loteamentos, intensificou-se o aumento dos bairros clandestinos ou Áreas Urbanas de Génese Ilegal (AUGI). Esta ampliação populacional ocasionou uma enorme variedade social e cultural, tendo vindo a destacar inúmeras etnias no mesmo território, e, consequentemente, a modificar completamente a paisagem urbana de Odivelas.

## 3.4. LOCAL DE INTERVENÇÃO



**Fig. 18** Pormenor da fachada norte dos edifícios industriais



**Fig. 19** Perspetiva do interior dos edifícios industriais



**Fig. 20** Forno existente

A sul do parque urbano e a menos de cem metros da estação de metro, o local de intervenção é um complexo industrial abandonado. Destaca-se na paisagem pela sua arquitetura e dimensão, que contrastam com a estação de metro do Senhor Roubado. Apenas com uma rua em frente, a fachada noroeste enfrenta uma estrada principal de entrada para Odivelas e é emoldurada pela colina verde (sul).

Embora o terreno tenha acomodado diversas transformações durante o tempo, tais dados históricos não são precisos. No entanto, sabe-se que teriam sido edifícios industriais do início do século XX, dado que as primeiras e únicas informações e desenhos encontrados são da extensão construída para a CONTEL (empresa de construções termoelétricas). Actualmente abandonados, para além de entulho e lixo em demasia, há materiais prejudiciais para a saúde (como telha de amianto), e grande parte da estrutura encontra-se degradada e em risco de queda.

O complexo industrial de 7500 m<sup>2</sup> compreende quinze edifícios, oito dos quais conectados internamente. Associado ao uso de estruturas de pilares de madeira, metal ou betão, é notável a existência de diferentes épocas de construção. Além disso, a linguagem formal pressupõe diferentes programas de uso, como espaços administrativos, serviços para trabalhadores e grandes áreas abertas para máquinas e armazenamento. Assim, presume-se que cada edifício tenha sido construído de acordo com as necessidades específicas do contexto. No entanto, todos comportam elementos comuns: telhado inclinado, um volume longo e estreito de paredes de alvenaria e construção de pisos de betão. Consequentemente, é possível caracterizar como um complexo heterogéneo, com aspectos formais exteriores, uniformes e semelhantes.

Actualmente, oferece duas entradas principais: uma na fachada noroeste e outra para cargas mais a noroeste – ambas direccionadas para a estrada principal. A área exterior ou quintal, são terrenos não tratados que se encontram, em grande parte, cobertos por cimento danificado e irregular. Em consequência do abandono e, posteriormente, do uso ilegal, pelo menos três dos edifícios caíram devido a causas naturais e um foi queimado.

Frente à situação de desgaste apresentada, optou-se por demolir parte do pré-existente muito danificado e evidenciar o que pode ser reabilitado. Associado à questão de memória do lugar, os novos edifícios buscam uma relação de harmonia mas, com clara distinção do antigo e do novo. Desta forma, manteve-se nas fachadas, a lógica das esquadrias pré-existentes, o uso de traços ortogonais e os tijolos como revestimento principal. Além disso, elementos significativos para os habitantes da região, como o forno, foram mantidos. Para a decisão do sistema construtivo a ser utilizado, sistema metálico, considerou-se as necessidades, principalmente, dos espaços internos, como a versatilidade e a flexibilidade.





Fig. 21 Perspetiva do interior dos edifícios industriais



Fig. 22 Perspetiva exterior do local de intervenção



Fig. 23 Perspetiva geral do local de intervenção





**Fig. 24** Perspetiva exterior  
do local de intervenção

**Fig. 25** Perspetiva exterior  
do local de intervenção

**Fig. 26** Perspetiva exterior  
do local de intervenção

**Fig. 27** Perspetiva exterior  
do local de intervenção





### 3.5. MATERIAIS, CORES E TEXTURAS

O estudo a seguir, visa perceber os diferentes materiais, texturas e cores que caracterizam, tanto a área de intervenção quanto a sua envolvente. Foi feito um levantamento fotográfico dos diferentes detalhes. Assim, a sequência de imagens consiste numa reportagem dos diferentes materiais, texturas e cores que caracterizam a zona.

O material mais encontrado na área de intervenção é o tijolo, estabelecido em diferentes tons e com o reboco que se sobrepõe já desgastado. Adicionalmente, constatou-se que a chapa metálica, seja nas telhas, nos portões, ou na estrutura aparente dos edifícios, é amplamente utilizada.

Nos pavimentos são identificados maioritariamente o asfalto e as pedras da calçada, o que ocasiona a presença principal de cinzas em superfícies horizontais. Embora o cinzento seja um elemento massivo na paisagem, ocasionalmente são interrompidos por áreas de relvado e árvores. Como também existe uma grande presença de terra e mato a sul do terreno de intervenção, intensifica-se esse contraste.

Em suma, a partir dos materiais encontrados nas superfícies, torna-se plausível a sensação e imagem áspera do lugar. Dessa forma, ao considerar a análise, optou-se por usar cores quentes para criar um ambiente mais confortável, visto ser um edifício industrial, o verde como elo de ligação entre o exterior e o interior e o uso da paleta dos tijolos pré-existentes, como preservação da memória do edifício.



**Fig. 28** Levantamento de materiais, texturas e cores encontradas no local de intervenção



**Fig. 29** Levantamento das cores encontradas no local de intervenção - de acordo com o sistema de cores NCS

## 3.6. SERVIÇOS E INFRAESTRUTURAS

A pesquisa pretende compreender quais são as dificuldades e os pontos fortes presentes na área de estudo em termos de serviços e, portanto, decidir o que poderá ser adicionado ao projeto. Este, visa melhorar a qualidade geral da zona sul de Odivelas e, consequentemente dos futuros moradores.

Diante das informações observadas, pode-se concluir que há uma grande carência de serviços na margem sul da CRIL. Em contraste, a margem Norte, em geral, contém os serviços necessários para o dia-a-dia dos moradores. Essa desigualdade estimula que os moradores da margem sul se desloquem a outra margem para suprir as necessidades, como supermercado e farmácia.

De modo a potencializar a envolvente do edifício, optou-se por agregar tais carências como pauta do processo de concepção do complexo. Dessa forma, inseriu-se nos serviços oferecidos um mercado, um ginásio e áreas exteriores comuns. O convívio possibilitado por esses ambientes, bem como os espaços de *co-work*, estimulam a convivência da população local, intensificando o sentido de comunidade.

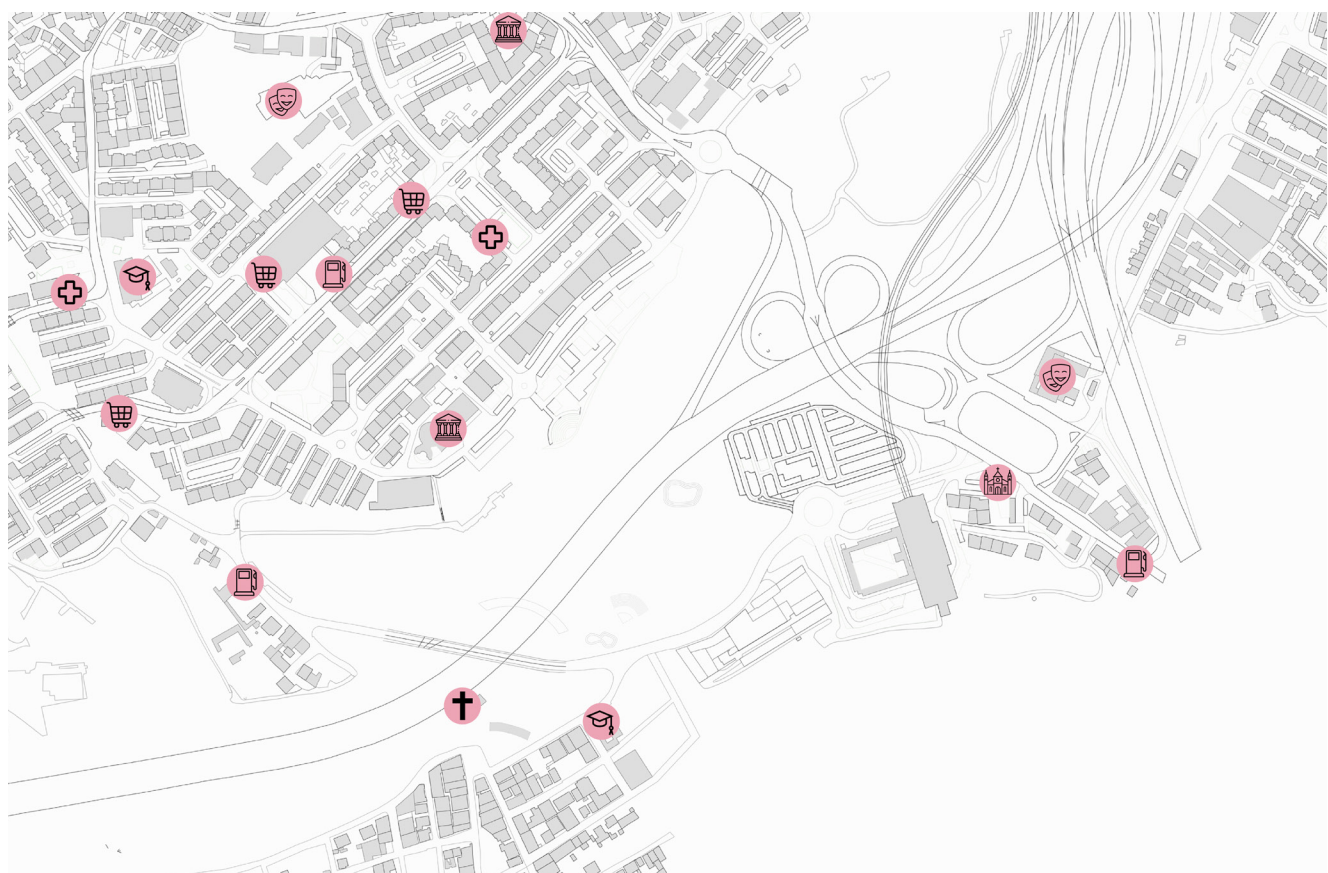


Fig. 30 Mapa de análise de serviços

A análise tem como objetivo mapear as rotas de autocarro, metro e maiores fluxos pedonais, a fim de perceber a extensão das conexões da área de intervenção dentro de Odivelas e com as demais partes da Cidade de Lisboa. Além disso, é possível identificar o potencial de infraestrutura da área, intensificada pela proximidade de acesso às paragens de autocarro e do metro.

O terreno está situado a menos de 100m da estação de metro Senhor Roubado que, por sua vez, tem conexão direta a vários pontos do centro de Lisboa, incluindo a Cidade Universitária [9 minutos de distância]. Próximas ao local de intervenção, existem paragens de autocarro que percorrem, não só toda a Cidade de Odivelas, mas interligam também, à Grande Lisboa.

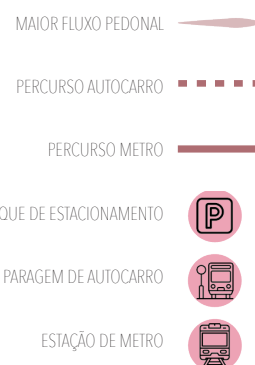


Fig. 31 Mapa de análise de infraestruturas



## 3.7. EDIFICADO ENVOLVENTE

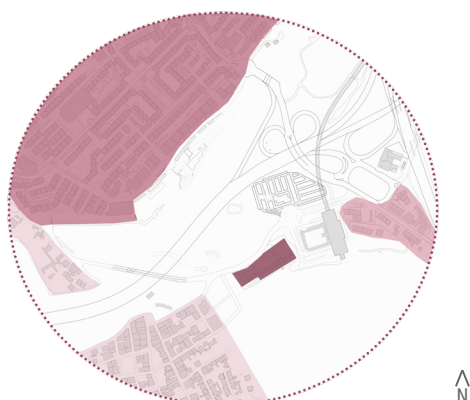


Fig. 32 Mapa de análise do edificado



## 3.8. ESPAÇOS VERDES



Fig. 33 Mapa de análise dos espaços verdes



O diagnóstico apreendido pelo número de andares do edificado envolvente, permite-nos perceber as tendências na área de intervenção. Visto que o projeto visa estimular a integração com o entorno, optou-se por reduzir o contraste e enfatizar a harmonia com o existente.

Localizado numa área residencial, o projeto tem a Este uma zona com edifícios com cerca de 4 e 5 andares e a Oeste edifícios ligeiramente mais baixos, que variam entre os 2 e 3 andares. Contrastando com essa realidade, a margem Norte de Odivelas comporta, em grande parte, edifícios de 6 e 7 andares, residenciais.

A grande abundância de espaços verdes na região é visível. O contacto com a natureza, que o local de intervenção abriga, foi uma das principais razões na escolha do lugar. O terreno está integrado ao fim de uma colina verde com mato raso e algumas árvores, que percorre praticamente toda a zona Sul de Odivelas.

É notória a importância do grande parque urbano que acompanha a CRIL em ambas as margens da cidade. Assim, na proposta de intervenção elaborada para o projeto urbano, o mesmo foi utilizado com elemento principal de união entre as margens de Odivelas.

A Norte, entre as residências, a presença de espaços verdes, fica cada vez menos evidente. A Sul, existem vários terrenos desocupados, entendidos como áreas verdes desqualificadas e, por isso, não identificadas neste mapa.

## 38.1 "GREEN CORRIDORS"

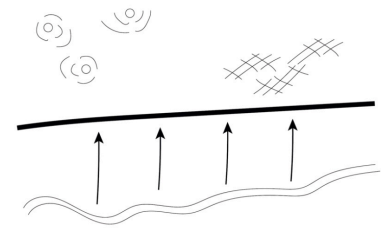
O Projeto "Green Corridors" propõe a reabilitação e revitalização dos espaços verdes em Odivelas, Lisboa. Ao estudar Odivelas, percebemos que se trata de uma área desintegrada, onde os diferentes bairros e tipologias internas, não se conectam adequadamente. A CRIL age como uma grande barreira, que divide e segrega, a parte Norte da Sul. As áreas naturais existentes são desqualificadas, não há muitos parques e praças atrativos e as linhas de água servem como depósito de lixo. Por fim, outro fator destacado foi a falta de infraestrutura na zona Sul da margem da CRIL.

De modo a atuar nas fraquezas locais, mantiveram-se como diretrizes: a conexão da parte Norte e Sul da CRIL, a revitalização das linhas de água existentes e a criação de novos equipamentos na margem Sul, a fim de consolidar, uma nova dinâmica local. Essas, foram determinadas através da criação de uma grande área verde com diversas funções, como de recreio, educacional e de produção, e outras pequenas áreas interligadas como forma de união entre as diferentes tipologias urbanas.

Como referência, estudou-se a Broadacre City, pensada por Frank Lloyd Wright. Onde a zona agrícola não cercava o núcleo da cidade, mas era incluída na cidade. Desse modo, o ambiente construído, a agricultura e os espaços verdes eram vistos como partes integrantes da mesma paisagem. Visto que no projeto de Odivelas se pretende tornar o parque o elemento principal de ligação entre as duas margens da cidade, investiu-se em mais de cinco passagens pedonais, terrestres e aéreas, consideradas pela localização e pela facilidade de acesso ao longo da CRIL.

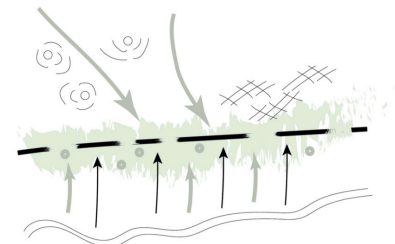
Para além disso, dada a falta de infraestrutura, o facto da morfologia urbana ser pouco clara, de haver uma grande desintegração entre os lados das ruas existentes e existirem instalações ilegais, foi proposto o desenvolvimento principalmente da zona Sul de Odivelas. Neste, repensou-se o traçado urbano dos bairros existentes, implementando novas ruas de maneira a melhorar as conexões internas, como o acréscimo de uma nova rua principal com a adição de pontos comerciais para o seu crescimento.

Após a análise realizada em torno da estação de metro do Senhor Roubado, observou-se que, para além da carência de lugares de estacionamento, tendo em conta o alto fluxo de utilizadores, é notável a falta de serviços e atividades. Assim, outra estratégia adotada, foi a integração de uma praça, que atue como lugar de permanência. Dada a presença no espaço urbano livre, associado a demanda local, torna-se possível a criação de um lugar onde as pessoas consigam ficar/relaxar depois de um dia de trabalho antes de voltarem às suas casas.



**Fig. 34** Diagrama de estudo de fraquezas

**FRAQUEZAS:**  
Desintegração de bairros  
CRIL como barreira  
Áreas naturais desqualificadas  
Falta de infraestrutura



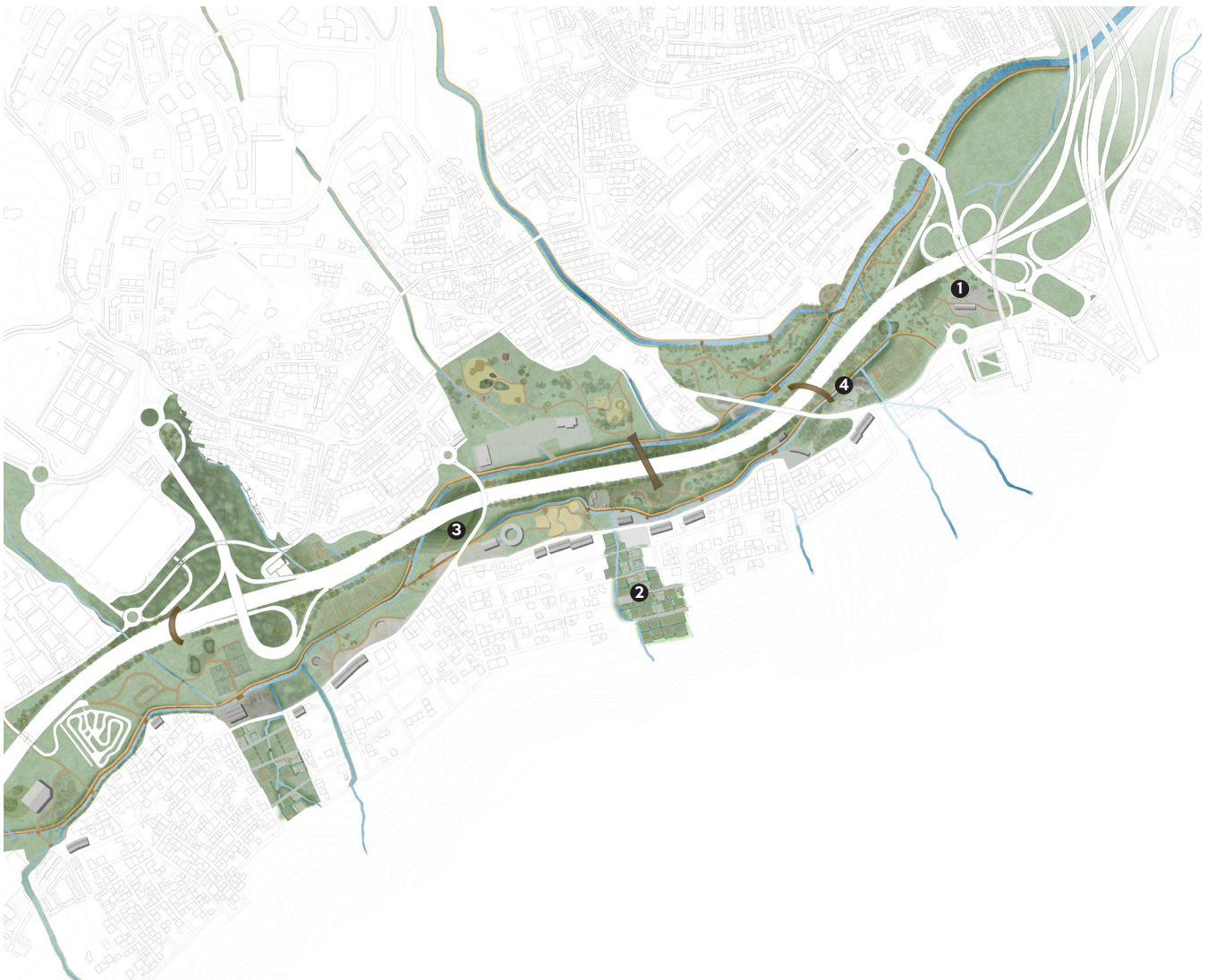
**Fig. 35** Diagrama de estudo de intenções

**INTENÇÕES:**  
Conectar as áreas norte e sul do CRIL  
Criar novos equipamentos para  
aprimorar a infra-estrutura no sul  
Enfatizar e revitalizar as linhas de água existentes

Dado que, actualmente, as linhas de água existentes servem como depósito de lixo, por não estarem tratadas nem qualificadas, optou-se por criar extensões do parque urbano através das mesmas. Assim, foi possível enfatizar as linhas de água existentes, criar conexões com outros pontos de interesse e usá-las como ligação entre ambas as margens da CRIL.

Por fim, no limite Este do parque, existe um kartódromo e enormes áreas verdes abandonadas e poluídas. De modo a requalificar essa zona, foram criados alguns campos de jogos e um pavilhão desportivo de apoio a toda essa área, visto que é um local facilmente acessível e com conexão entre as margens.

## PROPOSTA



**Fig. 36** Planta do projeto urbano *Green Corridors*

## PONTOS ESTRATÉGICOS

## PLACE TO BE

As principais intervenções consistem no realocamento do actual parque de estacionamento para o subterrâneo e na implementação de uma praça com uma área de restauração no topo. O objetivo deste espaço é oferecer apoio local com zonas de estar, visto que a área compreende um grande fluxo de pessoas devido à estação de metro. Além disso, implementaram-se conexões entre as margens da CRIL, neste local em específico, através de uma passagem subterrânea mais adequada que a actual, visto que hoje consiste apenas num passeio na berma da rodovia.



Fig. 37 Place to be



Fig. 38 Terraços

## TERRAÇOS

Dada a topografia do terreno conciliado ao facto de hortas urbanas já integrarem o quotidiano dos moradores da zona Sul de Odivelas, implementou-se, em forma de terraços desnivelados, essa realidade. Assim, visa-se aproveitar as linhas de água existentes e requalificar os espaços verdes.

## BACIAS DE RETENÇÃO COMO TRAVESSIAS NO PARQUE

Neste diagrama é possível observar a transição no parque urbano já existente em Odivelas entre ambas as margens da CRIL, através de uma passagem aérea. Além da passagem pedonal pavimentada, acrescentou-se uma bacia de retenção que enche em períodos de cheia e, em períodos de seca, possibilita a passagem mais livre e dinâmica, bem como o uso para espaço de permanência.

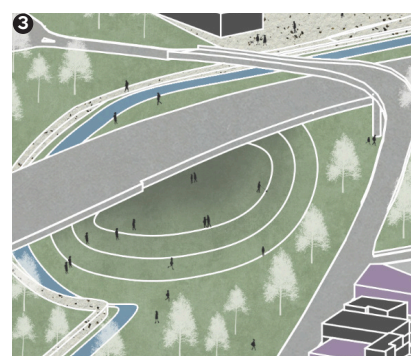


Fig. 39 Bacias de retenção como travessias no parque

## PRAÇA DA IGREJA

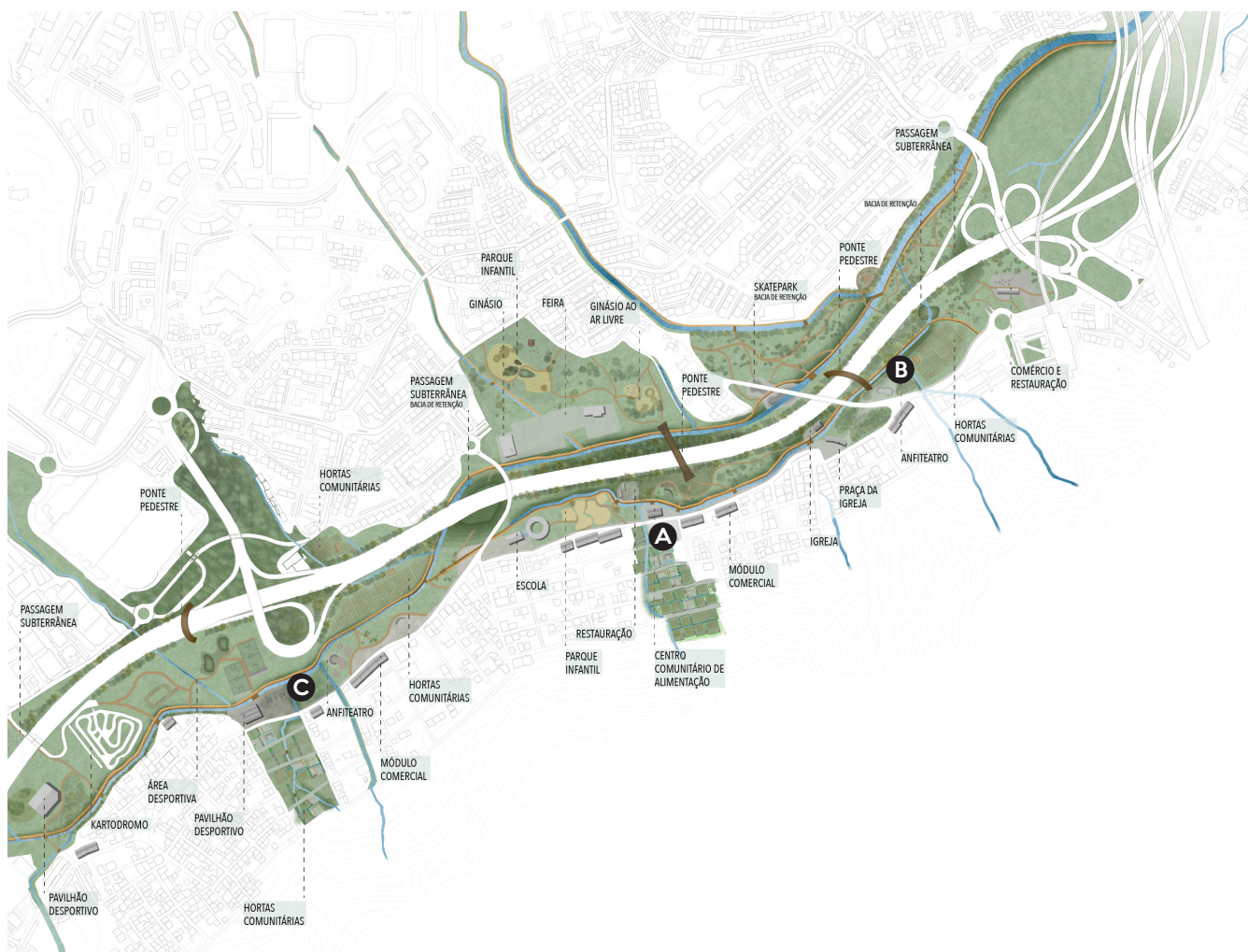
A igreja existente carece de espaço público amplo e confortável à sua volta como apoio. Optou-se por implementar uma praça na esquina e um pavilhão para atividades relacionadas à igreja. Esta área relaciona-se também com uma nova praça e anfiteatro acrescentados, nos locais anteriormente utilizados como parque de estacionamento.



Fig. 40 Praça da igreja



## PROGRAMA

Fig. 41 Planta do programa *Green Corridors*

## IMPLEMENTAÇÃO DE MÓDULOS COMERCIAIS

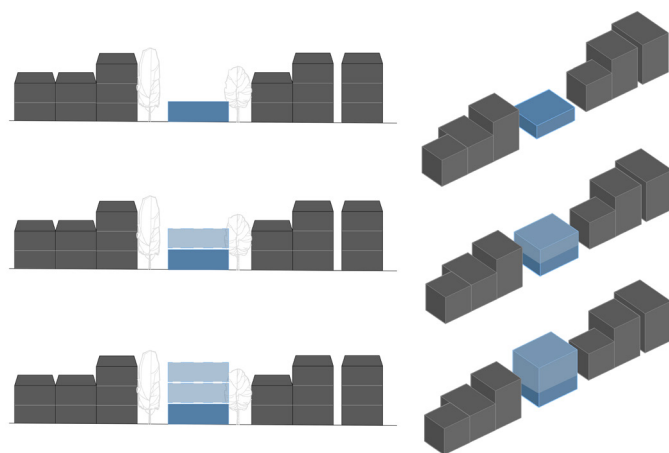


Fig. 42 Diagrama de módulos comerciais

Repetição de módulos comerciais, ao longo da nova rua comercial;  
 Dimensões aproximadas: 24 x 17m  
 Possibilidade de acrescentar andares, consoante a necessidade;



Fig. 43 Implementação dos módulos comerciais



Fig. 44 Implementação dos módulos comerciais



Fig. 45 Implementação dos módulos comerciais





**"The future belongs to those who can  
unlearn and relearn"**

(alvin toffler, 1970, future shock)

## PROJETOS DE REFERÊNCIA

Após a seleção dos casos de estudo, desenvolveu-se uma análise de forma a auxiliar na definição das diretrizes projetuais. Assim, as informações consideradas mais importantes de cada projeto de referência foram destacadas, como dimensões, número de clusters e quartos, número de residentes e instalações/serviços incluídos.

Em seguida, observou-se os espaços privados e compartilhados a fim de compreender os critérios e os parâmetros relevantes adotados nos projetos de habitação *co-living*. Para a área compartilhada e para cada unidade residencial, acrescentou-se críticas e comentários, relacionados ao espaço. Dessa forma, pode-se, salientar as medidas estabelecidas como boas estratégias ou consideradas, como necessidade para residentes, numa casa compartilhada.

Por fim, a análise foi resumida com o objetivo de evidenciar, como cada caso auxiliou na concepção do projeto, articulando, assim, decisões espaciais e funcionais, com as diretrizes projetuais adotadas no complexo.

## 4.1. PESQUISA INTERATIVA – ONE SHARED HOUSE 2030

Laboratório de pesquisa do IKEA, Space10 em parceria com os designers Anton Repponen & Irene Pereyra, 2019

Em resposta à previsão global de que o *co-living* aumentará constantemente em termos de popularidade, o laboratório de pesquisa da IKEA, SPACE10 e os designers digitais Anton & Irene, emitiram a pesquisa *ONE SHARED HOUSE 2030* que busca consolidar e informar melhores decisões de design na criação de novos espaços. Segundo a pesquisa, ao considerar as preferências e preocupações das pessoas antes de desenhar o plano, torna-se possível repensar o modo de habitar no amanhã. Conjuntamente, subdividiu os dados em quatro categorias: sexo, estado civil, faixa etária e país, com o objetivo de ajudar a indústria a reconsiderar e a adaptar às futuras necessidades de diferentes comunidades na convivência.

Através desta pesquisa, nota-se que a principal razão para a actual atratividade na vida compartilhada, é a possibilidade de conhecer novas pessoas e participar em novas formas de socialização. Dessa forma, observa-se que a busca pelo sentido de comunidade sobrepõe-se, inclusive, à possibilidade de ser um modo de vida mais económico, o acesso a instalações comuns ou a sua localização.

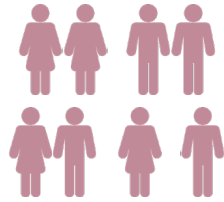
Entre os aspectos analisados, é possível constatar que a maioria dos participantes prefere fazer parte de uma comunidade, com quatro a dez pessoas. Como exceção a essa realidade, estão os "casais com filhos", que preferem fazer parte de uma comunidade, um pouco maior de 10 a 25 pessoas. Outro fator interessante é a preferência, em se viver com pessoas de diferentes origens e idades.

*"Today we live in our own little echo chambers of information and are surrounded by so much like-mindedness. It's lovely that despite this bubble creation, when people are asked, they'd prefer to live with people who are different to them."*

Irene Pereyra, 2018

A principal preocupação identificada pelos entrevistados, é a possível falta de privacidade nas habitação *co-living*. Esses, afirmam que a convivência é uma ótima forma de socializar, com os restantes dos moradores mas, que ainda assim, preocupam-se com a possível invasão da sua privacidade - e insistem que o seu espaço privado não seja acessível a terceiros. Os participantes indicam que seria preferível que os espaços privados e compartilhados comportassem limites de uso bem definidos. Por fim, a grande maioria reprova casas de banho compartilhadas.

RESULTADOS: EM PORTUGAL



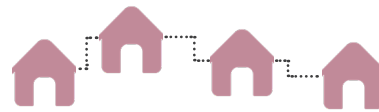
Preferem casais e solteiros na sua comunidade com diferentes estilos de vida



Preferem morar na cidade



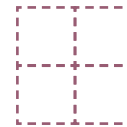
Acham que 4-10 é a quantidade certa de pessoas para uma comunidade



Preferem ter acesso a diferentes casas que se possam facilmente mover entre elas



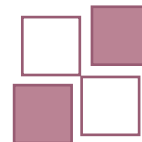
Estão confortáveis em partilhar espaços como: jardins, espaços de trabalho e cozinha



Preferem que os residentes tenham os mesmos direitos na propriedade da casa



Adorariam qualquer animal de estimação em casa



Preferem criar espaços privados e partilhados com limites claros de uso, dado que a potencial falta de privacidade é uma preocupação



Pensam que as duas maiores vantagens de viver com outras pessoas é o facto de terem mais maneiras de socializar e de dividir custos

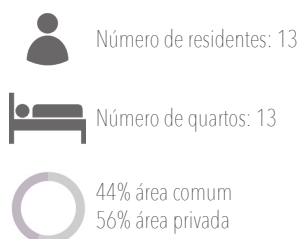
## 42. SHARE HOUSE LT JOSAI - JAPÃO

Arquitetos: Naruse Inokuma Architects

Área: 307.0 m<sup>2</sup>

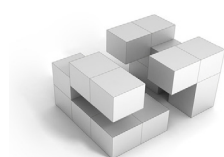
Ano: 2013

Fotografias: Masao Nishikawa



O projeto foi desenvolvido com a intenção de atender a uma alta demanda de casas no Japão, fator que estimula inúmeras pessoas não relacionadas a compartilharem espaços como cozinha, salas de estar e casas de banho. Com base no princípio da vida comunitária e na capacidade de estranhos compartilharem naturalmente o mesmo espaço, Naruse Inokuma cria uma habitação compartilhada, onde os residentes podem usar espaços compartilhados, de maneira mais casual, como extensões de seus quartos individuais.

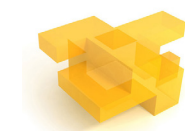
Enquanto o hall de entrada, o átrio e o espaço para refeições são adequados para reuniões de várias pessoas, o canto da sala de estar e os espaços perto da janela são ótimos para passar um tempo a sós. O balcão da cozinha é propício para a comunicação de um número relativamente pequeno de pessoas. Em paralelo, os quartos individuais, que aparentam ter o mesmo caráter no plano, são todos diferentes ao considerar as relações com os espaços comuns, definidas por características como distância e percurso até a sala de estar.



ESPAÇO PRIVADO



INTEGRAÇÃO



ESPAÇO COMUM

Fig. 46 Diagrama de composição

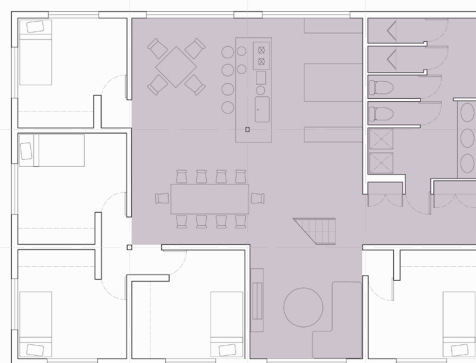


Fig. 47 Planta piso térreo áreas comuns

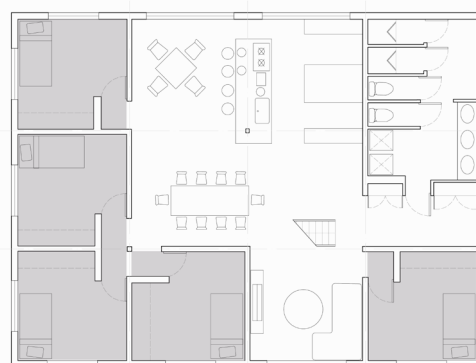
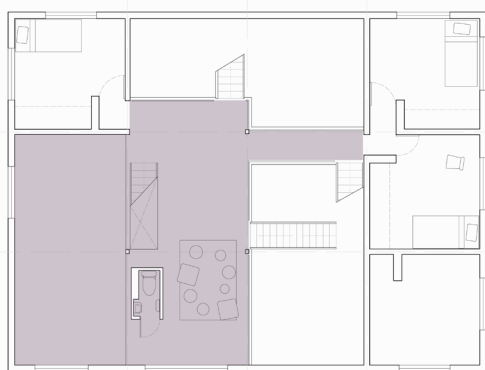


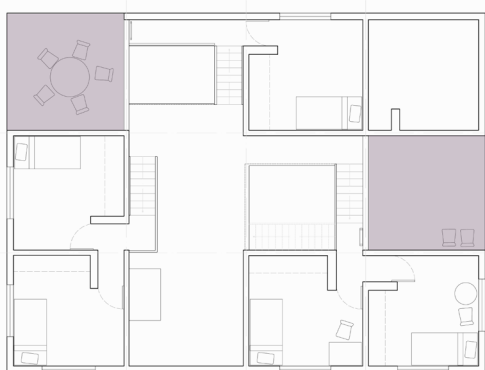
Fig. 48 Planta piso térreo áreas privadas



**Fig. 49** Planta piso 1 áreas comuns



**Fig. 50** Planta piso 1 áreas privadas



**Fig. 51** Planta piso 1 áreas comuns



**Fig. 52** Planta piso 1 áreas privadas

**Sala de estar**  
Situada na mezanine permite ser usada como um espaço de descanso mais privado e calmo.

**Sala de luz**  
É um outro espaço de estar para os residentes, tradicional da arquitetura japonesa.

**Rooftops**  
Áreas importantes de convívio que podem aumentar a socialização e as atividades coletivas entre os moradores. A existência de dois rooftops permite o diferente uso das áreas exteriores.

**Cozinha**  
Tem boas dimensões e está bem equipada e inclui uma mesa para refeições. Está situada no centro da casa e sem divisão por paredes, o que estimula a interação dos moradores.

**Sala de jantar**  
A presença de uma grande mesa permite que os moradores a utilizem ao mesmo tempo e permite também, que seja usada para outras atividades, como trabalhar ou estudar.

**Organização espacial**  
Os quartos estão diretamente conectados com os espaços compartilhados, o que facilita a interação entre os moradores.

**Quarto**  
O espaço privado é o quarto. Para além de uma cama e um guarda-roupa, possui também um espaço vazio que pode ser usado pelos moradores, como preferirem.

Área comum  
Área privada









**Fig. 53** Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"

**Fig. 54** Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"

**Fig. 55** Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"

**Fig. 56** Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"

**Fig. 57** Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"

**Fig. 58** Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"

**Fig. 59** Perspetiva interior do projeto de referência "Share House LT Josai"

## 43. COOP HOUSING – BERLIM

Arquitetos: Carpaneto Architekten, Fatkoehl Architekten, BARarchitekten

Área: 7400.0 m<sup>2</sup>

Ano: 2013

Fotografias: Ute Zscharnt, Daka, Michael Matuschka, Andreas Trogisch, Eric Tschernow, Johannes Dumpe



Número de residentes: 18



Número de quartos: 9

26.7% área comum  
73.3% área privada

Este projeto destaca-se por muitas características positivas: estar próximo ao centro da cidade, o baixo custo, a economia do espaço e a produção própria de energia renovável. Composto por três edifícios, forma-se uma unidade sólida e distinta pelo design e implantação no espaço urbano. Os terraços individuais e comuns tornaram-se uma característica consideráveis, visto que compensam a falta de espaços abertos ao público.

A população residencial é bastante diversa, multigeracional, multicultural e composta por pessoas com variadas capacidades financeiras. Além das unidades convencionais, existem seis apartamentos de cluster que fornecem uma estrutura de vida comunitária para grupos de 4 a 21 pessoas. Contém ainda espaços comuns como: lavanderia, ginásio, quartos de hóspedes, terraços na cobertura e sala de música e juventude.

Por ser um projeto cooperativo, os moradores participam dos encargos do edifício. Diante disso, o aluguer é acessível a todos.

Planta piso 2

Planta piso 1

Área comum  
Área privada

Fig. 60 Diagrama de áreas

## UNIDADE PRIVADA \_ 1 PESSOA

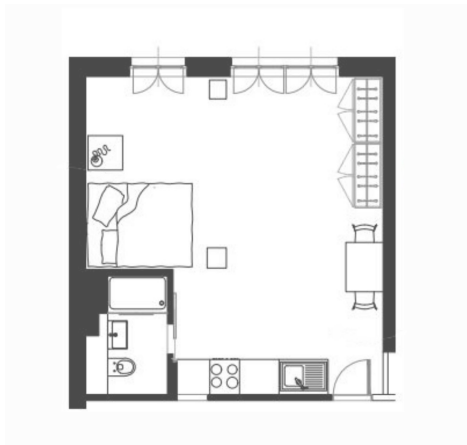


Fig. 61 Planta quarto para 1 pessoa

## UNIDADE PRIVADA \_ 2 PESSOAS

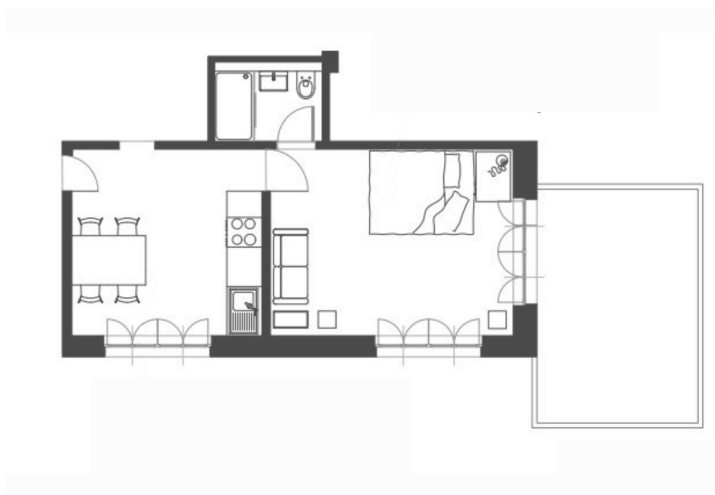


Fig. 62 Planta quarto para 2 pessoas

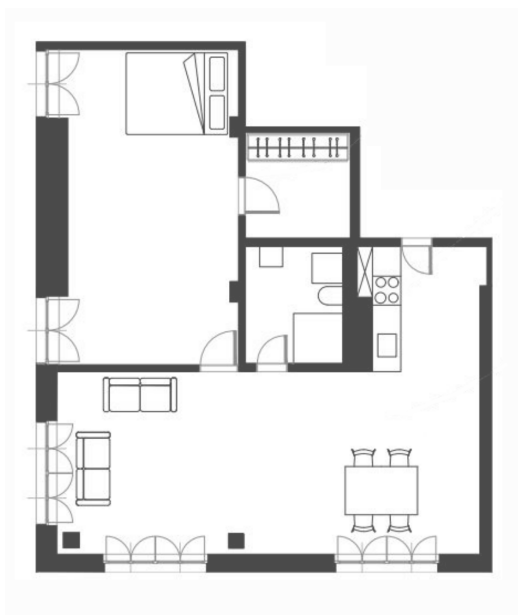


Fig. 63 Planta quarto para 2 pessoas

### Terraço

Tem grandes dimensões e ressalta uma vantagem, visto que oferece aos residentes mais um espaço de reunião.

### Cozinha e sala de jantar

É o núcleo central da casa. Esse facto é visível dada a dimensão da mesma (é a maior da casa). O arranjo da cozinha também é uma vantagem para a habitação compartilhada, visto que ao ser ampla e mais rectangular, reduz os possíveis problemas gerados por uma cozinha de estreita.

### Casa de banho em áreas comuns

A existência de uma casa de banho adicional nos espaços partilhados é um ponto positivo, pois reforça questões de conforto e privacidade.

### O layout

A disposição permite que as unidades privadas tenham acesso direto às áreas compartilhadas, o que estimula a interação entre os habitantes.

Unidades privadas totalmente equipadas  
Todas as unidades privadas (exceto o quarto de hóspedes) são compostas por: cozinha, casa de banho, área de estar e jantar.

### Um apartamento standart num co-living

Os apartamentos de dois e três quartos consistem num apartamento independente dentro do cluster.

Assim, além de possuírem um apartamento completo e privado, os moradores têm acesso a uma área comum.

### Tipologias distintas

O edifício oferece duas tipologias principais de unidades privadas: para uma pessoa e para um casal. A diversidade permite ao morador escolher o apartamento que prefere.









**Fig. 64** Perspetiva exterior  
do projeto de referência  
"Coop housing"

**Fig. 65** Perspetiva exterior  
do projeto de referência  
"Coop housing"

**Fig. 66** Perspetiva exterior  
do projeto de referência  
"Coop housing"

**Fig. 67** Perspetiva interior  
do projeto de referência  
"Coop housing"

**Fig. 68** Perspetiva interior  
do projeto de referência  
"Coop housing"

**Fig. 69** Perspetiva interior  
do projeto de referência  
"Coop housing"

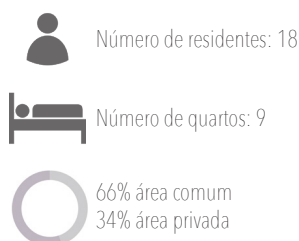


## 44. THE GAP HOUSE - COREIA DO SUL

Arquiteto: Archihood WXY

Ano: 2015

Fotografias: Woohyun Kang



O projeto está localizado numa região com múltiplas universidades, o que gera uma demanda por alojamentos estudantis significativa. Dessa forma, essa área transformou-se em um conjunto de unidades habitacionais, estúdios e residências estudantis. Com o aumento da procura por alojamento, foram projetadas unidades habitacionais que aproveitassem o máximo da eficiência do espaço, deixando os residentes com áreas que não consideram o estilo de vida e a rotina.

O conceito da "The Gap house" é apoiar o novo estilo de vida dos jovens, compartilhando os espaços comuns, como a sala de estar, a cozinha e a área de refeições. Assim, o escritório Archihood WXY, teve com principal foco a criação de um projeto que tivesse um equilíbrio entre os espaços comuns e os privados, considerando sempre o conceito de uma casa compartilhada.

Deste modo, o pátio exterior define o conceito do projeto: um desenho que incorpora a natureza na vida dos residentes e incentiva a interação e sociabilidade entre os moradores.

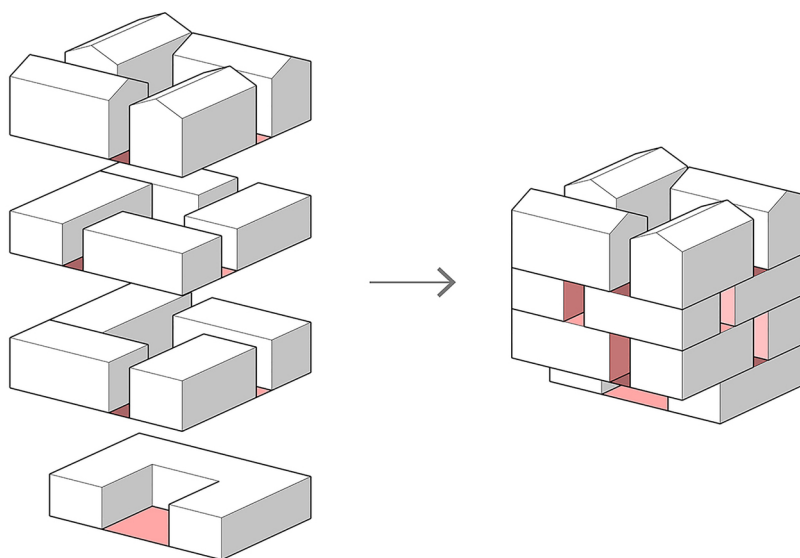


Fig. 70 Diagrama de composição

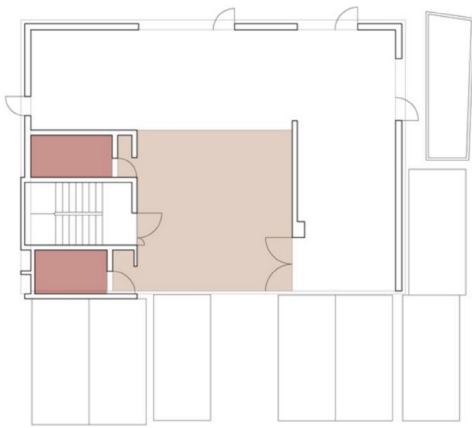


Fig. 71 Planta piso 1 áreas privadas

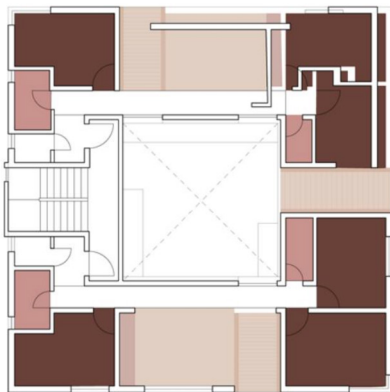


Fig. 72 Planta piso 1 áreas privadas

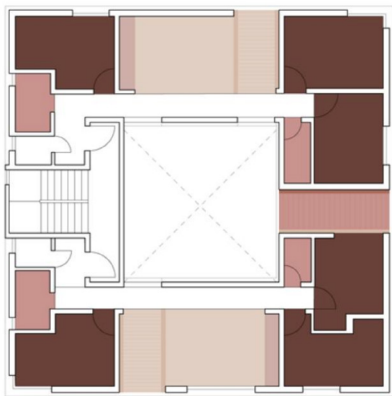


Fig. 73 Planta piso 1 áreas privadas

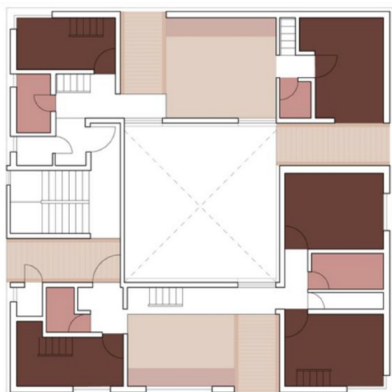


Fig. 74 Planta piso 1 áreas privadas

### Organização

O facto de existir tanto uma área genérica comum quanto pequenos espaços de encontro espalhados pelo edifício, garantem uma vida privada e tranquila, independentemente do número de residentes.

### The Gap

O *Gap* no centro forma, no piso térreo, um pátio que permite ser um local de encontro e reunião para os moradores. Nos outros pisos, o *Gap* gera também um espaço de integração, visto que todas as varandas e quartos são voltados para ele.

### Casa de banho em áreas comuns

A existência de uma casa de banho adicional nos espaços partilhados é um ponto positivo, pois reforça questões de conforto e privacidade.

### Proporção

As peças de mobiliário e as instalações são proporcionais em relação ao número de residentes, ou seja, a sala de jantar, a cozinha e as casas de banho são suficientes para número de moradores.

### Quarto

O espaço privado é um quarto equipado para as necessidades previstas: cama, roupeiro e secretária.

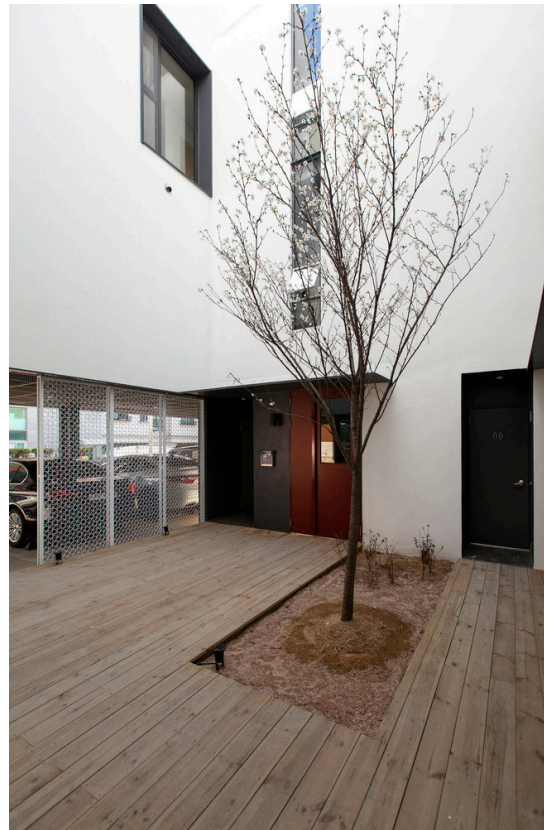
### Varandas

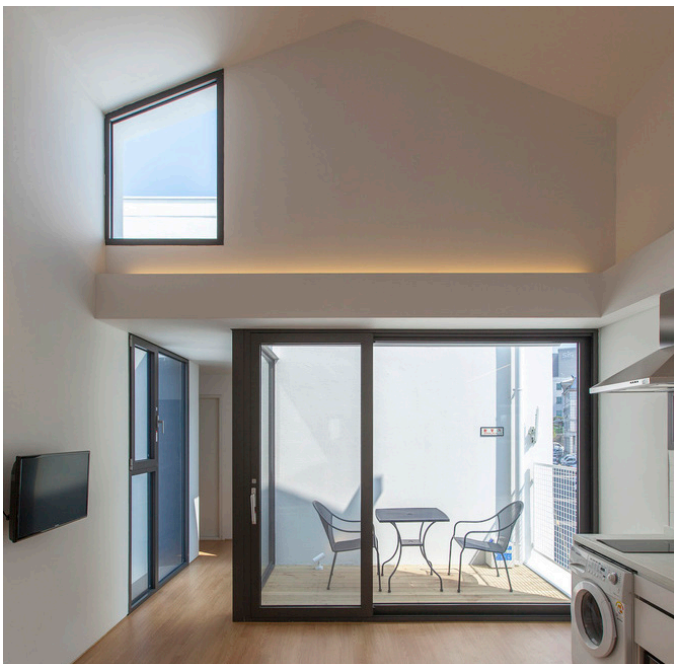
As varandas estão localizadas perto das zonas de refeição e das cozinhas, o que torna esses espaços mais interessantes. Sendo assim, uma boa solução para estimular a interação dos moradores do mesmo piso.

- Áreas privadas
- Serviços comuns
- Instalações partilhadas
- Áreas comuns









**Fig. 75** Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"

**Fig. 76** Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"

**Fig. 77** Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"

**Fig. 78** Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"

**Fig. 79** Perspetiva exterior do projeto de referência "The gap house"

**Fig. 80** Perspetiva interior do projeto de referência "The gap house"



## 45. URBAN VILLAGE PROJECT

Arquitetos: SPACE10 ; EFFEKT Architects

Ano: 2019

Fotografias: EFFEKT

O projeto *The urban village Project* do SPACE10 é uma visão para criar ambientes de vida compartilhada para pessoas de todas as idades, origens e condições de vida. Juntamente com os arquitetos da EFFEKT, a equipa de pesquisa e design espera investir na melhor qualidade de vida, nutrindo os benefícios que advêm da vida em comunidade - como creche, agricultura urbana, refeições em conjunto, fitness e transporte compartilhado.

Arquitetonicamente, o "The urban village Project" utiliza madeira laminada cruzada, pelas enormes vantagens ambientais, e baseia-se num sistema de construção modular padronizado. Esse sistema pré-fabricado, produzido em massa e modular, pode ser usado para construir desde casas a torres.

Quase todos os componentes e materiais poderiam ser desmontados, facilmente substituídos, reutilizados e reciclados durante a vida útil do edifício. Dessa forma, até o próprio edifício poderia ser readaptado e/ou reaproveitado. O SPACE10 pesquisa e explora a ideia de *co-living* há dois anos, juntamente com os arquitetos EFFEKT, IKEA e os parceiros de desenvolvimento ikano bostad. O laboratório condensou essas ideias num conceito mais concreto, sobre o qual agora pedem ao mundo opinião, com esperança de inspirar e envolver outras pessoas antes que as próximas etapas do projeto ganhem forma.

## ESPAÇOS COMUNS

COZINHA PARTILHADA CO-WORKING

JARDINS SENSORIAIS ESPAÇO PARA EVENTOS

GINÁSIO ESPAÇO DE PRODUÇÃO

CLÍNICA DE SAÚDE PARQUE PARA BICICLETAS

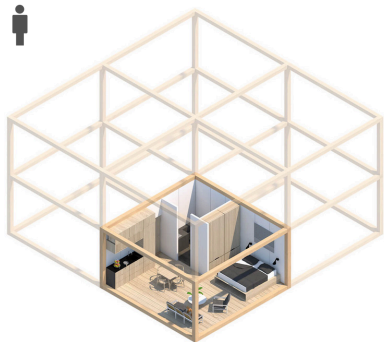
HORTA RETALHO

SALA DE ESTAR PARTILHADA PARQUE INFANTIL



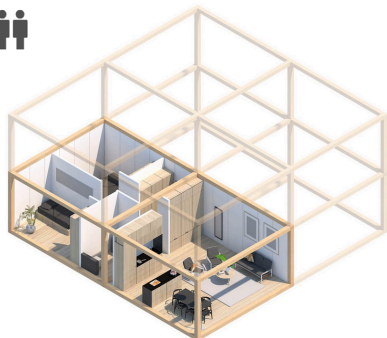
Fig. 81 Diagrama de conceitos

36 m<sup>2</sup>



**Fig. 82** Axonometria de apartamento para 1 pessoa

72 m<sup>2</sup>



**Fig. 83** Axonometria de apartamento para 2 pessoas

108 m<sup>2</sup>



**Fig. 84** Axonometria de apartamento para 2 pessoas

108 m<sup>2</sup>



**Fig. 85** Axonometria de apartamento para 3 pessoas

144 m<sup>2</sup>



**Fig. 86** Axonometria de apartamento para 4 pessoas

### Instalações e serviços

A variedade de blocos de construção de serviços compartilhados permite uma comunidade próspera e uma vida cotidiana favorável para pessoas de todas as idades, origens e situações de vida.

### Comunidade multigeracional

O projeto combina a vida privada com espaços compartilhados, o que permite aos residentes fazer parte de uma comunidade vibrante e desfrutar de um estilo de vida social onde vivem.

### Vida sustentável

Estratégias como coleta de água, energia renovável, produção local de alimentos e compostagem localizada, ajudam a reduzir os custos de vida e os impactos no planeta.

### Sistema modular

Ao utilizar esse sistema, os materiais de construção podem ser desmontados, substituídos, reutilizados e reciclados durante toda a vida útil do edifício. Assim, para além de beneficiar o planeta, minimizando o desperdício, permite aos moradores mais liberdade e flexibilidade.

### Unidades privadas totalmente equipadas

Todas as unidades privadas são equipadas com: cozinha, casa de banho, sala de estar e espaço de refeição, onde os moradores, além de possuírem um apartamento completo e privado, têm acesso a uma área comum.

### Vários tipos de apartamentos

Com as diferentes tipologias, caso um morador precise de um espaço diferente, pode simplesmente trocar apartamento e continuar na mesma comunidade.







**Fig. 87** Perspetiva exterior do projeto de referência "Urban Village Project"

**Fig. 88** Perspetiva exterior do projeto de referência "Urban Village Project"

**Fig. 89** Perspetiva exterior do projeto de referência "Urban Village Project"

**Fig. 90** Perspetiva exterior do projeto de referência "Urban Village Project"

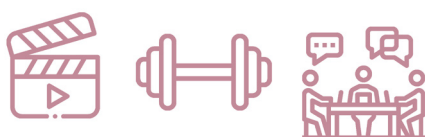
**Fig. 91** Perspetiva interior do projeto de referência "Urban Village Project"

## 4.6. CONCLUSÕES

## LAYOUT DINÂMICO



## DIVERSIDADE DOS ESPAÇOS COMUNS



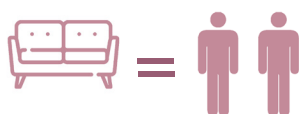
## VÁRIOS SERVIÇOS NUM ÚNICO ESPAÇO



## MOBILIÁRIO COM DIVISÓRIA



## PROPORCIONALIDADE



## DIFERENTES TIPOLOGIAS DE QUARTOS



## CASA DE BANHO PRIVADA



## SHARE HOUSE LT JOSAI - JAPÃO

Neste caso, o conceito adotado em propor espaços de reunião e encontro ao longo do percurso foi fundamental para a melhoria do projeto. Os duplos pé-direitos e o uso de madeira foram igualmente importantes para o estudo aprofundado desta referência.

## COOP HOUSING - BERLIM

O foco deste projeto foi a diversidade de usos que o mesmo consta. Embora algumas habitações sejam diferentes, os princípios mantêm-se como um todo. A viabilidade da criação de uma vida conjunta e a possibilidade da população ser bastante diversa e multicultural foram pontos igualmente importantes na seleção deste projeto. Assemelha-se também pelo facto do piso térreo ser aberto ao público e conter espaços de *co-working*.

## THE GAP HOUSE - COREIA DO SUL

Este projeto, foi escolhido pelos conceitos abordados na sua concepção. O incentivo à partilha dos espaços comuns na organização no edifício auxilia no entendimento da disposição espacial para a proposta de trabalho. O limite, pouco evidente do público-privado, através de varandas, despertou um grande interesse para a futura elaboração do trabalho.

## URBAN VILLAGE PROJECT

*The urban village Project* segue todos os pensamentos entendidos, como principais para a concepção deste trabalho. A partir dele, foi possível compreender como transpor os conceitos para a prática. Explora como o design interior e consegue melhorar a qualidade de vida, evidenciando ao mesmo tempo, os benefícios da vida em comunidade. Grandes vãos, uso de vegetação tanto no interior como no exterior e amplas salas que incentivam a interação dos habitantes, serão usadas como referências importantes na criação dos ambientes no projeto.



A disposição dinâmica no espaço compartilhado gera diferentes áreas dentro de um espaço único e possibilita que as unidades privadas, tenham acesso direto à área compartilhada. A ênfase no percurso estimula que os moradores tenham que percorrer todo o espaço para chegar a uma zona; o que facilita a interação e socialização entre os habitantes.

A inserção de diversos espaços comuns como: sala de estudo, sala de jogos, oficinas ou ginásio é uma grande vantagem para as casas compartilhadas, pois oferecem elementos que não seria possível encontrar dentro de um apartamento. Outra estratégia interessante é a presença de um terraço ou varanda comum, pois é sempre um espaço extra e útil para reuniões e encontros que aumentam a possibilidade de interação entre os residentes.

Foi possível identificar algumas fragilidades nas áreas coletivas. Uma das questões refletidas foi a proporção entre as peças de mobiliário e o número de moradores: lugares para sentar, sofás e mesas, em alguns casos, não são suficientes para satisfazer, nem metade do número de moradores. É um aspecto importante a considerar, visto que a ausência desses equipamentos, pode incentivar uma barreira entre os indivíduos. Assim como, por exemplo, no caso das casas de banho partilhadas, entre dois ou mais moradores, é importante que tenha dimensões corretas e proporcionais ao número de utilizadores.

Em algumas situações, os espaços não foram adequadamente planeados, como a presença de corredores muito grande e subutilizados. Num apartamento compartilhado, as áreas comuns devem ter algum tipo de função e, no caso dos corredores, devem consistir não só como espaço de passagem mas, também de permanência, a fim de tirar o maior proveito dos ambientes.

As unidades privadas devem ter tipologias diferentes e variáveis, de modo a servir as necessidades dos múltiplos usuários. Essa questão nem sempre esteve presente em nos casos de estudo, visto que alguns oferecem apenas quartos padrões com distinção apenas sendo para casais ou para solteiros.

Outro aspecto identificado em certos casos foi a casa de banho ser compartilhada, concebendo o quarto como único espaço privado. Visto que é uma condição desconfortável em geral, é importante certificar que as dadas dimensões são adequadas. Ao mesmo tempo, quando o único espaço privado é apenas um quarto, torna-se interessante investir numa pequena sala/área de estar, caso o residente não queira usar a comum.

**"This is your world. Shape it or someone else will."**

gary lew

## COMPONENTE PROJETUAL

Após a apreensão acerca do recorte de intervenção e das referências práticas e teóricas, definiram-se as diretrizes projetuais. Do estudo da volumetria ao detalhe da estrutura, as decisões foram baseados por circunstâncias que incluem o contexto, o avanço da tecnologia e o lugar.

Como objetivo, buscou-se promover a flexibilidade, a versatilidade e a capacidade de adaptabilidade para os possíveis usos futuros dos espaços; a durabilidade dos materiais, do edifício e dos sistemas construtivos; oferecer um serviço personalizado, incorporando as análises efectuadas, às necessidades e singularidades dos moradores e, por fim, influenciar posturas perante ao reaproveitamento para fins sustentáveis, não só do edifício em si, como dos residentes.

O capítulo apresentará resultados e respostas adotadas a partir da interpretação das análises e estudos descritos anteriormente. Com enfoque no projecto elaborado, mostrará, também, o processo de desenvolvimento do edifício, bem como pormenores necessários para entendimento do complexo.

## 5.1. ANÁLISE SWOT

O método da análise SWOT é uma ferramenta que organiza dados para planejamentos e fomentação de estratégias para intervenção. No processo, destacam-se as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. De modo a auxiliar o processo de leitura do recorte, estabeleceu-se o quadro abaixo:

<p>STRENGTHS</p> <p>Forças</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>x Contato direto com a natureza</li> <li>x Perto da estação de metro x Proximidade de Lisboa</li> <li>x Multiculturalidade e coesão social</li> <li>x Abundância de água na região</li> </ul>	<p>WEAKNESSES</p> <p>Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>x Encosta cria sombra na fachada Sul</li> <li>x Necessidade de demolição do pré-existente</li> <li>x Pouco comércio</li> <li>x Escassez de equipamentos e espaços públicos</li> <li>x Ideia de risco e marginalidade</li> </ul>
<p>OPPORTUNITIES</p> <p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>x Implementação de alojamento que hoje é escasso</li> <li>x Grande área para construção</li> <li>x Terreno atualmente abandonado</li> <li>x Aumento de comércio</li> <li>x Criação de habitação a preços acessíveis e adequados a todo o tipo de necessidades</li> </ul>	<p>THREATS</p> <p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>x Linhas de água dentro do terreno (altura máxima de construção condicionada)</li> <li>x Torre de alta tensão próxima ao terreno</li> <li>x Grande proximidade com a CRIL</li> <li>x Habitações ilegais na encosta</li> <li>x Imagem de dormitório</li> <li>x Abertura da população para o co-living</li> </ul>

## 5.2. PERFIL DO MORADOR

O co-living é amplamente difundido, em parte devido à política de economia colaborativa mas, também, pela possibilidade de mudança no estilo de vida. O aumento considerável das instalações de habitação partilhada atualmente em Lisboa, e no mundo, associado à previsão global de rápido crescimento de famílias unipessoais, pode apresentar uma oportunidade para se repensar os modelos de habitação e construção da cidade.

De acordo com as análises efectuadas, por exemplo, pelo *ONE SHARED HOUSE 2030*, os residentes não são mais compostos apenas por estrangeiros e estudantes, como outrora. Desta forma, o complexo visa incluir e atender as necessidades de jovens trabalhadores, casais e famílias unipessoais. Outro aspecto importante nessas investigações são os dados obtidos sobre as experiências e vivências dos envolvidos. Entre as informações divulgadas, este trabalho ressalta os seguintes itens:

Os residentes:

- \_ Preferem ter espaços privados e comuns com limites claros;
- \_ Estão mais confortáveis em partilhar internet, jardins sustentáveis e espaços de trabalho;
- \_ Não precisam de própria cozinha privada, preferem uma cozinha comum para que possam ter espaços privado mais flexíveis;
- \_ Querem garantir que o quarto privado esteja fora dos limites quando não estiverem em casa;
- \_ Preocupam-se mais com a possível falta de privacidade;



Estudante



Imigrante /  
Viajante



Jovem  
trabalhador



Casal  
jovem



Solteiro  
com criança

## 53. ESTUDO DA VOLUMETRIA.

Para a concepção da implantação e da volumetria do projeto, analisou-se o existente considerando múltiplos parâmetros, como a ocupação, a morfologia e o estado de conservação do construído. Percebeu-se que composição estrutural e marcada por edifícios longos e estreitos, que poucas zonas devem ser restauradas, que há abundância de água na região e que a colina é um marco mas, também, uma barreira que gera sombra em muitos momentos no terreno.

Após traçar o desenho de implantação do projeto, organizou-se a distribuição dos usos. De modo a respeitar o contexto inserido e investir no convívio dos moradores, o térreo de todo edificado é de uso comum, aumentou-se o número de possíveis acessos e, no edifício recuperado, optou-se pela inserção de um mercado. O projeto está hierarquizado através da orientação vertical, com os quartos, que compõem a zona mais privada, situam-se acima. Entretanto, em todos os pavimentos criaram-se zonas de encontros e estar comum.

Dentre as diretrizes projetuais do complexo, pode-se ressaltar:

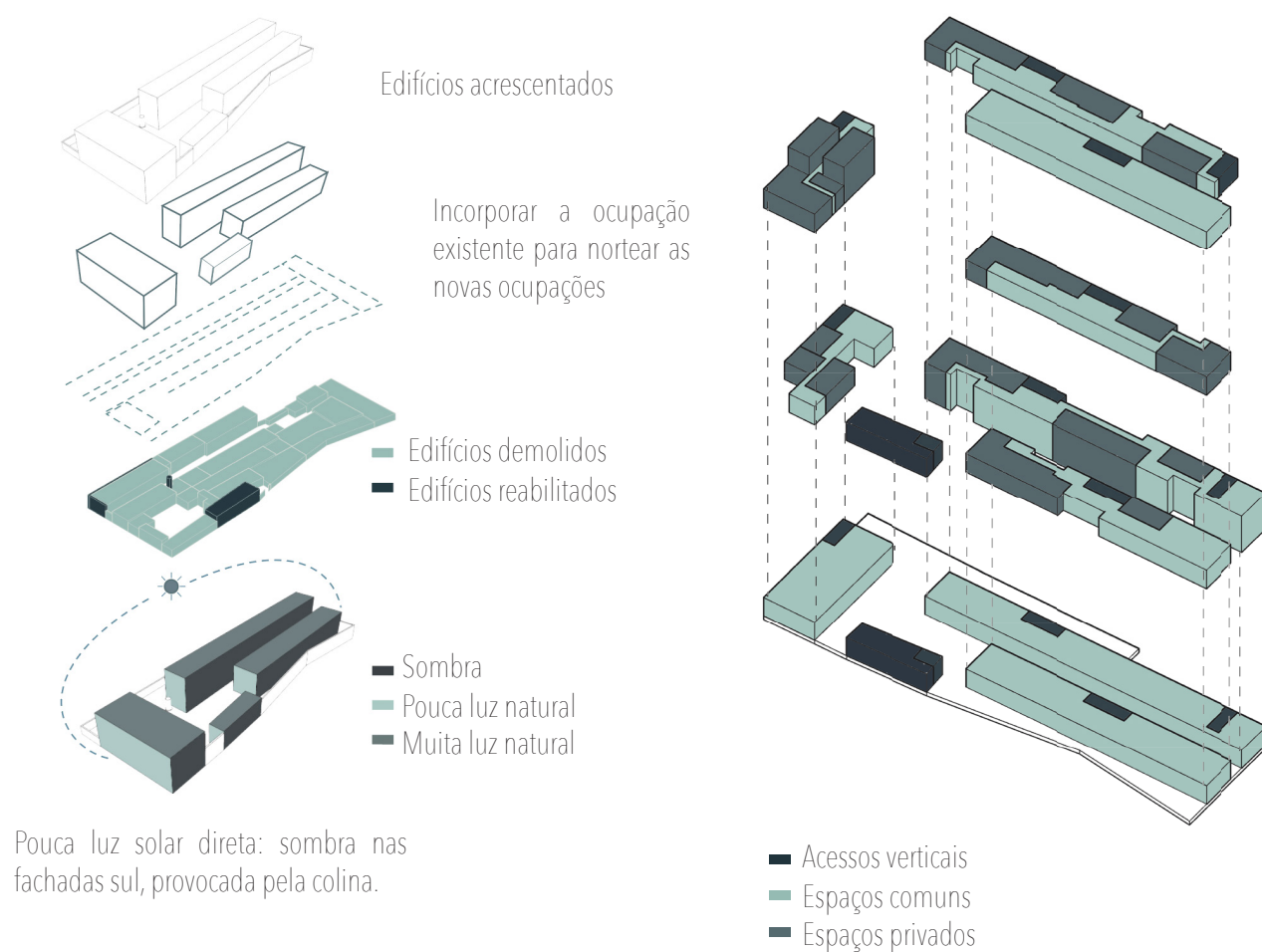


Fig. 92 Diagrama elaborado pela autora

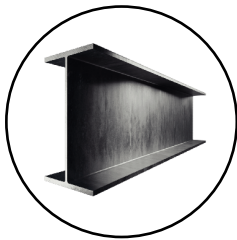


## 54. SISTEMA CONSTRUTIVO

O sistema construtivo foi concebido para facilitar a flexibilidade e versatilidade dos espaços e garantir a durabilidade e a manutenibilidade dos materiais e sistemas envolvidos. Com isso, permitir futuras adequações e adaptações de acordo com as necessidades ao longo do tempo.

Como material principal utilizou-se o tijolo. Esse, além solidificar a harmonia com o edificado existente, possibilita e incentiva a facilidade e o custo reduzido na obra e possui ótimas respostas, ao ser associado com sistemas de isolamento acústico e térmico. Além disso, há em abundância no mercado, inclusive com alternativas mais sustentáveis, como o tijolo de adobe.

Já para o sistema estrutural, considerou-se a necessidade de vãos maiores para atender aos objetivos descritos anteriormente. De modo a reduzir o impacto e os resíduos provocados em obra, optou-se por perfis metálicos pré-moldados.



Durabilidade: Vãos maiores:  
Permite maior flexibilidade



Memória: Pré-existência  
Adobe: baixo impacto

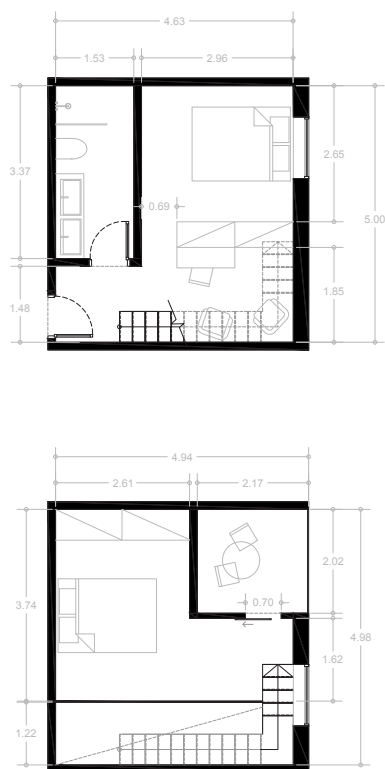


Paredes internas : Paineis e divisórias removíveis, leves, resistentes e de fácil manutenção



## 55. TIPOLOGIAS.

Diante da diversidade cultural, do estado civil e de faixa etária, nomeadamente, apresentada pela análise de perfil de usuário, optou-se traçar mais de uma tipologia de quartos. Dentre as variantes estão, como exemplo, a presença de varanda, tratar-se de um duplex e a quantidade de residentes por apartamento. Para uma melhor compreensão de todas as tipologias apresentadas:



**Fig. 93** Quarto duplex [4 pessoas]



**Fig. 94** Quarto duplex [4 pessoas]

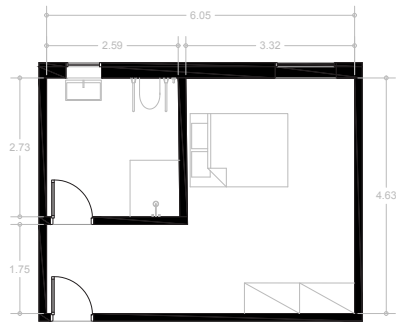


Fig. 95 Quarto de casal mobilidade reduzida



Fig. 96 Quarto de casal mobilidade reduzida

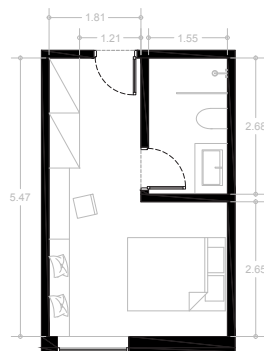


Fig. 97 Quarto de casal



Fig. 98 Quarto de casal

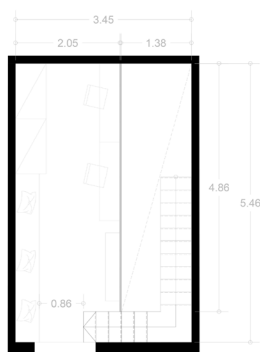
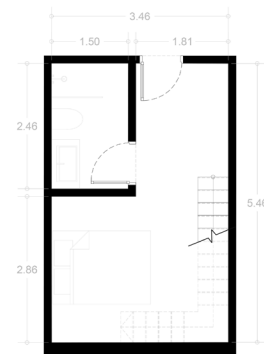


Fig. 99 Quarto de casal duplex



Fig. 100 Quarto de casal duplex

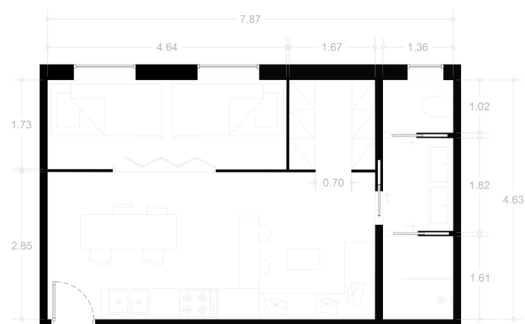


Fig. 101 Dormitório [4 pessoas]



Fig. 102 Dormitório [4 pessoas]

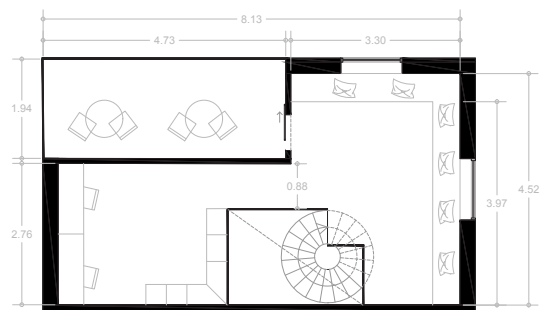
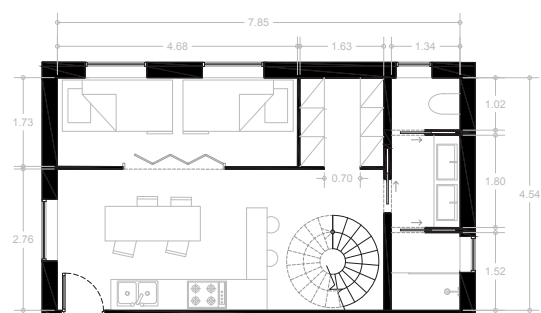


Fig. 103 Dormitório duplex [4 pessoas]



Fig. 104 Dormitório duplex [4 pessoas]

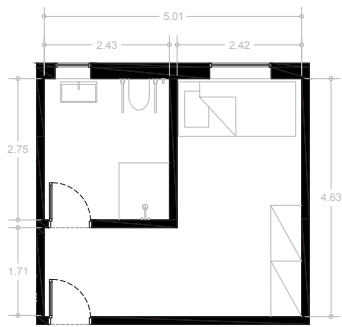


Fig. 105 Quarto individual mobilidade reduzida



Fig. 106 Quarto individual mobilidade reduzida

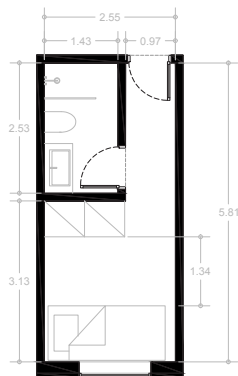


Fig. 107 Quarto individual



Fig. 108 Quarto individual

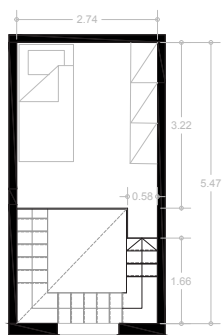
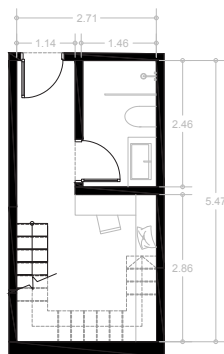


Fig. 109 Quarto individual duplex



Fig. 110 Quarto individual duplex



**"The miracle is this: more we share, the  
more we have."**

Leonard Nimoy



## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fig. 102 Perspetiva exterior fachada Norte



Fig. 103 Perspetiva exterior fachada Oeste



Fig. 104 Perspetiva exterior do pátio interno



A proposta de um complexo de habitação *co-living* em Odivelas surge a partir da confluência de inúmeras pesquisas, entre elas, a carência de alojamentos na zona de Lisboa e o aumento das partilhas de apartamentos, seja pelo crescimento dos movimentos *co-living* e *co-working*, por exemplo, ou pela frequente partilha de habitações privadas.

Para escolha da área de intervenção, buscou-se mapear as causas e consequências a fim de justificar posturas sociais e comportamentais marcantes nas análises obtidas, que envolvem, por exemplo, o processo de gentrificação e a intensificação dos vazios urbanos, bem como a de ocupação da malha urbana. O recorte estudado advém do frequente deslocamento para as zonas periféricas de Lisboa e tem como intuito, fortalecer os microcosmos e desenvolver internamente a região, desvinculando-a de muitos parâmetros do Centro de Lisboa.

Embora o contexto inserido e o lugar tenham sido conceitos essenciais para guiar as decisões projetuais, a falta de informações concisas acerca da história do edifício dificultou alguns estudos efectuados. Mesmo assim, foi possível interpretar as múltiplas camadas sobrepostas ao longo do tempo, bem como a herança social, emocional, material, económica e estrutural para o entorno, muito afetado, por exemplo pela pós revolução industrial.

Por fim, o projecto é baseado em estratégias que assistem à vivência partilhada não só entre os residentes do edifício, como também da população local. Influenciado, também, pelas referências teóricas e práticas, a proposta enquadra as necessidades identificadas, as pesquisas recentes e o potencial flexível para futuras adaptações, inserindo preocupações e discussões acerca de temas contemporâneos, como as reflexões atuais sobre a vida em comunidade.

**"Old ideas can sometimes use new  
buildings. New ideas must use old  
buildings."**

Jane Jacobs

## BIBLIOGRAFIA

Anton & Irene + SPACE10 [2019]. ONE SHARED HOUSE 2030. [online] Disponível em: <http://onesharedhouse2030.com/> [Acedido em Dezembro 2019]

ArchDaily [2014]. LT Josai / Naruse Inokuma Architects. [online] Disponível em: <https://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects> [Acedido em Outubro 2019]

ArchDaily [2015]. R50 – Cohousing / ifau und Jesko Fezer + HEIDE & VON BECKERATH. [online] Disponível em: <http://www.archdaily.com/593154/r50-nil-cohousing-ifau-und-jesko-fezer-heide-and-von-beckerath/> [Acedido em Outubro 2019]

ArchDaily [2015]. Coop Housing at River Spreefeld / Carpaneto Architekten + Fatkoehl Architekten + BARarchitekten. [online] Disponível em: [https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river-spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river-spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten?ad_source=search&ad_medium=search_result_all) [Acedido em Outubro 2019]

ArchDaily [2016]. Casa Gap / Archihood WXY. [online] Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy> [Acedido em Outubro 2019]

ArchDaily [2017]. MINI LIVING's First Permanent Building Will Transform a Paint Factory into a Co-living Hotspot in Shanghai. [online] Disponível em: [https://www.archdaily.com/884633/mini-livings-first-building-will-transform-a-paint-factory-into-a-co-living-hotspot-in-shanghai?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com/884633/mini-livings-first-building-will-transform-a-paint-factory-into-a-co-living-hotspot-in-shanghai?ad_medium=gallery) [Acedido em Dezembro 2019]

ArchDaily [2019]. Sou Fujimoto and The Collective Design Co-Living Spaces in New York. [online] Disponível em: [https://www.archdaily.com/925527/sou-fujimoto-and-the-collective-design-co-living-spaces-in-new-york?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com/925527/sou-fujimoto-and-the-collective-design-co-living-spaces-in-new-york?ad_source=search&ad_medium=search_result_all) [Acedido em Dezembro 2019]

ArchDaily [2019]. Um projeto de Habitação social em Zurique / Gus Wüstemann. [online] Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/912367/um-projeto-de-habitacao-social-em-zurique-gus-wustemann> [Acedido em Dezembro 2019]

ArchDaily [2019]. Moradia Popular Bavnehøj Allé / WE architecture. [online] Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/926014/moradia-popular-bavnehøj-alle-we-architecture> [Acedido em Dezembro 2019]

ArchDaily [2019]. 5 Winning Ideas to Fill New York City's Most Challenging Sites. [online] Disponível em: <https://www.archdaily.com/917122/5-winning-ideas-to-fill-new-york-citys-most-challenging-sites> [Acedido em Outubro 2019]

ArchDaily [2019]. Casas Económicas La Brea / Patrick Tighe + John V. Mutlow [online] Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/758564/la-brea-casas-economicas-patrick-tighe-plus-john-v-mutlow> [Acedido em Outubro 2019]



Archrends Portobello [2017]. Quem foi Le Corbusier e qual sua contribuição para a arquitetura? [online] Disponível em: <https://archrends.com/blog/quem-foi-le-corbusier/> [Acedido em Maio 2020]

BARBOSA, Joana [2017]. HABITAÇÃO COMUNITÁRIA, Lisboa: Faculdade de Arquitetura

CORFE, Scott [2019]. Co-Living: A Solution to the Housing Crisis?, Londres: The Social Market Foundation

COSTA, Gerson e OLIVEIRA, Pedro [2018]. Moradias Estudantis: Uma política pública na consolidação do Direito à Cidade, Bahia: Faculdade de Direito, UFBA

Ekonomista [2018]. Coworking: o que é e como funciona. [online] Disponível em: <https://www.e-konomista.pt/coworking/> [Acedido em Outubro 2019]

F. LORENZO, Pablo [2012]. La Casa Abierta, Madrid: E.T.S. Arquitectura [UPM]

GARCIA, Gabriela [2013]. SUSTAINABLE REGENERATION OF INDUSTRIAL BUILDINGS TO ASSURE MODERN DAY NECESSITIES, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

GRIMLEY, Chris e LOVE, Mimi [2020]. Cor, Espaço e Estilo, Brasil: Editorial Gustavo Gili

HEIDEGGER, Martin [2015]. Construir Habitar Pensar, Espanha: LA OFICINA

LOUÇÃO, Maria Dulce [2016]. Habitar o Desabitado, Casal de Cambra: Caleidoscópio

MACHADO, João [2019]. COLABORATIVO 1510: PROPOSTA DE UM EDIFÍCIO RESIDENCIAL EM CO-LIVING PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E JOVENS PROFISSIONAIS, Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

MCDANNELL, Christine [2018]. The Coliving Code, Polónia: CreateSpace Independent Publishing Platform

NEUFERT, Peter e NEFF, Ludwig [2008]. Casa, Apartamento, Jardim, São Paulo: Editorial Gustavo Gili

NEUFERT, E. (1998). Arte de Projetar em Arquitectura, São Paulo: Gustavo Gili.

Space10 e Urgent.Agency [2018]. IMAGINE: Exploring the brave new world of shared living, Copenhaga: Space10

Studio Weave [2018]. Living Closer. Studio Weave Publication

TÁVORA, F. [2008]. Da organização do espaço, Porto: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto

The Long+Short [2016]. Better Together? [online] Disponível em: <https://thelongandshort.org/spaces/coliving> [Acedido em Novembro 2019]

JLL [2019]. Portugal Coliving. [online] Disponível em: <https://www.jll.pt/pt/estudos-e-tendencias/estudos-de-mercado/portugal-coliving-follow-the-trend-2019> [Acedido em Maio 2020]

JLL [2019]. Portugal student housing. [online] Disponível em: <https://www.jll.pt/pt/estudos-e-tendencias/estudos-de-mercado/portugal-student-housing-2019> [Acedido em Maio 2020]

Jornal de Negócios [2017]. Faltam mais 13 mil camas para estudantes em Lisboa, Porto e Coimbra. [online] Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/imobiliario/detalhe/faltam-mais-de-13-mil-camas-para-estudantes-em-lisboa-porto-e-coimbra> [Acedido em Novembro 2019]

Ekonomista [2018]. Coworking: o que é e como funciona. [online] Disponível em: <https://www.e-konomista.pt/coworking/> [Acedido em Outubro 2019]

ELIAS, Caroline Gonçalves [2018]. Coabitar: proposta de moradia partilhada no Centro de João Pessoa, Paraíba: Universidade Federal da Paraíba

F. LORENZO, Pablo [2012]. La Casa Abierta, Madrid: E.T.S. Arquitectura [UPM]

FERREIRA, João Pedro Neto [2017]. ARQUITETURAS REVISITADAS: SOCIALISMO E HABITAÇÃO, Lisboa: Faculdade de Arquitectura

FERRERIO, Andrea [2017]. SUSTAINABILITY | Sustainable Co-living, Dinamarca: Aalborg University

FLENDER, Simon [2019]. Do It Together - Cohousing as a tool for finding better ways of living, Suécia: Lund University

GARCIA, Gabriela [2013]. SUSTAINABLE REGENERATION OF INDUSTRIAL BUILDINGS TO ASSURE MODERN DAY NECESSITIES, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

GRIMLEY, Chris e LOVE, Mimi [2020]. Cor, Espaço e Estilo, Brasil: Editorial Gustavo Gili

HEIDEGGER, Martin [2015]. Construir Habitar Pensar, Espanha: LA OFICINA

Jornal de Negócios [2017]. Faltam mais 13 mil camas para estudantes em Lisboa, Porto e Coimbra. [online] Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/imobiliario/detalhe/faltam-mais-de-13-mil-camas-para-estudantes-em-lisboa-porto-e-coimbra> [Acedido em Novembro 2019]

LI YU, Chan [2019]. Architecture Master Thesis - Shared Living for the Floating Population, Singapura: Singapore University Of Technology and Design

LOMBA, Ludmilla [2018]. Coliving Rio Vermelho, Bahia: Universidade Federal da Bahia

LOUÇÃO, Maria Dulce [2016]. Habitar o Desabitado, Casal de Cambra: Caleidoscópio

MACHADO, João [2019]. COLABORATIVO 1510: PROPOSTA DE UM EDIFÍCIO RESIDENCIAL EM CO-LIVING PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E JOVENS PROFISSIONAIS, Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

MCDANNELL, Christine [2018]. The Coliving Code, Polónia: CreateSpace Independent Publishing Platform

MONTEIRO, Renato Rica Soares [2014]. A FÁBRICA DO GINJAL, Lisboa: Faculdade de Arquitetura

MONTENEGRO, Bianca [2018]. Coliving, Brasília

NAVES, Bruno [2016]. COABITAR, Brasil: Universidade de Uberaba

NEUFERT, Peter e NEFF, Ludwig [2008]. Casa, Apartamento, Jardim, São Paulo: Editorial Gustavo Gili

NEUFERT, E. (1998). Arte de Projetar em Arquitectura, São Paulo: Gustavo Gili.

SILVA, Natana [2016]. The Big CO. Brasil: Universidade Estácio Uniseb

SPACE10 e Urgent.Agency [2018]. IMAGINE: Exploring the brave new world of shared living, Copenhaga: Space10

SPACE10 [2019]. The Urban Village Project. [online] Disponível em: [https://www.urbanvillageproject.com/?utm\\_medium=website&utm\\_source=archdaily.com](https://www.urbanvillageproject.com/?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com) [Acedido em Outubro 2019]

Studio Weave [2018]. Living Closer. Studio Weave Publication

TÁVORA, F. [2008]. Da organização do espaço, Porto: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto

The Long+Short [2016]. Better Together? [online] Disponível em: <https://thelongandshort.org/spaces/coliving> [Acedido em Novembro 2019]

TUMMERS, Lidewig [2017]. Learning from co-housing initiatives, Amesterdão: Architecture and the Built Environment

VANAZZI, Laura [2019]. URBAN CO-LIVING, Milão: Politecnico di Milano

ZAGALO, Romeu [2015]. COMUNIDADE, UMA FORMA DE PENSAR A CIDADE, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

**"You are the average of the five people  
you spend the most time with."**

Jim Rohn

## ANEXOS

- I. Fotografias do lugar de intervenção
- II. Paineis da cadeira de seminários de apoio ao PFM
- III. Paineis Finais do PFM
- IV. Fotografias das maquetes



Fachada Este



Fachada Norte



Fachada Norte





Fachada Norte



Fachada Norte



Fachada Sul





Fachada Sul



Interior





Interior



Interior



Interior





Interior



Interior



Interior





Interior



Interior



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

## CO-EXISTIR

## BIBLIOGRAFIA

comunidade

co-living

coexistência



flexibilidade

espacialidade

ambiência



1. The Coliving Code  
Christine McDannell  
2018
2. Living Closer  
Je Ahn | Olivia Tusinski  
2018
3. Imagine  
SPAC10 & Urgent.Agency  
2018
4. Cor, Espaço e Estilo  
Chris Grimley | Mimi Love  
2020
5. Casa, Apartamento, Jardim  
Ludwig Neff | Peter Neufert  
2008
6. Construir Habitar Pensar  
Martin Heidegger  
2015
7. La Casa Abierta  
Pablo Fernández Lorenzo  
2012

## PROJETOS DE REFERENCIA

Share House LT Josai - Japão | 2013  
Narus Inokuma ArchitectsUrban Village Project | 2019  
Ikea e EFFKT ArchitectsZoku - Amesterdão | 2015  
ConcreteCoop housing | 2013 | Berlim  
Carpaneto Architekten, Fatkoehl Architekten, BARarchitekten

percurso / permanência

espaços comuns

relações verticais

conceitos

vida em comunidade

tipologias

relações verticais

planta livre

organização espacial

programa

organização espacial

união do edificado

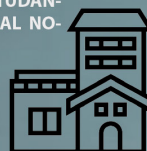
tipologias

materialidade

## PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITACAO

AO ANALISAR A CAPACIDADE E A DEMANDA POR ALOJAMENTO, PRINCIPALMENTE ESTUDANTIL, EM PORTUGAL NOTÁ-SE QUE:

TEMA E PROBLEMÁTICA



PROCURA



De modo a satisfazer todas as solicitações efetuadas, os dados mostram a carência de, pelo menos, 15 mil camas, sendo 10 mil situadas em Lisboa

Estudos em 2017 informam que duplicou o número de estudantes estrangeiros no país desde 2010

## OBJETIVOS

## Analisar e compreender:

Impacto do complexo no envolvente inserido

Potencialidade das novas habitações em Odivelas

Limitações, demandas e potencialidades de Odivelas

Relação aberta do edificado

## Promover e estimular:

Interação entre os habitantes

Consciência perante a cultura

Sentido de comunidade

Partilha de espaços, ideias e experiências

## Explorar:

\_ Formas de vida contemporâneas

\_ Benefícios e dificuldades do co-living e do co-working

\_ Tipologias de habitação para as necessidades identificadas

METODOLOGIA

IDEIA PROBLEMA

ANÁLISE REFERÊNCIAS

ESBOÇOS

SÍNTESE

CONCLUSÃO

## Pessoais

Estudar as dinâmicas e como isso muda o modo de habitar;

Aprofundar conhecimentos acerca das formas de habitar;

## Académicas

A importância da estratégia de habitação;

As vantagens e desvantagens da habitação coletiva;

Explorar conceitos de versatilidade, flexibilidade;

## CRONOGRAMA

ANÁLISE REFERÊNCIAS

DOCUMENTO ESCRITO

SET | OUT | NOV | DE



Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

## O CO-LIVING EM ODIVELAS



Alto custo de vida



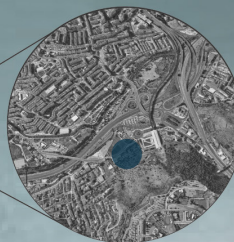
CENTRO LISBOA

Trabalho  
Universidades

### PROCURA DE ZONAS PERIFÉRICAS



Facilidade locomoção  
Proximidade ao centro  
Preços acessíveis



### 1. INTRODUÇÃO

- 1.1. O tema e a problemática
- 1.2. Objetivos gerais
- 1.3. Objetivos específicos
- 1.4. Questões de trabalho e hipóteses
- 1.5. Justificativa
- 1.6. Metodologia

### 2. VIDA COMPARTILHADA

- 2.1. Co-living
  - 2.1.1. Além da acessibilidade económica
  - 2.1.2. Como melhoria na qualidade de vida
  - 2.1.3. Habitação compartilhada ao longo dos anos
  - 2.1.4. Co-living ≠ Co-housing
  - 2.1.5. Co-living em Portugal
- 2.2. Coexistência
- 2.3. Comunidade
- 2.4. Formas de habitar
  - 2.4.1. Como projetar espaços que promovam a conexão social

### 3. ÁREA DE INTERVENÇÃO

- 3.1. Ruínas e memória
- 3.2. Localização
- 3.3. História
- 3.4. Local de intervenção
- 3.5. Tomografia
- 3.6. Serviços e Infraestruturas
- 3.7. Edificado envolvente
- 3.8. Espaços verdes
  - 3.8.1. "Green Corridors"

### 4. CASOS DE REFERÊNCIA

- 4.1. Share House LT Josai - Japão
- 4.2. Coop Housing - Berlim
- 4.3. Zoku - Amsterdão
- 4.4. Urban Village Project - SPACE10
- 4.5. Selina

### 5. COMPONENTE PROJETUAL

- 5.1. Conceito
- 5.2. Programa
- 5.3. Diretrizes projetuais
  - 5.3.1. Público alvo
  - 5.3.2. Circulação
  - 5.3.3. Ambientes
  - 5.3.4. Estrutura
  - 5.3.5. Materialidade
- 5.4. Tipologias
  - 5.4.1 Público
  - 5.4.2. Privado

### MOTIVAÇÕES

diversas culturas  
o se reflete no  
habitar;

a investigação  
formas de habi-

a da reabilitação como  
ativação do lugar;

s e desvantagens da  
compartilhada;

eitos como: criatividade,  
multiplicidade e



### O TERRENO ESCOLHIDO

- Proximidade com a estação de metro
- Grandes dimensões (cerca de 7mil m2)
- Encontrar-se abandonado
- Possuir contato direto com a natureza
- Ser beneficiado pela proposta de requalificação urbana de Odivelas, trabalhada em Laboratório de Projeto VI



Nas análises feitas na região,  
observou-se que:

É considerada por muitos uma CIDADE DORMITÓRIO

Há um grande contraste entre as margens, onde na margem sul da CRIL, existe carência de equipamentos urbanos

Grande abundância de água na região, que a população local aproveita para as diversas plantações de hortas

Existem muitas habitações consideradas ilegais

DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

LEITURA E ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA E CASOS DE REFERÊNCIA  
ANÁLISE DO PROGRAMA  
ESCALA URBANA  
OBJETO ARQUITETÓNICO  
ESCALA DE DETALHE

MEZ | JAN | FEV | ABR | MAI | JUN |





FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# CO-EXISTIR

## VANTAGENS DO CO-LIVING



Relações de vizinhança, entreajuda cotidiana, partilha de espaços e de atividades, cuidado de vulneráveis, mistura social e intergeracional, [...]



Participação cidadã na produção de cidades e territórios, abertura da residência para o entorno e para o bairro, gestão demográfica, [...]



Soluções ecológicas de proximidade, aproveitamento de espaços e equipamentos, densificação da habitação, ecoconstrução, [...]



Acesso a habitação de qualidade e baixo custo, divisão comunitária de custos, economia de estala, [...]



Adequação aos usos e usuários, inovações arquitetónicas, renovação da residência multifamiliar, [...]

## PARA QUEM?

O co-living não se trata apenas da falta de casas de baixa renda, mas também numa mudança de estilo de vida. Prevê-se globalmente um rápido crescimento de famílias unipessoais, na próxima década, tanto em países de classes baixas como também de média e alta.



Estudante



Imigrante/  
Viajante



Jovem  
trabalhador



Casal  
jovem

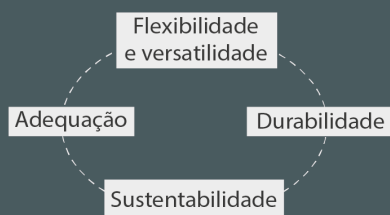


Solteiro  
com criança

## O SISTEMA CONSTRUTIVO

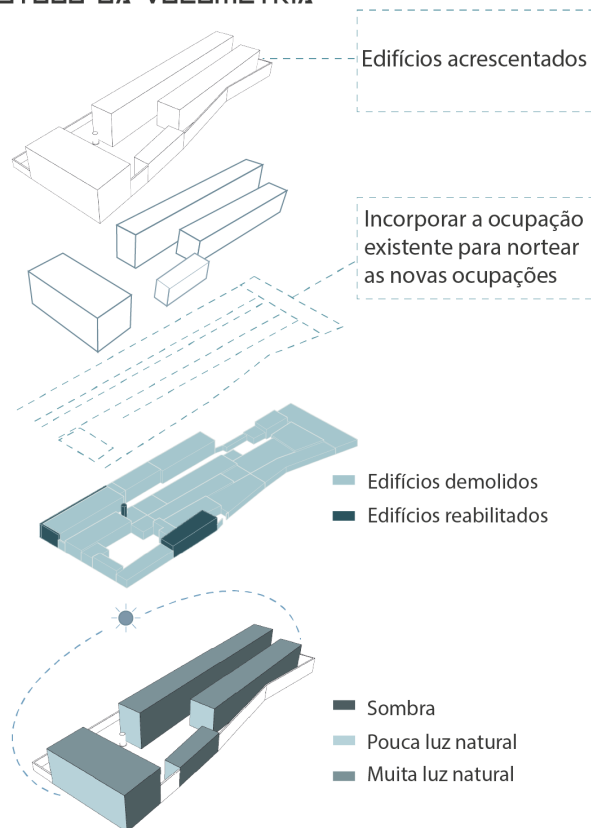
O sistema construtivo, a ser mais desenvolvido na próxima etapa, foi concebido para facilitar a flexibilidade e versatilidade do espaço e garantir a durabilidade e a manutenibilidade, adequando-se às demandas do projeto. Além disso, o complexo procura incorporar a sustentabilidade como conceito base das diretrizes projetuais, não apenas ao prever sistemas de captação de água e energia renovável, por exemplo, mas também ao buscar materiais de baixo impacto e estruturas pré-moldadas, reduzindo os resíduos provocados pela obra.

## CONCEITO

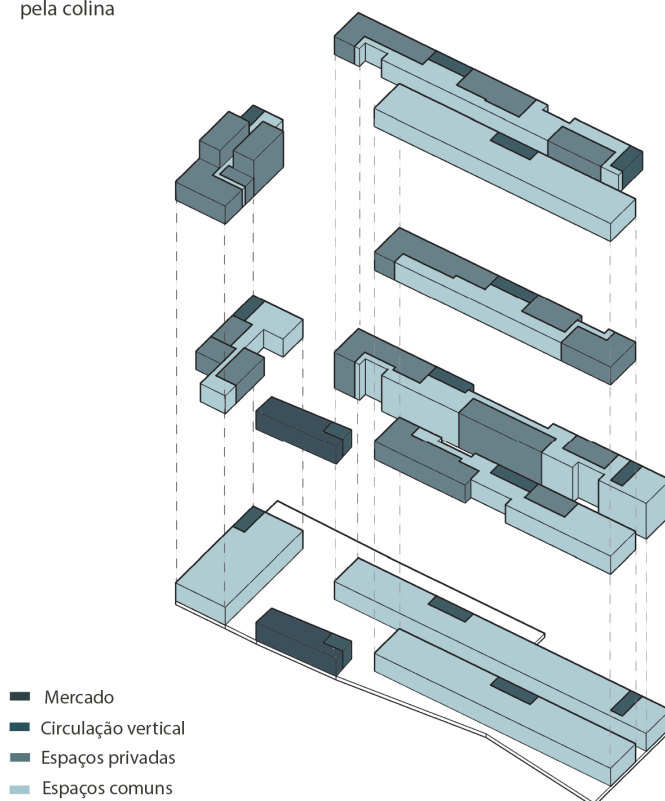


## PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITAÇÃO

### ESTUDO DA VOLUMETRIA



Pouca luz solar direta: sombra nas fachadas sul, provocada pela colina



Patrícia Caldeira Rosa | 20141473 | MIARQ 5D  
Orientadores: Prof. Dr. Pedro Rodrigues | Prof. Dr. Maria Dulce Loução  
Seminários de apoio ao PFM | Prof. Ana Marta Feliciano | Prof. Francisco Oliveira



Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

## ANÁLISE SWOT DO CO-LIVING EM ODIVELAS

ANÁLISE SWOT

### STRENGTHS

Forças

- x Contato direto com a natureza
- x Perto da estação de metro x Proximidade de Lisboa
- x Multiculturalidade e coesão social
- x Abundância de água na região

### OPPORTUNITIES

Oportunidades

- x Implementação de alojamento que hoje é escasso
- x Grande área para construção
- x Terreno atualmente abandonado
- x Aumento de comércio
- x Criação de habitação a preços acessíveis e adequados a todo o tipo de necessidades

### WICKNESSES

Fraquezas

- x Encosta cria sombra na fachada Sul
- x Necessidade de demolição do pré-existente
- x Pouco comércio
- x Escassez de equipamentos e espaços públicos
- x Ideia de risco e marginalidade

### THREATS

Ameaças

- x Linhas de água dentro do terreno (altura máxima de construção condicionada)
- x Torre de alta tensão próxima ao terreno
- x Grande proximidade com a CRIL
- x Habitações ilegais na encosta
- x Imagem de dormitório
- x Abertura da população para o co-living

## ESPAÇOS COMUNS

Dentre algumas preferências identificadas em Portugal, pelo "ONE SHARED HOUSE 2030" nota-se que:

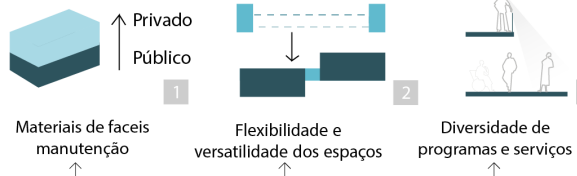
- Preferem ter espaços privados e comuns com limites claros
- Estão mais confortáveis em partilhar internet, jardins sustentáveis e espaços de trabalho
- Não precisam de própria cozinha privada, preferem uma cozinha comum para que possam ter espaços privado mais flexíveis
- Querem garantir que o quarto privado esteja fora dos limites quando não estiverem em casa
- Preocupam-se mais com a possível falta de privacidade

## DIRETRIZES PROJETUAIS

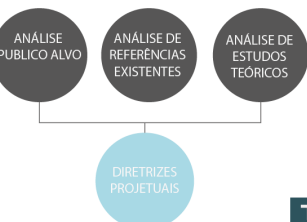
Hierarquia dos espaços

Aproveitar os percursos e estimular a integração

Intercomunicação entre os pavimentos



## ESPAÇOS PRIVADOS

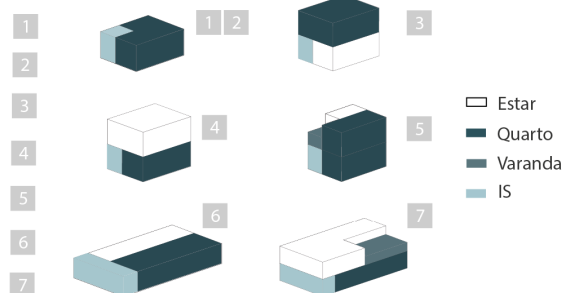


Pessoas com mobilidade reduzida

Com e sem varanda

## TIPOLOGIAS

- Solteiro (1pax)
- Casal (2pax)
- Solteiro duplex (1pax)
- Casal duplex (2pax)
- Casal duplex (4pax)
- Dormitório (4pax)
- Dormitório duplex (4pax)



# CO\_EXISTIR

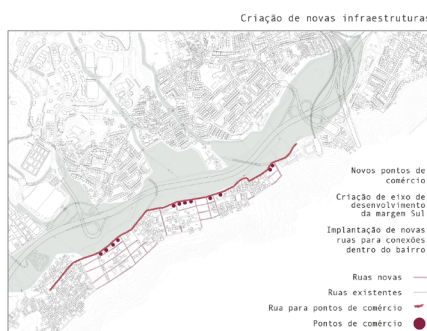
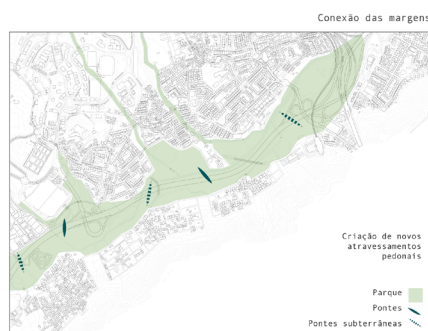
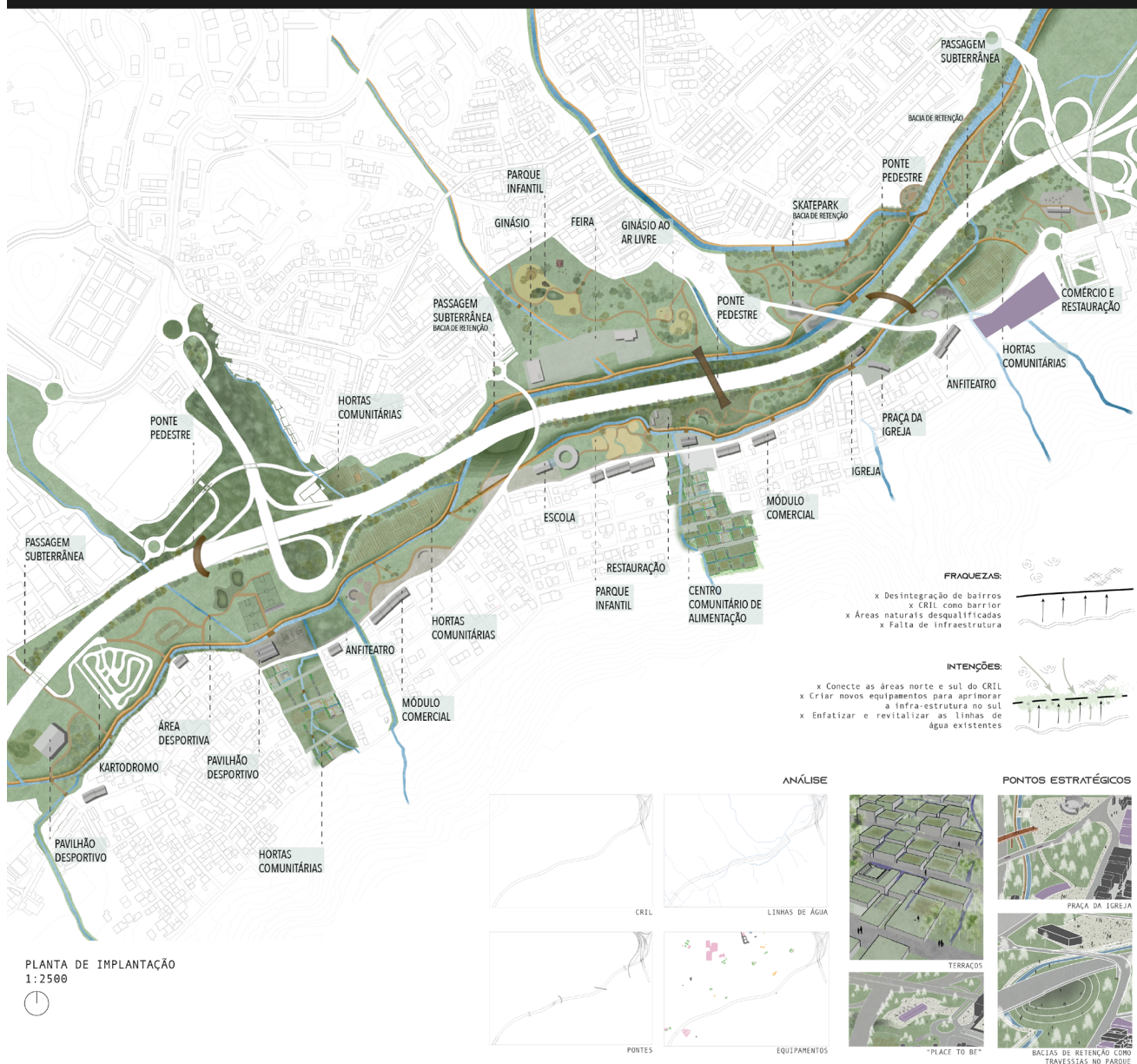
PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITAÇÃO CO-LIVING EM ODIVELAS



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

1





# CO\_EXISTIR

PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITAÇÃO CO-LIVING EM ODIVELAS

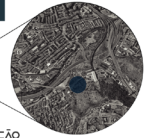
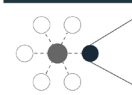
Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

2



PLANTA DE COBERTURA  
1:500

## PROCURA DE ZONAS PERIFÉRICAS



FACILIDADE LOCOMOÇÃO  
PROXIMIDADE AO CENTRO  
PREÇOS ACESSÍVEIS

## O TERRENO ESCOLHIDO

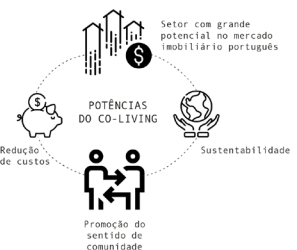
Proximidade com a estação de metro  
Grandes dimensões (cerca de 7mil m2)  
Encontrar-se abandonado  
Possuir contato direto com a natureza  
Ser beneficiado pela proposta de requalificação urbana de Odivelas, trabalhada em Laboratório de Projeto VI

## VANTAGENS DO CO-LIVING

- Relações de vizinhança, entreejada quotidiana, partilha de espaços e de atividades, cuidado de vulneráveis, mistura social e intergeracional, [...]
- Participação cidadã na produção de cidades e territórios, abertura da residência para o entorno e para o bairro, gestão demográfica, [...]
- Soluções ecológicas de proximidade, aproveitamento de espaços e equipamentos, densificação da habitação, ecoconstrução, [...]
- Acesso a habitação de qualidade e baixo custo, divisão comunitária de custos, economia de escala, [...]
- Adequação aos usos e usuários, inovações arquitetónicas, renovação da residência multifamiliar, [...]

## PARA QUEM?

O co-living não se trata apenas da falta de casas de baixa renda, mas também de uma mudança de estilo de vida. Prevê-se globalmente um rápido crescimento de famílias unipessoais, na próxima década, tanto em países de classes baixas como também de média e alta.



AO ANALISAR A CAPACIDADE E A DEMANDA POR ALOJAMENTO, PRINCIPALMENTE ESTUDANTIL, EM PORTUGAL, NOTA-SE QUE:

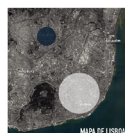
## TEMA E PROBLEMÁTICA



## PROCURA

De modo a satisfazer todas as solicitações efetuadas, dados mostram a carência de, pelo menos, 15 mil camas, sendo 10 mil situadas em Lisboa

Estudos em 2017 informam que duplicou o número de estudantes estrangeiros no país desde 2010



Alto custo de vida  
CENTRO LISBOA  
Trabalho  
Universidades

Nas análises feitas na região, observou-se que:

- X É considerada por muitos uma CIDADE DORMITÓRIO
- X Há um grande contraste entre as margens, onde na margem sul da CRIL, existe carência de equipamentos urbanos
- X Grande abundância de água na região, que a população local aproveita para as diversas plantações de hortas
- X Existem muitas habitações consideradas ilegais

## STRENGTHS

- X Contato direto com a natureza
- X Perto da estação de metro
- X Proximidade de Lisboa
- X Multiculturalidade e coesão social
- X Abundância de água na região

## OPPORTUNITIES

- X Implementação de alojamento que hoje é escasso
- X Grande área para construção
- X Terreno atualmente abandonado
- X Aumento de comércio
- X Criação de habitação a preços acessíveis e adequados a todo o tipo de necessidades

## WICKNESSES

- X Fraquezas
- X Encosta cria sombra na fachada Sul
- X Necessidade de demolição do pré-existente
- X Pouco comércio
- X Escassez de equipamentos e espaços públicos
- X Ideia de risco e marginalidade

## THREATS

- X Ameaças
- X Linhas de água dentro do terreno (altura máxima de construção condicionada)
- X Torre de alta tensão próxima ao terreno
- X Grande proximidade com a CRIL
- X Habitações ilegais na encosta
- X Imagem de dormitório
- X Abertura da população para o co-living

## ANÁLISE SWOT

# CO\_EXISTIR

PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITAÇÃO CO-LIVING EM ODIVELAS

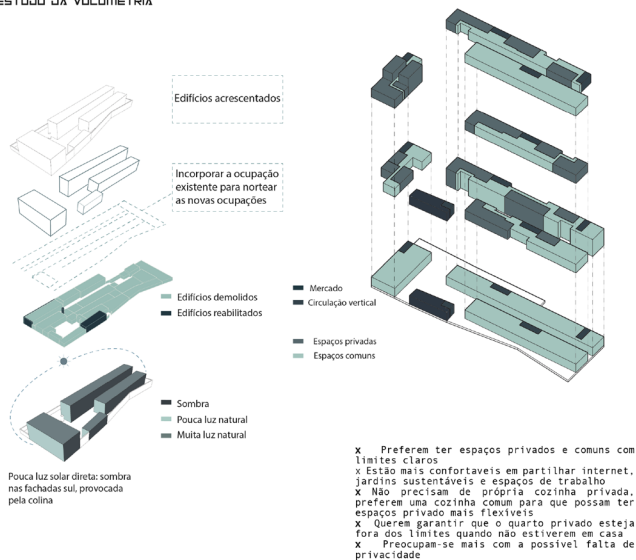


FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

3

## ESTUDO DA VOLUMETRIA



## DIRETRIZES PROJETUAIS



## MATERIAIS

## O SISTEMA CONSTRUTIVO



Como material principal utilizou-se o tijolo. Esse, além de solidificar a harmonia com o edifício existente, possibilita e incentiva a facilidade e o custo reduzido em obra e possui ótimas respostas, ao ser associado com sistemas de isolamento acústico e térmico. Por fim, há em abundância no mercado, inclusive com alternativas mais sustentáveis, como o tijolo de adobe.

Já para o sistema estrutural, considerou-se a necessidade de vãos maiores para atender aos objetivos descritos anteriormente. De modo a reduzir o impacto e os resíduos provocados em obra, optou-se por perfis metálicos pré-moldados.



Perspetiva exterior - fachada Norte



Perspetiva exterior - fachada Oeste



Perspetiva exterior - pátio interno



CORTE A  
1:200



ALÇADO NORTE  
1:200



# CO\_EXISTIR

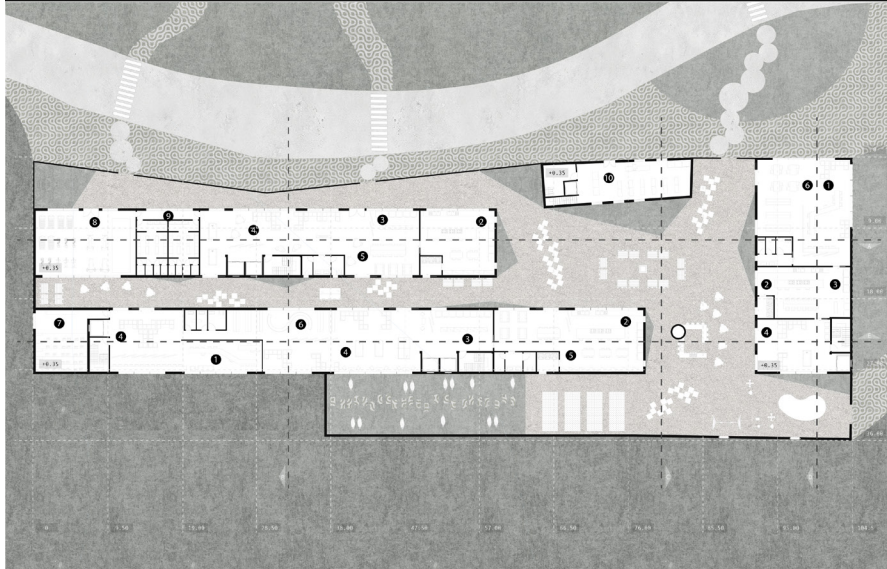
PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITAÇÃO CO-LIVING EM ODIVELAS



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

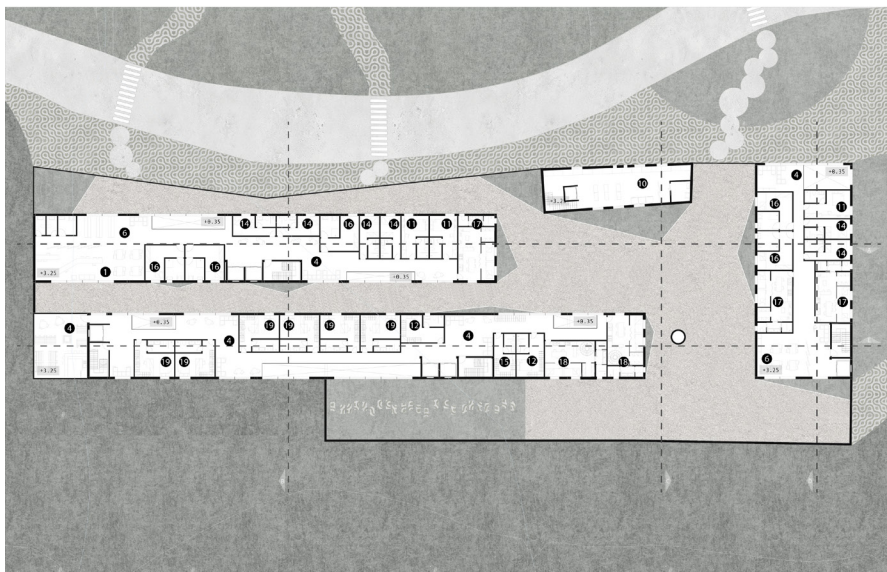
Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

4

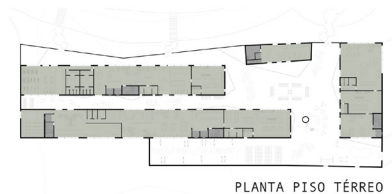


PLANTA PISO TÉRREO  
1:200

- 1 Espaço de trabalho
- 2 Cozinha
- 3 Lavandaria
- 4 Zona de estar
- 5 Espaço de refeição
- 6 Sala de leitura
- 7 Sala de cinema
- 8 Ginásio
- 9 Balneário
- 10 Mercado
- 11 Casal
- 12 Casal duplex
- 13 Casal MB
- 14 Individual
- 15 Individual duplex
- 16 Individual MB
- 17 Dormitório
- 18 Dormitório duplex
- 19 Duplex



PLANTA PISO 1  
1:200

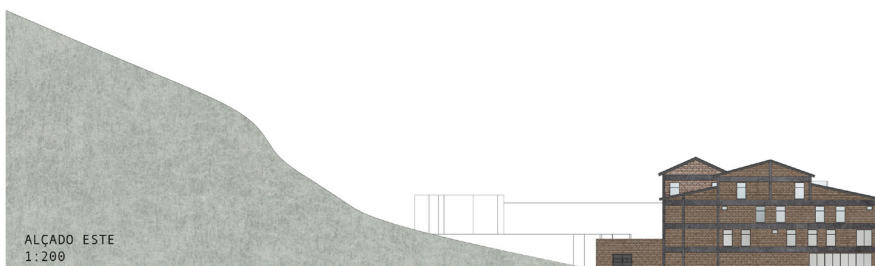


PLANTA PISO TÉRREO

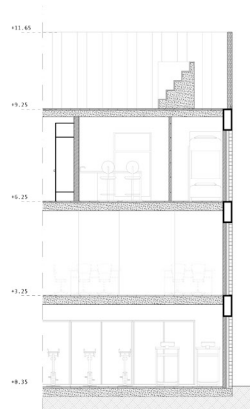


PLANTA PISO 1

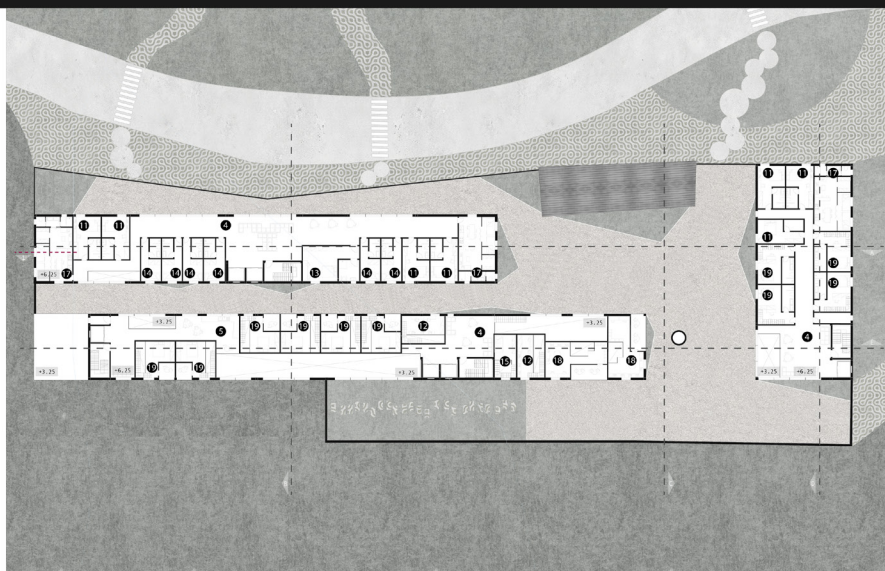
- Espaço público
- Espaço privado
- Circulação vertical



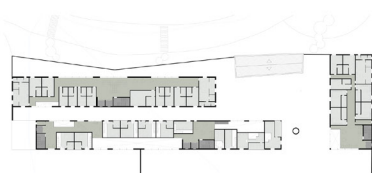
ALÇADO ESTE  
1:200



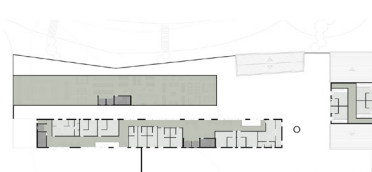
CORTE CONSTRUCTIVO 1  
1:50



PLANTA PISO 2  
1:200



PLANTA PISO 2



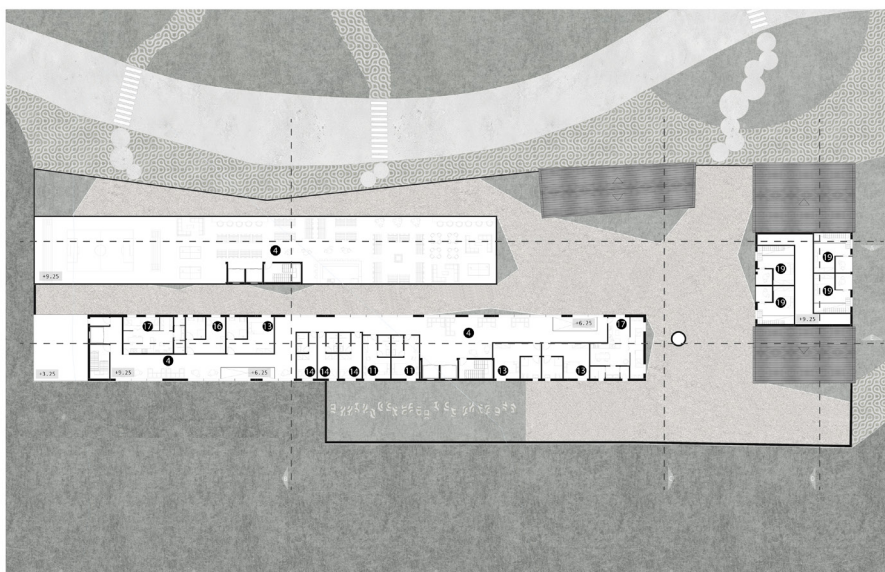
PLANTA PISO 3



DETALHE CONSTRUTIVO  
1:20



DETALHE CONSTRUTIVO  
1:50



PLANTA PISO 3  
1:200



ALÇADO OESTE  
1:200



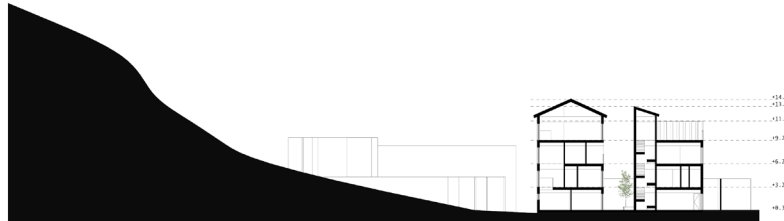
# CO\_EXISTIR

PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITAÇÃO CO-LIVING EM ODIVELAS



Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

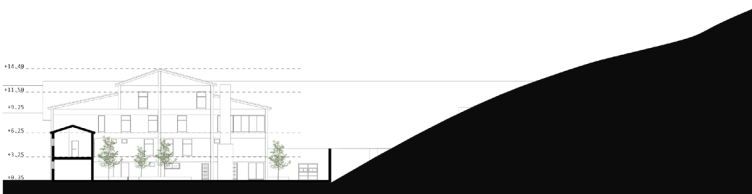
6



CORTE B  
1:200



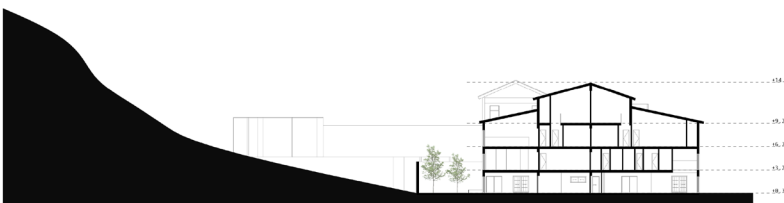
Perspectiva interior - corredor



CORTE C  
1:200



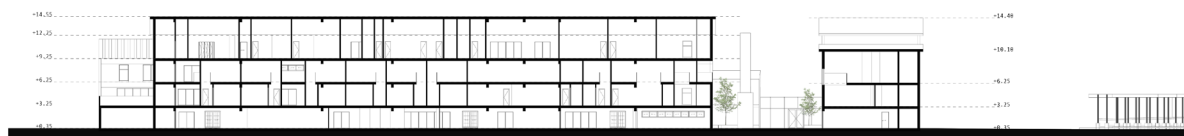
Perspectiva interior - zona de estar



CORTE D  
1:200



Perspectiva interior - zona de estar



CORTE E  
1:200



ALÇADO SUL  
1:200

# CO\_EXISTIR

PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITACAO CO-LIVING EM ODIVELAS

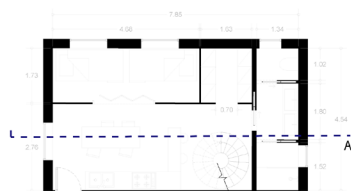


FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

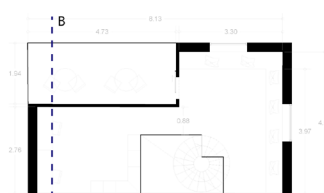
Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

7

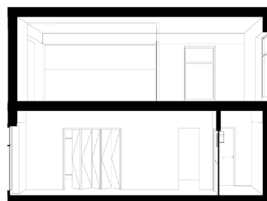
## DORMITORIO DUPLEX 4 PESSOAS



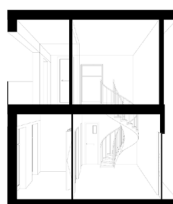
PLANTA PISO 0  
1:50



PLANTA PISO 1  
1:50



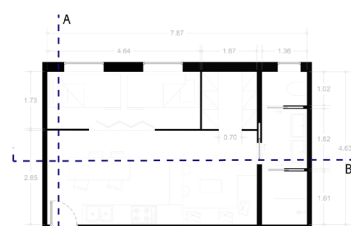
CORTE A  
1:50



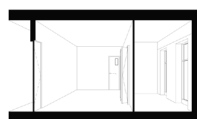
CORTE B  
1:50



## DORMITORIO 4 PESSOAS



PLANTA  
1:50



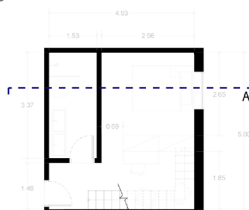
CORTE A  
1:50



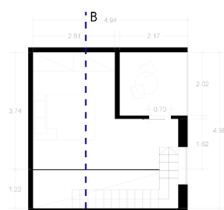
CORTE B  
1:50



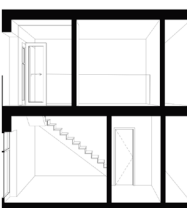
## DUPLEX 4 PESSOAS



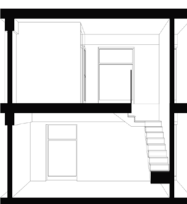
PLANTA PISO 0  
1:50



PLANTA PISO 1  
1:50



CORTE A  
1:50



CORTE B  
1:50



# CO\_EXISTIR

PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITAÇÃO CO-LIVING EM ODIVELAS

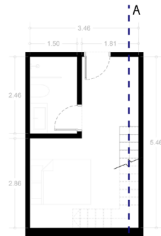


FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

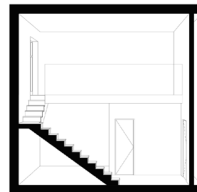
Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

8

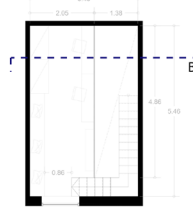
## CASAL DUPLEX 2 PESSOAS



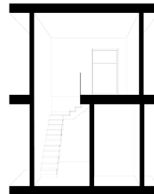
PLANTA PISO 0  
1:50



CORTE A  
1:50



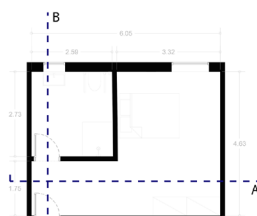
PLANTA PISO 1  
1:50



CORTE B  
1:50



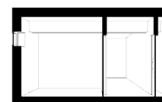
## CASAL MOBILIDADE REDUZIDA 2 PESSOAS



PLANTA  
1:50



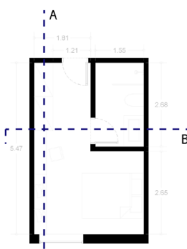
CORTE A  
1:50



CORTE B  
1:50



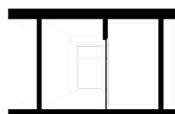
## CASAL 2 PESSOAS



PLANTA  
1:50



CORTE A  
1:50



CORTE B  
1:50



# CO\_EXISTIR

PROPOSTA PARA UM COMPLEXO DE HABITACAO CO-LIVING EM ODIVELAS

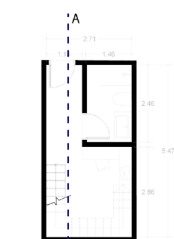


FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

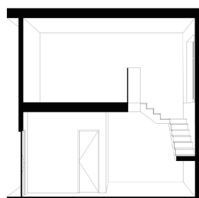
Co-living | Coexistência | Comunidade | Formas de habitar | Flexibilidade

9

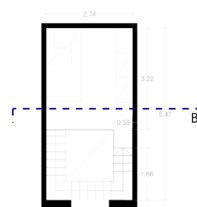
## INDIVIDUAL DUPLEX 1 PESSOA



PLANTA PISO 0  
1:50



CORTE A  
1:50



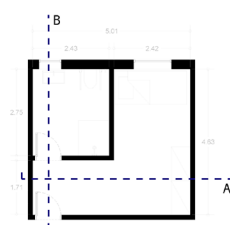
PLANTA PISO 1  
1:50



CORTE B  
1:50



## INDIVIDUAL MOBILIDADE REDUZIDA 1 PESSOA



PLANTA  
1:50



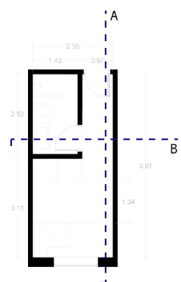
CORTE A  
1:50



CORTE B  
1:50



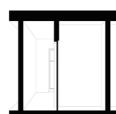
## INDIVIDUAL 1 PESSOA



PLANTA  
1:50



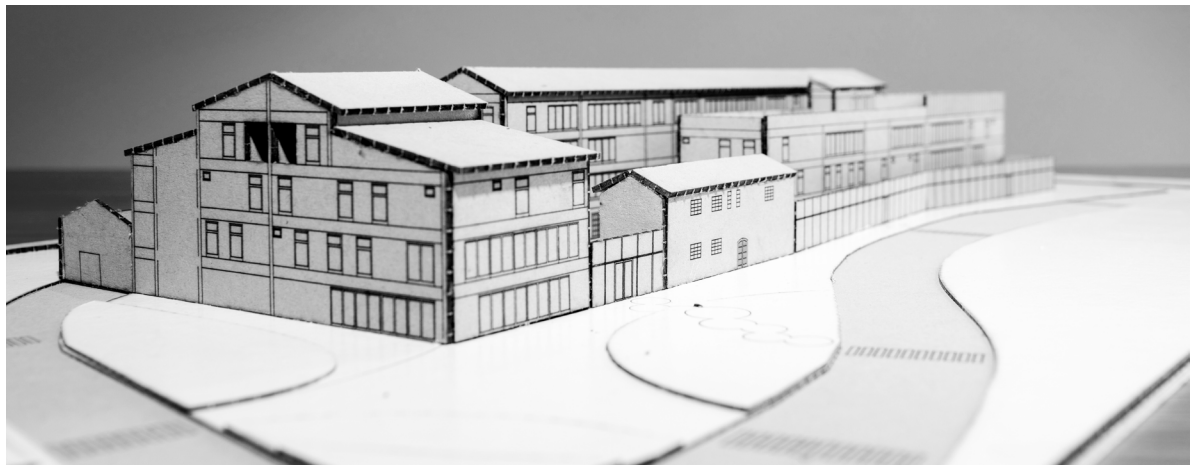
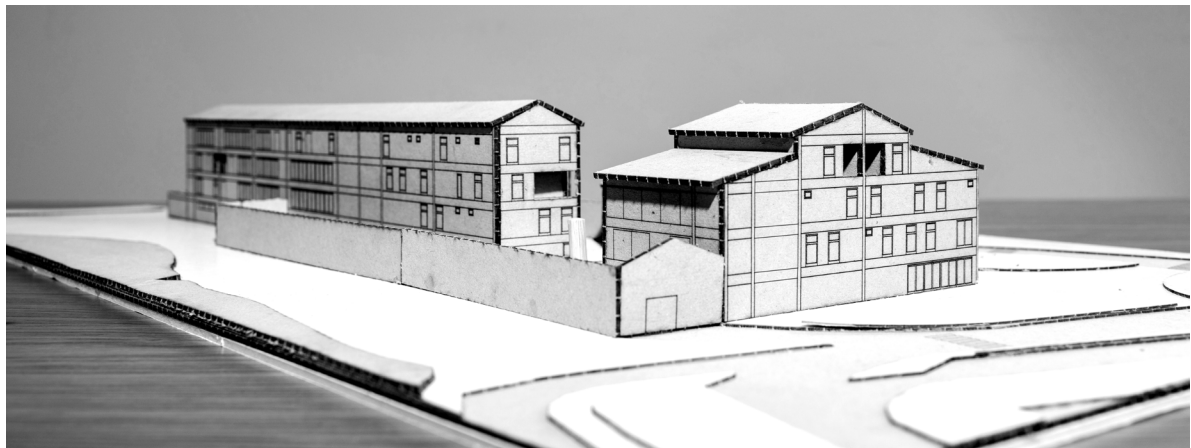
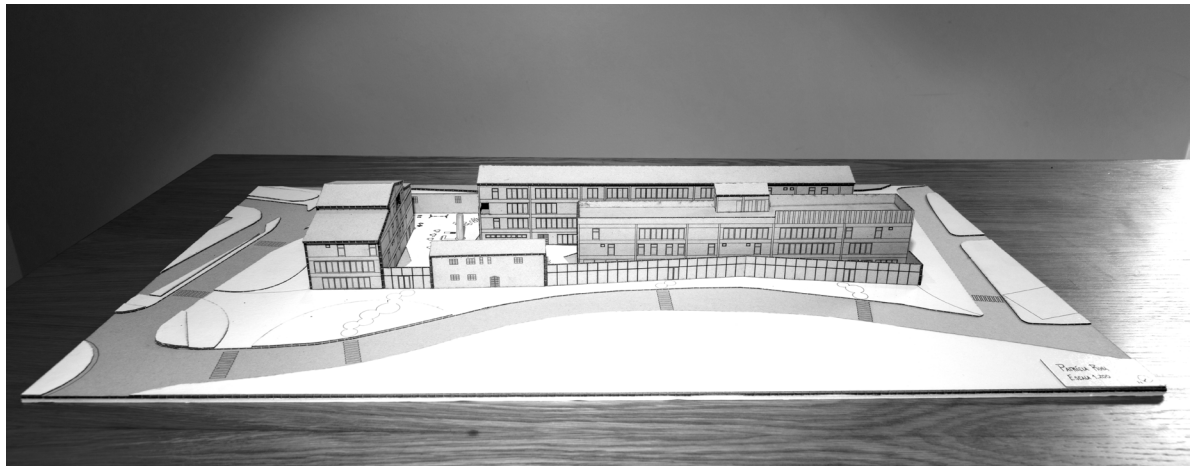
CORTE A  
1:50

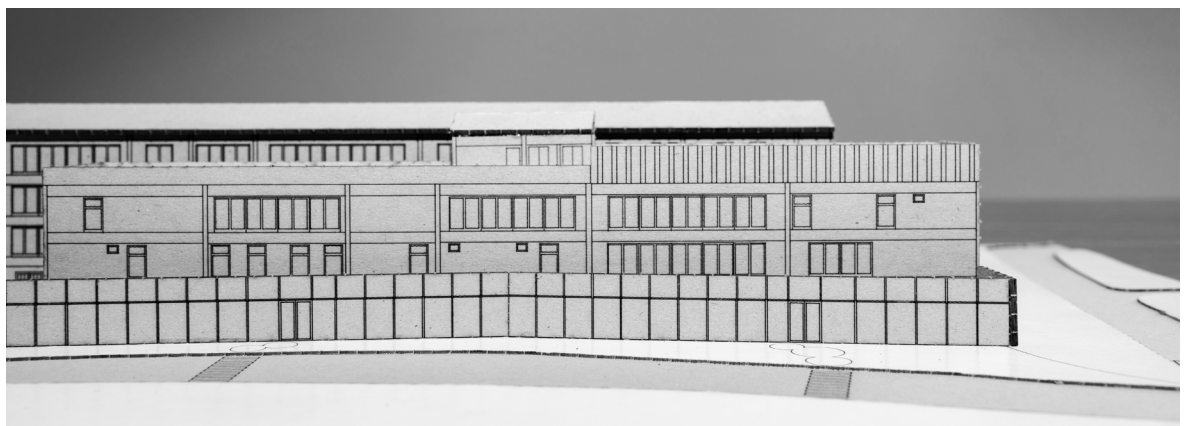


CORTE B  
1:50

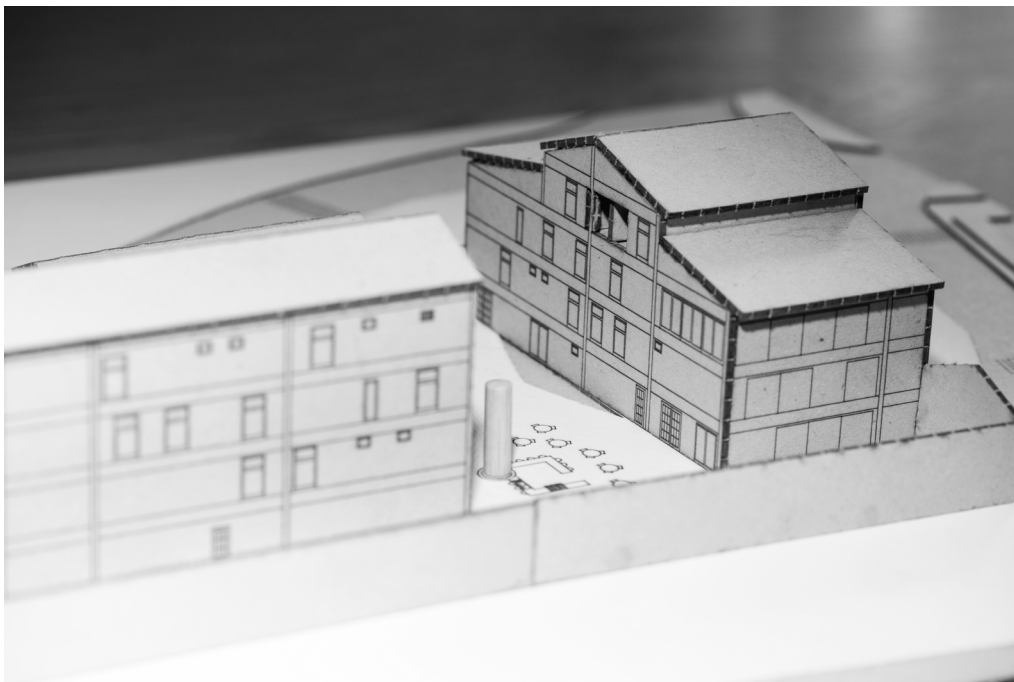
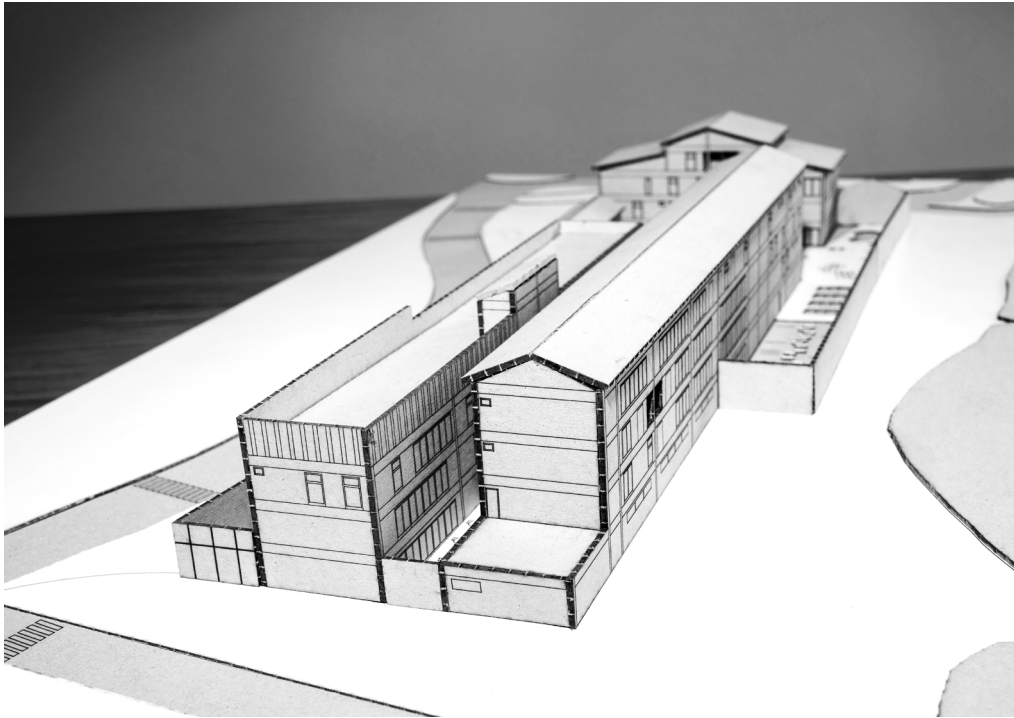










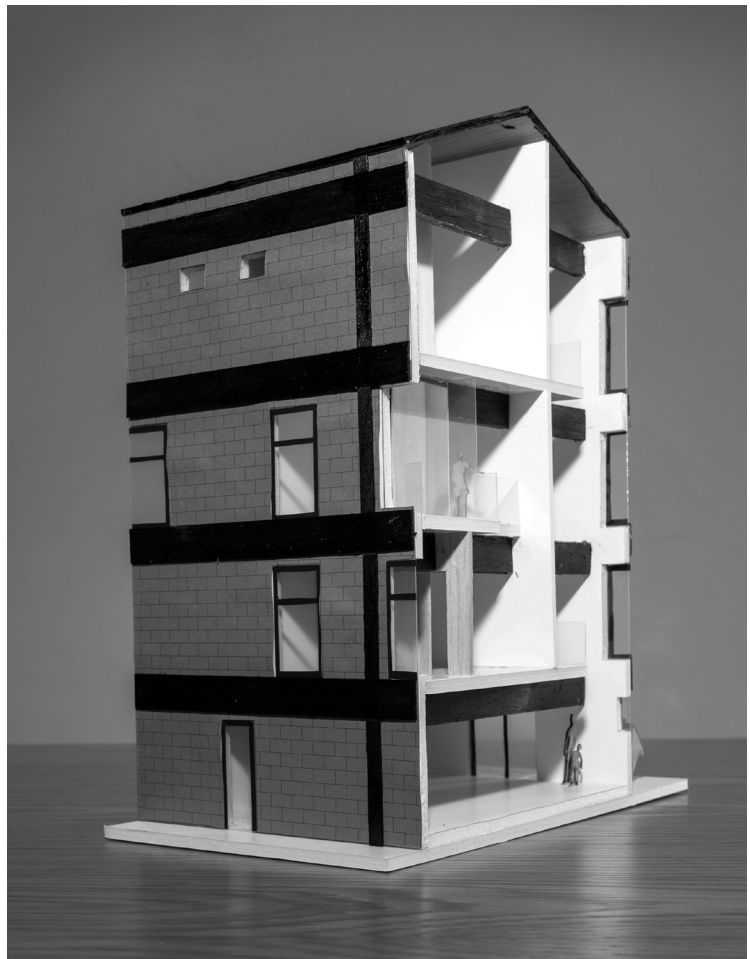


Maquete 1:200

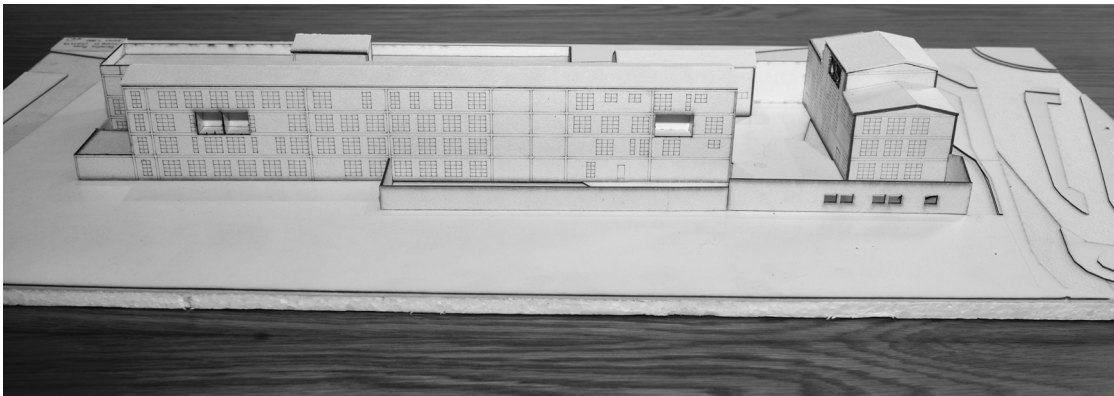
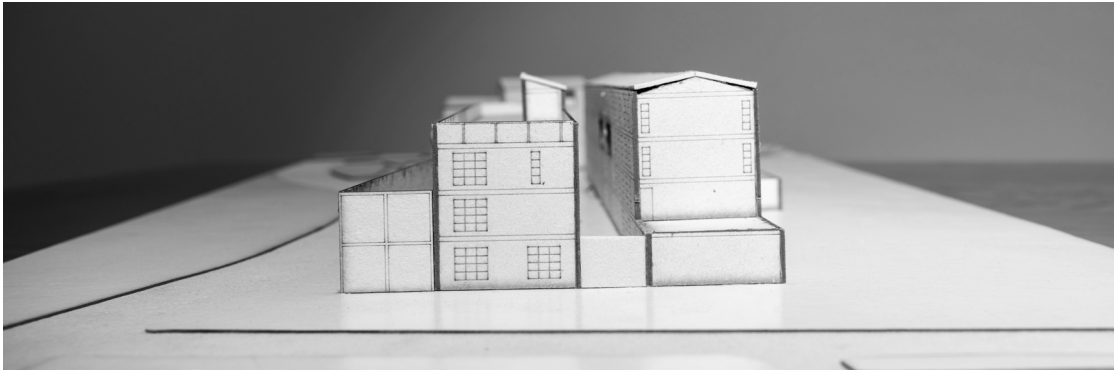
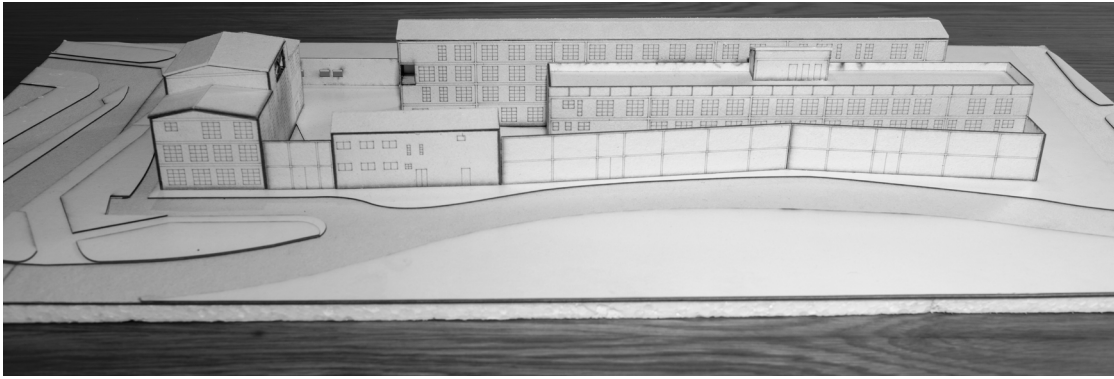








Maquete 1:50



Maquete de estudo 1:200

